Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

JOAO PAULO DOS SANTOS

AS GRANDES CAPAS DE DISCOS DE VINIL E SEU MERCADO NOS ANOS 70: APELO OU ARTE? NOSTALGIA OU CONSUMISMO?

Assis, 2010

Av. Getúlio Vargas, 1200 – Vila Nova Santana – Assis – SP – 19807-634
Fone/Fax: (0XX18) 3302 1055 homepage: www.fema.edu.br

Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

AS GRANDES CAPAS DE DISCOS DE VINIL E SEU MERCADO NOS ANOS 70: APELO OU ARTE? NOSTALGIA OU CONSUMISMO?

Trabalho apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilidade em Publicidade e Propaganda do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção de Certificado de Conclusão.

Orientando: João Paulo dos Santos
Orientadora: Profª. Doutora: Elizete Mello da Silva

Assis, 2010.

FICHA CATALOGRÁFICA

SANTOS, João Paulo.
As Grandes Capas de Discos de Vinil e seu Mercado nos Anos 70: Apelo ou Arte? Nostalgia ou Consumismo? / João Paulo dos Santos. Fundação Educacional do Município de Assis: Assis, 2010.
110p.

Orientadora: Profª. Elizete Mello da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA.

1. Arte. 2. Música. 3. Indústria Fonográfica. 4. Rock and Roll. 5. 1970.

CDD: 659.1
Biblioteca da FEMA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e minha família por ter me dado condições necessárias o suficiente para que eu pudesse estudar.

Ao professor de fotografia Paulo Miguel que me forneceu os discos e todo ensino, apoio, amizade e auxílio com os trabalhos fotográficos.

À minha orientadora, professora Dedé, por sempre ter me dado apoio em minhas escolhas, no auxílio de material, em nossa amizade e sua orientação de grade valia.

À professora Rose, pelo auxílio, apoio, ensino e amizade construídos em quatro anos de curso.

E a todos os professores e amigos, que sempre estiveram ao meu lado quando precisei.

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares, meu pai José Aparecido “Zezinho”, minha mãe Zoneide e minhas irmãs Christiane e Lígia, pelo apoio e consideração e por constituir a base da minha formação, tanto na minha vida, na família quanto nos estudos. Aos meus amigos e professores que me deram grande apoio e ensino.

Sou eternamente grato a todos.

COMISSÃO AVALIADORA

Profª. Elizete Mello da Silva (Orientadora)
Profª. Rosemary Rocha Pereira da Silva (Banca)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo proporcionar uma extensa análise sobre o comportamento humano diante de um produto exposto no mercado para a massa consumista, o disco de vinil, e expor a questão “é possível construir arte em uma embalagem de produto?” O vinil, muitas vezes tido como verdadeiras obras de artes do século XX pelas suas capas e seu formato singular, atraiu e ainda atrai o consumo da mesma mesmo em meio a era digital, transformando o LP em um ícone da música popular mundial. E entenderemos o que fez e o que ainda faz as pessoas se deslumbrarem com seus grandes encartes cheios de grafismos, fotografias e pinturas, elevando o vinil como uma das mais importantes mídias do século e de toda a história da música mundial.

Palavras-chave: arte, música, indústria fonográfica, rock and roll, 1970

ABSTRACT

This Course Conclusion Work has as aim supply an analysis about behavior conduction beyond a product offered to the costumers in the market, long play (LP). This research intends to show the question: is it possible to make art in a product packing? Product packings are considered like main work of art at the 20th century. Even an ordinary shape they have attracted and still attract their acquirement in the digital area, by the way, vinyl is an icon of world popular music. The work analyses why people keep enjoying on with record players packs and booklet or folders full of designs, photographs and paints and this raising vinyl to the top of the media of this century and of the music history.

Keywords: art, music, music industry, rock and roll, 1970s

SUMÁRIO

Introdução..... 10
Capítulo I – A arte nos anos 70..... 13
1.1 – O que é arte?..... 14
1.2 – Os movimentos artísticos da década de 70..... 17
1.3 – O Rock and Roll..... 30

Capítulo II – A Indústria Fonográfica..... 35
2.1 – A indústria e o mercado da música..... 36
2.2 – Um breve histórico do disco de vinil..... 51
2.3 – Arte gráfica: Os encartes dos discos de vinil nos anos 70..... 53

Capítulo III – O mercado de capas de vinil na década de 70: Apelo ou arte? Nostalgia ou consumismo?..... 66
3.1 – Análise dos encartes..... 67
3.2 – Arte ou apelo?..... 98
3.3 – Nostalgia ou consumismo..... 112
Considerações Finais..... 119
Bibliografia..... 120

.

INTRODUÇÃO

O disco de vinil tornou-se um objeto de grande veneração em minha vida até então. Infelizmente, peguei o final de sua existência na metade dos anos 90. Quando criança adorava escutar os discos eruditos e de MPB dos meus pais, era uma sensação única de se ouvir o disco rodando naquela agulha que produzia alguns chiados, enquanto eu observava as grandes e belas capas. Portanto, cresci ao som do vinil! A escolha do tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, não podia ser por menos: a análise dos grandes encartes de vinil.

Quando iniciei o curso Publicidade e Propaganda, já tinha em mente em qual área eu poderia me especializar: a criação. Quando entrei na Agência laboratório da própria instituição, a Geração Propaganda, por três anos de estágio consegui aprender o suficiente para que eu pudesse desenvolver a minha criação e o caminho para a minha especialização. O que me deu sustento para elaborar essa análise foi unir o útil ao agradável: Na elaboração da minha monografia busquei na história da minha infância e no sentimento pelo vinil para servir de tema para a minha análise científica.

O estudo dessa análise, dedicados durante meses de esforço de pesquisas, tem como principal objetivo levantar as questões acerca dos discos de vinil e suas grandes capas gráficas. Seria possível construir uma arte em um produto massificado? O que levou as pessoas a adquirir os discos de vinil nos anos 70 e o que as levam ainda a consumirem ainda hoje, mesmo sendo o vinil, um nicho de mercado? Nos anos 70 seria apelo ou arte? E nos dias de hoje, nostalgia ou consumismo? Todas essas questões estão apresentadas e respondidas em três capítulos.

No primeiro capítulo há um contexto geral, evidenciando os principais significados da Arte, a descrição do surgimento dos movimentos artísticos na década de 70 e o “boom” do estilo musical mais contestador da história, o Rock and Roll, sendo esses, grandes influenciáveis que deram vazão na elaboração do trabalho. No segundo capítulo o foco é mais centralizado, contendo em ordem cronológica a monopolização da indústria fonográfica e o mercado musical; um

breve histórico do vinil e o surgimento dos ilustradores de capas e suas criações artísticas.

E no terceiro e último capítulo é a apresentação central do tema, contendo uma análise estrutural de seis capas de vinil, tendo por base seus conceitos artísticos, relações com obras de arte e o estudo das cores e simbologias; por fim, a descrição do estudo das questões principais: apelo ou arte? Nostalgia ou consumismo?

Concluindo, portanto, a análise significativa desse trabalho sobre arte, música e muito Rock and Roll!

Boa leitura!

"A arte não reproduz o que vemos. Ela nos faz ver."

(Paul Klee)

Capítulo I

A arte nos anos 70

1.1 – O que é arte?

Existente desde que há indícios do ser humano na terra, a arte não tem data, ou seja, não há registro de seu início. Em suas várias definições a arte, em sua essência, está diretamente ligada à cultura dos povos. Descreve-se o cotidiano para explicar e descrever suas atividades como os homens na Pré-História ou para representar Deuses na antiga Grécia.

O mundo sempre evoluiu ao longo dos séculos, assim como a arte que, desde seu conhecimento, passou por várias transformações. Principalmente no mundo ocidental onde ela se expandiu e revolucionou a humanidade de várias formas, seja na maneira de agir ou pensar. Cada povo com sua cultura, cada cultura com sua arte; cada uma delas representa um significado, uma crença, místico ou religioso.

A representação da cultura dos povos é representada por essa atividade, que faz com que descreva na História a divulgação de suas emoções, seus sentimentos. Mas cada cultura com sua concepção. Assim como os homens da Pré-História que descreveram suas atividades diárias nas paredes das cavernas, os povos egípcios acreditavam em suas crenças em formas de pinturas ou grandes esculturas ou a cultura grega que representavam em esculturas as formas humanas nuas, pois acreditavam na beleza como ser superior.

Mas a arte se encontra em diferentes formas de atuação; na arquitetura como evolução da arte da cultura Egéia, Grega e Romana; na pintura que criaram-se diversas técnicas de representação em telas e criações de diversas cores como a arte bizantina; na dança, representativa de cada povo; na ramificação na literatura; a arte da representação de imagens em fotografia; na encenação da vida nas artes cênicas, no teatro e no cinema e nas manifestações em melodia de caráter singular da música.

Todas essas formas de arte existem entre elas uma coisa em comum: o sentimento. Toda forma e técnica de arte consistem na forma de se expressar, de buscar dentro de si algo em comum, algo que manifeste e exprima toda sua paixão, todo seu interior, que busque até mesmo a perfeição no momento da ação. Sobretudo, não só se valoriza o sentimento, mas também a beleza estética.

A relação da beleza estética sempre foi questionada. Se existem, em todas as obras, uma relação de estética? Constatar se em todas as obras existentes há ou não valor estético, é uma questão de analise bem profunda. O que torna uma obra única, não é somente o sentimento exposto, mas também se há um perfeito equilíbrio entre os elementos.

> "... Na verdade, a preocupação do homem com a beleza está tão presente nas culturas, que até mesmo os objetos essencialmente úteis são concebidos de forma harmoniosa e apresentam-se em cores muito bem combinadas. Isso pode ser constatado quando observamos uma urna grega, um astrolábio do século XVI ou um moderno automóvel com suas cores brilhantes e suas formas aerodinâmicas."
>
> (PROENÇA,1995, p.8).

A relação do homem com os objetos é uma singularidade a parte. Ele os criou para satisfazer as necessidades práticas, para servir de auxilio no dia-a-dia, como os utensílios domésticos. Porém, foram criados outros objetos como forma de expressão, e não para serem totalmente úteis. A criação da arte é para satisfazer as necessidades sentimentais e emocionais do ser humano, para estimular e distrair a si mesmo e aos outros; para divulgar suas crenças, seus valores e até mesmo criar características de formas discutíveis, instrutivas e até polêmicas.

Mas será que tudo o que se cria pode ser considerado arte? Nem tudo, pois o valor estético de uma obra é essencial, no mínimo indispensável para se tornar uma obra artística.

Mas há quem questione até mesmo as formas de um objeto que serve não só para executar melodias em cordas, mas também como um exemplo de objeto de dupla aparência: o violão, como instrumento musical e como um objeto de arte.

A arte, no entanto, proporcionou ao longo dos séculos criações de obras magníficas, verdadeiras evoluções no campo da concepção humana. No século XX houve verdadeiras evoluções que transformou o mundo, seja no teatro, no cinema e até mesmo na música.

As criações no campo da arte no século XX são muito significativas, no mínimo interessantes. Como a criação da guitarra elétrica, que revolucionou a música, que essa se ramificou em diversos tipos de expressões; a evolução da

fotografia, do cinema como sétima arte. Mas um objeto que foi criado nos anos 50 tornou-se um objeto fino de arte: o disco de vinil. Muito apreciado, tornou-se uma obra em sua época. Não só o formato distinto do vinil, como a embalagem (encarte) que o envolvia, se tornou peça de arte única. Explorado como um mini quadro de pintura, onde há milhares de expressões e diversos tipos de desenhos, pinturas e fotografias, tornou-se um artefato pop no século XX.

> "... A arte não é como vemos, algo isolado das demais atividades humanas. Ela está presente nos inúmeros artefatos que fazem parte do nosso dia-a-dia."
>
> (PROENÇA,1995, p.8).

Em resumo, a arte em si destaca a percepção humana em seu estado de caráter mais íntimo, contendo profundos sentimentos, carregados muitas vezes de expressões de caráter estético e experiência pessoal, sensações que nos fazem ir muito além de nossas concepções. Se expressa em diferentes âmbitos e em diversos significados.

1.2 - Os movimentos artísticos na década de 70

Final dos anos 60 e início dos anos 70, período de transição que transformou o mundo em diversas formas. Na economia com a crise do petróleo em 1973; com a política na duradoura Guerra Fria, a intensa Guerra do Vietnã e nos avanços das tecnologias. Mas deu uma guinada principalmente na arte e na música, onde em favor do mundo em constante evolução e revoluções, criaram-se novos conceitos em relação ao mundo, novas maneiras de agir, de pensar, de lhe dar com as pessoas. Neste contexto entra em cena a capacidade e a atitude da sociedade de se voltar contra o poder opressivo do sistema, gerando uma intensa revolução comportamental na sociedade.

"Freedom
Freedom
Freedom
Sometimes I feel like a motherless child
A long way from my home"

"Freedom"
Richie Havens

Um período histórico de crises globais e momentos de devaneios, que levou o mundo a acreditar em suas próprias convicções, deixou de lado seus medos para acreditar no que é possível de se alcançar; de se lutar pela igualdade e justiça, pela paz e pela união, por um estado mais humano e menos tirano. É nessa reviravolta política e social, que os movimentos artísticos se destacam e ganham força na década de 70.

Na música, a expressão dos movimentos se tornou algo relativamente de grande transição, algo de grande valia, que transformou toda uma sociedade carente de soluções e sufocada pelo poder. Um dos movimentos mais revolucionários, sem duvida nenhuma, foi o movimento Hippie.

O surgimento do movimento ocorreu na metade dos anos 60 em São Francisco-CA e teve seu desgaste na década de 70. Tendo como adeptos jovens, músicos,

artistas em geral, estudantes universitários contestadores e professores desgostados com o sistema de ensino.

Como principal idealismo, o movimento de contracultura buscava o *amor livre e a não-violência,* negavam o nacionalismo, lutando, principalmente, contra a Guerra do Vietnã e toda a sociedade e o poder do estado, que impõe os valores tradicionais de uma época totalmente repressiva. Os Hippies adotavam uma política social passível e bastante notória; viviam como nômades e em comunidades; usavam barbas e cabelos compridos, roupas extravagantes e coloridas em apologia ao psicodelismo, usavam drogas como a maconha e o LSD para a libertação espiritual e o culto pelo amor e prazer livre, seja ele físico, sexual ou intelectual.

Abusavam de uma vida bem peculiar; ligados à natureza, mantinham a pratica do nudismo e a emancipação sexual; vivendo e produzindo independentemente dos mercados formais. A essência do movimento é a ligação entre a religião budista/hinduísta e a cultura indiana e oriental. Como libertação e protesto por meio da música, tinham preferência por certos estilos de música como o Rock Psicodélico, Folk e o Hard Rock.

Os Hippies eram artistas incompreendidos, muitas vezes tratados como “anti-higiênicos”, mas defendiam uma causa nobre que não era compreendida pela sociedade, mas que aos poucos foram introduzindo seus ideais e seu lema de maior existência “faça amor, não faça guerra”.

No Brasil a existência da ideologia só foi ganhar força nos anos 70 onde se arrastou até final dos anos 90; muitos dos artistas brasileiros da MPB, Bossa Nova e Jovem Guarda adotavam a vestimenta e o modo de pensar do movimento. E havia artistas que engajavam mais diretamente no movimento como o trio musical Sá, Rodrix & Guarabyra com a canção *Primeira Canção da Estrada,* onde é narrada a história de um personagem de 17 anos, com suas roupas rasgadas, ausente de casa há um mês e tomando o rumo da estrada. Os elementos da narração tomam vida à ideologia Hippie, onde o personagem busca uma vida fora dos padrões vigentes, buscando seus ideais e sonhos diante da estrada. Mas como ícone do movimento brasileiro e principal mentor, Raul Seixas se tornou o maior representante do rock brasileiro, passando a ser um artista único e contestador.

O lema “Paz e Amor” *(Peace and Love)* traduzia bem a política dos Hippies que constituíram um movimento por direitos civis, igualdade e anti-militarismo nos moldes da luta de Martin Luther King. A luta contra a guerra não tinha fim, assim como a expansão do movimento. Numa tentativa de reunir o maior número de adeptos contra a guerra, eis que é organizado o maior festival de música ao ar livre do século XX: O Woodstock.

Realizado entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969 na fazenda Max Yangur, na cidade rural de Bethel no estado de Nova York, foram três dias de música e chuva.

Idealizado e produzido pelo produtor nova-iorquino Michael Lang, o Woodstock tornou-se um marco na música. Estima-se que mais 500 000 mil pessoas compareceram em *Três Dias de Paz & Música*, como sendo o slogan do festival. Mas traduzindo para o sentido literal, foram três dias de música, sexo, drogas e Rock and Roll. Foram realizados trinta e duas apresentações em três dias com principais bandas e artistas da época. Entre eles estavam Santana, The Who (britânico), Janis Joplin e Jimi Hendrix, os maiores expoentes da música americana naquela época.

O despreparo, as péssimas condições de tempo, a falta de estrutura e organização do festival não colocou o evento pra baixo, ao contrario, apesar do enorme deslocamento de milhares de pessoas vindos de todo o país à Nova York e as mais expressivas apresentações, fez do Woodstock o maior festival de música popular.

Embora o movimento Hippie não se originou nos anos 70 - tendo seu auge de 1965 a 69 - em suma é de maior importância para a música, como sendo um momento de transição de 1969 à década de 70; onde em vivência de uma ditadura rígida de uma sociedade “careta” revolucionou toda uma geração que, assim adiante passou a contestar os valores individuais perante o sistema e colocando o Rock and Roll como não só um estilo musical, mas também um estilo de vida.

Como foi dito anteriormente, os anos 70 fora palco de grandes movimentos; e não diferente do Hippie a ideologia Punk tinha alguns dos mesmos ideais, no entanto, um movimento mais agressivo perante o regime ditatorial.

Os “ratos de porão”, como se autodenominavam, tinham uma postura mais agressiva e intrépida. Como princípio de autonomia do *faça-você-mesmo* - que se

refere à prática de fabricar ou reparar algo por conta própria em vez de comprar ou pagar um serviço profissional – associa-se ao anarquismo e vários outros movimentos anticonsumistas. Os Punks tinham além da aparência, a simplicidade, sarcasmo niilista e a subversão da cultura

O movimento nasceu em Nova York por volta de 1974, quando uma banda de quatro garotos, The Ramones, se apresentaram no Performance Studios no dia 30 de março, ano oficial para nascimento da cultura Punk. O movimento se destaca principalmente na música e no estilo visual. Mais tarde surgiriam bandas britânicas como Sex Pistols e The Clash, onde o movimento tomou de assalto a capital Londrina. Estados Unidos e Inglaterra, unidos se tornaram berço da cultura.

O elemento primordial do movimento, a música, tornou-se algo típico e singular. Dispensavam e eram contrários a forma de rock complexo na época; criaram um estilo musical simples e direto, com base em acorde simples e no máximo 4, no geral em *Power Chords.* Letras de protestos em contestação ao sistema e toda forma de sociedade banal e subjugadora, onde impõe princípios e morais contraditórios; não só como forma de manifestação, as letras e as canções tinha sarcasmo, ironia, um humor ácido, um tom masoquista, que ao ouvir o espectador captasse e sentisse a dor, o desprezo e o sufocamento de seus idealistas. A música Punk ramificou-se em novos subgêneros dentro do movimento, mas nem todas as bandas seguiam os mesmos ideais. Adaptando ao mesmo, experimentalismo e até mesmo músicas longas e complexas.

No entanto em termos gerais, em sua essência, o contexto é o mesmo: canções agressivas como propósito de chocar e estabelecer individualidade, contestações e liberdade para consigo mesmo.

Em termos visuais, o movimento contesta toda forma de consumismo; no entanto, o próprio mercado se apossou desse estilo. Mas não seria então uma subversão aos princípios do movimento?

Muitos adeptos ao movimento, a grande maioria, são totalmente contrários a essa apropriação da cultura Punk, pois se desvia de seus princípios. Mas existem outros que aceitam, até certo ponto, essa conversão do movimento em produto; pois acreditam que ao passar a ser visto e “aceito” pela sociedade, adquiriu-se um respeito à cultura.

Mas a verdade é que nem todos aceitam o visual agressivo do movimento. A princípio o estilo era derivado de calças jeans surradas, camisetas brancas ou pretas, jaquetas de couro e tênis sujos, correntes improvisadas como adornos; a partir de uma disseminação da cultura – dentro e fora dos Estados Unidos, principalmente na Inglaterra – adquiriu-se novas peças e adornos como alfinetes, *patches,* lenço na calça, jaquetas de couro com rebites, coturnos, lápis e sombras nos olhos, anéis, brincos e a mais notória característica de um Punk, o cabelo moicano. Mas cada subgênero dentro de sua vestimenta. Alem disso o Punk foi uma das principais influências para o surgimento do Heavy Metal nos anos 80.

No Brasil a aparição do movimento se deu quatro anos mais tarde, em 78 com a banda paulista Restos de Nada, com o mesmo conceito de ideologia, principalmente como forma de protesto ao golpe de 64. No entanto a explosão do movimento e a originalidade só apareceram no começo dos anos 80. A geração do “desbunde” nasceu em Brasília, interligado com Rio de Janeiro e São Paulo. O aparecimento de várias bandas e artistas transformou o cenário musical brasileiro radicalmente em meio as Diretas Já!

Vale lembrar que a maioria das bandas desse “boom” não podem ser consideradas grupos genuinamente Punks, pois carregavam em sua bagagem elementos distintos como o Reggae, Pop, Ska, Jovem Guarda, Bossa, Samba; além de elementos da cultura brasileira, como a cultura nordestina. Mas em termos de ideologias o contexto de individualidade e contestação é o mesmo; aliados a letras agressivas, protestantes; e porque não românticas, folclóricas, eróticas e irônicas? Pois bem. Bandas como Blitz, Aborto Elétrico, Legião Urbana, Barão Vermelho, Titãs, Camisa de Vênus, Paralamas do Sucesso e Ultraje A Rigor encabeçam o movimento dando origem ao “Brock” e um novo rumo para o rock brasileiro.

A década de 70 foi bastante notória no cenário musical; com o avanço dos meios de comunicação, o crescimento do mercado em meio ao um mundo capitalista e consumista e mais opressor, surgem novas tribos urbanas.

O Hip Hop surgido nos Estados Unidos em 1977, aboliu um estereótipo: em que, não só os brancos têm o poder de protestar, de idealizar ou se estabelecer na música, como também os negros que possuem direitos iguais.

A cultura Hip Hop surgiu como reação aos conflitos sociais, a desigualdade, ao racismo e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas. Emergido no Bronx, Nova York, o movimento é uma espécie de cultura de rua, ou melhor, uma cultura urbana de espaço e voz da periferia. Os três elementos que cultuam o movimento são o Rap (*rhyme and poetry)*, ritmo e poesia; o Break, representando o corpo através da dança e o Graffite, a arte expressiva no desenho. Os “hip hoppers” são fielmente ligados a essa cultura; distintamente de outros movimentos; não aceitam, razoavelmente, a fusão de outros elementos artísticos ou musicais, ou seja, muitos que fazem parte dessa cultura não aceitam fusões com outros elementos que possam tirar a originalidade do contexto; entretanto, outros acreditam que possa sim ter elementos distintos que englobam vários outras características, porém, sem descaracterizar a essência.

Na música, composta por batidas rítmicas da música eletrônica é executada pelos DJs em seus sintetizadores e *Pick-ups* (equipamento de mixagem com discos) e entoadas pelos Rappers, que dão à voz a poesia do Hip Hop; letras cheias de indignações e contundências, a realidade dura e crua da periferia. Na cultura do gueto, grupos de Hip Hop abraçam, muitas vezes, causas sociais desenvolvidas pelos mesmos; uma forma de diminuir a violência na periferia através da música, na arte e na dança.

Após o surgimento do movimento, em sua principal característica – a música – vários grupos apareceram no cenário musical. Afrika Bambaataa, DJ norte americano, foi o fundador no movimento nos anos 70, juntamente com o DJ Jamaicano Kool Herc que originou o discurso cantado, a poesia do movimento; dentre outros grupos como Cypress Hill, Ice Cube, Ice T, Snoop Dogg, Dr. Dre, todos norte americanos com grande fama no meio musical.

No Brasil, os grupos - diferentemente de muitos grupos internacionais que, misturam letras românticas, irônicas, humoradas, além claro, de contestação – gozam de seu principal tema: a violência, as desigualdades sociais e o descaso à periferia. Cidades como Brasília, Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro e, principalmente, São Paulo, se concentram grandes grupos nacionais, além de milhares de outros grupos menos conhecidos, mas que tem algo a dizer.

Thaíde, DJ Hum, RZO e Racionais MCs lideram o movimento no Brasil, desde década de 80. A má política implantada no país, com o descaso às classes mais baixas e miseráveis, fundindo com o preconceito racial e a exclusão; colocam esses grupos e vários outros frente à indignação, tendo assim, letras fortes e instigantes de uma dura realidade brasileira.

Em geral, o Hip Hop abalou o cenário musical com suas letras politicamente corretas, sendo unido a outros estilos musicais, surgindo novos subgêneros: Rap Rock, Rap Latino, Pop Rap, Reggaetton, Gangsta rap etc. Influenciados diretamente pela música negra americana: o Funk de James Brown (pai do Funk), o Soul e do R&B (Rhythm and Blues) unidos com a música eletrônica.

Contrariando toda essa política de contestação, eis que surge em meio à década explosiva um movimento pela arte da dança, ou simplesmente, o gosto pelo brilho das casas noturnas e suas músicas dançantes: A Disco Music.

A Disco Music não é precisamente um movimento artístico, pois não se engaja em um discurso de ideais; simpatizantes do estilo musical eram somente contra a dominância do Rock and Roll na época e nas paradas de sucesso. A discoteca, termo proveniente em referência ao lugar onde aconteciam as danças, surgiu em meados dos anos 70 em pequenas casas de dança de Nova York, tendo suas raízes em clubes voltados para negros, latino-americanos, gays e apreciadores da música psicodélica.

As influências são bem distintas, uma vez que uni muitos outros estilos como o Funk, a música “sensual” Latina, Psicodélica, Soul Music, Jazz, arranjos de Música Clássica, etc.

Inicialmente artistas como Donna Summer, Bee Gees, Abba e Gloria Gaynor se tornaram grandes líderes de vendagens de discos, alavancando o mercado musical e fonográfico; disseminado nos anos 80, contribuiu para a evolução dos derivados da *Música Dance/Eletrônica, House, Techno* chegando a dias atuais com a concretização e status de sucesso do *Psy Trance* e das *Raves*.

O grande estrelato da Discoteca se deu na década de 70, com o lançamento do filme “Os Embalos de Sábado à Noite”, protagonizado pelo ator John Travolta, fixando a Disco Music no cenário musical, tendo Travolta como símbolo sexual e ícone em sua época. Porém nos início dos anos 80 a Disco sofreu uma queda

brusca de ascensão, por parte do preconceito nos EUA por relacionarem críticas às danças e os amantes do estilo de serem minorias na sociedade como negros, mulheres e homossexuais, colocando o Rock de volta no topo dos discos mais vendidos e aceitos. Embora a Discoteca, a música eletrônica propriamente, não desapareceu com o passar dos anos, não conseguiu se igualar ao notório status do Rock e sua propagação de subgêneros nos anos 80, mas se manteve ao longo dos anos; alguns até que tentaram, mas poucos chegaram a permanecer por mais de uma semana no topo na lista da *Billboard (revista especializada em música),* ou simplesmente nem chegaram perto. Michael Jackson foi um dos grandes que revolucionou o Pop e Eletrônica, tanto na música quanto na dança - grande parte da evolução da dança na década de 80 se deve ao surgimento de Michael, se tornando o maior artista Pop Star de sua época a atingir o estrelato em tão pouco tempo, atingindo a marca de “o mais vendido”, principalmente com o álbum *Thriller* de 84, um dos mais vendidos da história da música.

A música Disco não se refere propriamente a um movimento artístico de contestação, porém transformou toda uma geração no modo de vestir e se portar e, principalmente, no surgimento, na evolução e concretização da dança e na música eletrônica.

O monumento
É de papel crepom e prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde
Atrás da verde mata
O luar do sertão
O monumento não tem porta
A entrada é uma rua antiga
Estreita e torta
E no joelho uma criança
Sorridente, feia e morta
Estende a mão...

“Tropicália”
Caetano Veloso

Quando o Brasil se preparava para o começo de uma nova década, as manifestações artísticas, sociais e políticas no país atravessavam um período bastante crítico no final dos anos 60. Enjaulados pela dura realidade vivida no regime militar, os movimentos artísticos brasileiros nortearam em declínio em

decorrência à repreensão da censura, precisamente com a implantação do AI-5 (Ato Institucional N 5°) em 13 de dezembro de 1968, decretado pelo então ministro da justiça Luis Antônio da Gama e Silva; que entre outras determinações, vetava a veiculação da mídia (jornais, revistas, rádio e TV), a proibição de atividades ou manifestações de natureza política, bem como a realização de manifestações artísticas (festivais de música, publicação de livros, cinema e teatro). Passando por uma rigorosa apreensão e inspeção do governo que, segundo eles, podiam passar uma imagem que "manchasse" o nome da nação.

Notoriamente, a repugnância de um poder opressor colocou o país em constante estado de medo. Grupos, artistas, adeptos e representantes de movimentos e manifestações artísticas caminharam em direção a marginalidade em decorrência da forte pressão da censura. Com isso a produção cultural brasileira entrou em crise de criatividade, ou como se dizia: um vazio cultural. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Geraldo Vandré e entre outros se exilaram ou sofreram exílio. Viviam à marginalidade, Milton Nascimento, o Som Imaginário e Elis Regina, realizando trabalhos paralelos.

Porém, muitos desses artistas se empenhavam destemidos na composição de letras que, por deliberação em protestos contra o regime e a censura, cantavam implicitamente tentando alertar os mais atentos e despistar a atenção dos militares, que geralmente descobriam que a canção se tratava de uma crítica após a aprovação e o sucesso entre o público das mesmas.

Música como "Cálice" de Chico Buarque, expressa bem o jogo lingüístico e musical da letra, além do título ter som idêntico à expressão "cale-se", deixa a prova que mesmo um poder de regime militar, sendo duro e opressivo, esse mesmo vem a ter pouca inteligência e grau para com a censura. Ótimo para os artistas!

Em meio à repressão surge no Rio de Janeiro no começo da década de 1970, um movimento aos moldes do pacifismo, o MAU, Movimento Artístico Universitário. Com o objetivo de reunir amigos em reuniões feitas na residência do psiquiatra Aluízio Porto Carreiro de Miranda e sua mulher Maria Ruth na Barra da Tijuca; o movimento se propagou passando de simples encontros e saraus às aparições em festivais, no caso do Festival da Música Popular Brasileira transmitido pela Rede

Globo e Record e seu próprio realizado no Instituto de Educação, chamado de Festival Jaceguai transmitido pela extinta TV Tupi.

O MAU revelou grandes compositores que viriam a ser depois grandes nomes da música brasileira e uma conta satisfatória de vendas de discos; Ivan Lins, Gonzaguinha, Aldir Blanc e Taiguara viriam a ser seus principais integrantes ainda universitários, seguidos por Dominguinhos, Lucinha Lins, Cartola, Milton Nascimento, Cezar Costa Filho, Ney Matogrosso, etc.

O movimento também era contra a censura e o regime imposto; nas reuniões o ambiente era de descontração regada à música e um clima de incentivo a criatividade, mas seus adoradores cantavam canções até mesmo proibidas na época como “Guantanamera” e “Canção do Subdesenvolvido”, incentivados pelo sonho de vitória contra o regime militar e a censura.

Toda essa forma de organização imposta pelos militares que não só oprime a liberdade de expressão, mas também a pressão intensa e psicológica de muitos, fez com que, diante da dura realidade, cometessem atos de suicídios; além de vários assassinatos e desaparecimento de muitas pessoas que, mesmo ainda em dias atuais permanecem no mistério e um profundo sigilo acerca dos acontecimentos da ditadura militar brasileira.

Com o veto dos festivais da música popular brasileira, como um dos principais movimentos musicais na década de 60, o mercado cultural entrou em recessão e a porta para o brilhantismo se fechou. O Chamado “vazio cultural” se deu à baixa criatividade musical e o escasso de surgimentos de novos talentos da música popular, colocando a Bossa em alta.

Para toda uma ação, há uma reação; a Terceira Lei de Newton se enquadra muito bem nos males da censura. Por meio dela acabou se desencadeando uma forte autocensura nos artistas, na indústria da música e no meio cultural. Forçados a seguirem uma direção contraria de seus princípios, os próprios artistas e produtores do meio musical e cultural, pressionados pelo regime, se autocensuravam como forma de avaliar e manter-se ileso perante o poder totalitário, uma censura ainda mais contundente daquela imposta pelo AI-5.

Diante do encerramento do festival da música popular brasileira, que arrecadou boa parte de talentos revelados nos anos 60, bem como da MPB, da Jovem Guarda

e o sucesso relâmpago da Tropicália, cederam ao tempo – Porém os dois primeiros se mantiveram ao longo dos anos, entre altos e baixos do sucesso e das vendas de discos, com exceção da Jovem Guarda que perdeu força com a chegada do septuagésimo ano. Na década de 70 a televisão invadiu o cenário, e os artistas que consagrados na década anterior, entraram nas trilhas sonoras de telenovelas. Estava começando uma nova era: a crescentes vendas de discos de trilhas de novelas e o fortalecimento da chamada música "brega"; era o tempo da teledramaturgia.

As telenovelas, já eram consagradas em meio à grande massa; com o ingresso dos artistas em trilhas sonoras, a massa se obteve do privilégio de ouvir, até então, músicas de artistas elitizados ou consagrados em movimentos. As trilhas, embaladas pelos momentos e situações de grande emoção em uma novela, tornou-se um produto cultural de fácil degustação. Decorrente do grande interesse popular, o mercado fonográfico deixou de lado alguns dos grandes movimentos para se dedicar ao mercado de disco de trilhas, com interesse meramente lucrativo.

A música brega, já denominada na década de 60 como a nova "Fossa" (trocadilho criado pelos bossanovistas que repudiavam músicas românticas de cunho popular, com bastante apelo sentimental e fortes melodias) tinham bastante notoriedade na massa, por se tratar de arranjos simples e a baixa produção musical, ou seja, muitos não enxergavam qualidades e melodias complexas, e sim letras simples, fortemente sensuais e românticas embaladas muitas vezes em um cenário popular que se identificassem com o forte apelo musical. Não é à toa que muitos artistas, abalados pela ditadura, se voltaram para o brega. Assim como Roberto Carlos, da Jovem Guarda, que não se esquivou e aderiu suas canções ao estilo; Reginaldo Rossi, Waldick Soriano e Cauby Peixoto são alguns que vestiram a roupa 100% brega.

O grande interesse popular pela música brega, fez crescer a indústria do disco no Brasil; concorrendo acirradamente com demandas internacionais. Principalmente pelas crescentes produções da teledramaturgia nacional; "Irmãos Coragem" (1971), "Escrava Isaura" (1976), "Mulheres de Areia" (1973), "O Bem Amado" (1973) e "Pecado Capital" (1975) - sendo todas de produção da Rede Globo – foram sucessos estrondosos de audiência e de vendas de discos. A própria Rede Globo

encabeçou nesse projeto, fundando a gravadora Som Livre em 1969 com finalidades exclusivas às produções e comercializações de trilhas sonoras de novelas, sendo a novela “O Cafona” de 1971 a primeira a ser lançada em formato comercial de trilha sonora.

Mas há quem diga que artistas da velha vanguarda como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque desapareceram. Enganam-se! Apesar do exílio, voltaram e continuaram na estrada com uma ótima repercussão e vendagem de discos, concorrendo lado a lado com artistas da Bossa, MPB, do Samba, da Jovem Guarda e da chamada música Brega, e do próprio estrangeirismo com o ritmo que impulsionava uma geração efervescente, o Rock and Roll. E No final dos anos 70, com o Rock and Roll em evidencia e a explosão do Punk norte americano e britânico, o rock no Brasil emergiu de forma surpreendente. Se nos movimentos da tropicália e da MPB a forma de contestação era abrangente em frente a uma forte censura, com o fim do AI-5 no ano de 1978, pelo governo Ernesto Geisel, o rock brasileiro dos anos 80 era mais ácido e agressivo, influenciados pelos já citados movimento Punk e o Rock and Roll unidos a uma carga expressiva de letras em decorrência dos vários anos de silêncio e luta pela liberdade de expressão diante da censura.

“Leve-me à magia do momento
Numa noite de glória
Onde as crianças de amanhã sonharão
Com o vento da mudança”

Wind Of Change
Scorpions

Com qualidade contestadora, a década de 70 se valeu de grandes transformações, contribuindo para a evolução comportamental da sociedade em seu todo. Devido às iniciativas de movimentos contrários a uma política fascista de grandes ditadores, cansados de opressões e uma sociedade tradicional e careta, seria correto afirmar que o conflito de ambas foi o correto, ou seja, que o conflito foi o que de melhor aconteceu nessa década.

Ora, o que desencadeia uma ação é toda forma de atrito. O conflito entre duas partes ou mais, gera enfrentamento, transformando numa verdadeira revolução de idéias e contestações, fazendo o homem tirar suas próprias conclusões e aderindo a ações que satisfaçam seus interesses mútuos. Se não houvesse conflitos, não teriam existidos movimentos de grandes expressividades e o surgimento de estilos musicais que revolucionou o mundo nos quatro cantos, transformando a sociedade em âmbito social, político e cultural, sem sucumbir a um poder militar e uma forte censura.

O ato de contestar, de agir, de pensar, colocou uma sociedade frente à busca de seus interesses e ideais, regidos pela política, pela religião ou simplesmente por um campo de idéias que, colocados em contrariedades e em níveis de marginalidades, foi o bastante para que jovens sonhadores enfrentassem seus medos frente ao poder armado, para acreditar e lutar por um mundo melhor.

Desse conflito desencadeou movimentos que transformou não só em ordem política e social, mas também no âmbito cultural e musical, sendo prova muitas vezes de verdadeiras quebras de tabu, como o reconhecimento da música negra, ou transmitida por negros; a expansão do movimento Hippie, do Punk, Hip Hop, da Disco Music e no Brasil com a MPB, a Tropicália, o MAU, a música Brega e a derivação de vários estilos brasileiros; o surgimento da cultura de massa, ou indústria cultural; a saída da música popular dos grandes movimentos e das elites, se juntando a grande massa; o crescimento da indústria fonográfica e da moda e os aumentos da grande produção e consumo de discos no mundo todo.

Nada se muda o mundo da noite para o dia, progressivamente tudo isso se torna real. E nos anos 70, não bastaram só as guerras e todo o poder opressor para que isso se tornasse concreto, mas sim de uma criatividade musical, individualidade, contestação, expressão e originalidade vinda de cada um. E claro, a determinação de sempre evoluir, sempre estando à frente de seus ideais, onde colocou a década de 70 na História, como uma época de maior revolução no comportamento da sociedade e principalmente na evolução da música, tendo um dos seus principais mentores, o Rock and Roll.

1.3 - O Rock and Roll

"Nós gostamos de ROCK e somos loucos,
Eles fazem besteiras e são normais.
Que vivam os loucos de boa cabeça
E pela metamorfose da vida se tornem
MALUCO BELEZA!"

Cazuza

Seria muito ingênuo afirmar que o Rock é unicamente um estilo musical, pois suas transformações estão visivelmente explícitas e fixadas na história da humanidade.

Como marco inicial o estilo fundiu-se de dois estilos distintos; o Blues, canção negra surgida com a junção da música negra cristã norte-americana (gospel) e a cultura afro-americana, executadas por escravos para amenizar suas intermináveis e sofridas jornadas de trabalho; a palavra "*Blues"* vem de uma gíria negra que significaria "depressão". E o Jazz, com singularidades mais instrumentais, é uma manifestação artístico-musical norte-americana desenvolvida a partir de vários estilos musicais, tendo em particular a afro-americana. Os dois estilos datam em meados da primeira metade do século XX, porem não há uma data propriamente concreta de seus surgimentos.

Posteriormente, o Rock and Roll surgiu nos anos 50 com formas dançantes embalando jovens em bailes e clubes; consagrados por Carl Perkins, Jerry Lee Lewis, Chuck Berry, Little Richards e Elvis Presley. Sendo esse último considerado por muitos o "Pai do Rock" e um dos principais ícones da música popular; Elvis escandalizou o cenário musical pelas suas atitudes até então rebeldes na época, desencadeando uma forte quebra de postura na sociedade. Nos anos 60 as formas do estilo tornam-se mais rebeldes e populares. Com a explosão do rock britânico o mundo conheceu The Beatles, The Rolling Stones, The Who e The Animals. Os Beatles foram os primeiros a se tornarem realmente grandes, ao se tornarem o primeiro e maior super grupo de rock até os dias atuais. Cada uma dessas bandas contendo suas características únicas tanto musicais quanto sociais, transformou a década de 60 em berço de ouro da música, colocando ponta pé inicial para a sua maior revolução que estaria por vir.

Final dos anos 60 e começo dos 70, transição de maior destaque evolutivo do estilo. A guitarra passa a ser símbolo primordial do Rock and Roll, com advento de um guitarrista negro norte-americano: Jimi Hendrix. Tornou-se uma lenda e principal artista a transformar a guitarra em um símbolo rebelde do estilo. Nos anos 70 a evolução do rock toma conta dos quatro cantos do planeta; era o começo de grandes acontecimentos e surgimentos: o Heavy Metal, o Hard Rock, o Progressivo, Psicodélico, Glam Rock, Punk Rock formam as principais correntes pesadas de subgêneros do estilo. Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath lideram uma época ainda em passos lentos ditados pelas proibições da sociedade, mas se firmaram como as principais bandas que iriam desencadear no mundo todo o chamado rock pesado. Nos anos 80, muitos chamados pela “baixa do rock”, por não terem uma identidade propriamente popular, O termo Heavy Metal evolui para um estado mais duro e pesado, literalmente, pois é a chamada *New Wave of British Heavy Metal (N.W.O.B.H.M.)* – Nova Onda do Heavy Metal Britânico. O termo se tornou algo grande que fez surgir milhares de bandas em todo o mundo como o Iron Maiden, Def Leppard e Saxon, seus principais mentores.

Um dos principais subgêneros do Rock and Roll, o Hard Rock, nos anos 80 teve a explosão do Hard “Glam” Rock. Diferente do Hard Rock clássico dos anos 70, o Hard Glam estourou nas paradas musicais no mundo inteiro com seu estilo mais “afeminado” e mais glamoroso, surgindo milhares de bandas nas cenas de Los Angeles-CA, como o Poison, Motley Crue e Twisted Sister e seus visuais carregados de excentricidade. Com a chegada da década de 90 o Hard Glam Rock perdeu seu brilho dando lugar a um estilo derivado do Punk, o Grunge.

O estilo surgiu em Seatle-Washington na transição de 89 e 90. Um estilo cru e menos complexo aos moldes do Punk Rock. De imediato se tornou o principal estilo da década, mas durou pouco – até meados de 96 – com a morte de Kurt Kobain, líder e compositor da banda Nirvana, como uma das principais bandas do movimento. Soundgarden, Pearl Jam e Alice in Chains também se consolidaram no movimento de vida curta. Porém, para muitos os anos 90 deixou muito a desejar, referindo diretamente ao Grunge por extinguir um Rock and Roll cheio de magia executado nos anos 80.

A partir dos anos 80 e nos 90, os subgêneros ganharam muito mais força de estilos bem distintos como o Rap, Reggae, a música erudita, o eletrônico, elementos da música latina, indiana, africana e européia; além da evolução e construção de elementos da música e Folclore brasileiro no rock “brazuca”. Em dias atuais a definição de uma banda de rock é de difícil entendimento, pois desde seu surgimento o Rock and Roll passou por várias transformações ramificando-se em diversos subgêneros, assim sendo, o estilo musical que há mais subgêneros do que qualquer outro.

Vale lembrar que o que foi descrito é em forma de síntese, sendo que o estilo há muitas nuances detalhadas em seus mais de 50 anos de existência.

O movimento musical, que por muitos anos foi dito como transgressor, sem dúvida nenhuma, passou o pincel e marcou a humanidade.

Em seus mais de 50 anos, revolucionou não só na música, mas como em ordem política, social e cultural. No Cinema, a introdução do rock foi um casamento perfeito; engendrou a produção de milhares de filmes a cerca do próprio estilo ou indiretamente, como tema principal, secundário ou no mercado de trilhas sonoras. No Teatro se utilizou mais de suas características de rebeldia, atitude e atrevimento do que musicalmente falando. Na TV não aproveitou só como trilha sonora, mas também a criação de programas voltados para o estilo e de canais próprios, além da evolução do videoclipe devido à preponderância quase total dos vídeos musicais e publicitários na produção mundial de vídeos curtos para a TV.

Na Rádio, a introdução foi gradativa, mas de certa forma quebrou regras jamais vistas; como a revolução das rádios britânicas nos anos 60. Radicalmente, uma rádio pirata instalada em um navio pesqueiro atracado na costa da Inglaterra, transmitia 24 horas de Rock and Roll, sendo que a Rádio BBC de Londres, dedicava apenas duas horas de sua programação diária para a transmissão do estilo. A Rádio Pirata, ou Barco Pirata, foi contra toda forma de poder da época, revolucionando não só em termos de transmissões piratas, como principalmente a quebra de regras e propagando até os dias atuais o crescimento de grandes rádios dirigidas ao rock, que por intermédio, ditou em atitude e originalidade as maiorias das empresas de

radiodifusão. O acontecimento sobre a rádio pirata virou filme recentemente, denominado “Os Piratas do Rock (2009).

Em meio às apresentações, surgem grandes festivais de música em decorrência do Rock; sendo um dos maiores deles o Woodstock que contrariou toda uma sociedade tradicional e um regime militar. Seguidos depois pelo Rock in Rio, no Brasil, surgido em 1985 e idealizado por Roberto Medina, tendo suas realizações não só no país de origem como no exterior; o Live Aid surgido em 85 e idealizado por Bob Geldof, com o objetivo de arrecadar fundos em prol dos famintos da Etiópia; colocou a data inicial do evento como sendo 13 de Julho, o Dia Mundial do Rock. Seguidos pelos festivais Lollapalooza, Monsters of Rock, Hollywood Rock, Wacken Open Air e entre outros.

Com seu contexto muitas vezes contestador, colocou em seu âmbito uma política de ideais, em resposta a uma sociedade tradicional, um regime opressor de grandes governos e ditadores e a própria censura. Contrários às guerras, movimentos ligados as formas de liberdade lutavam contra um poder maior e contra a imposição de uma política fascista. Libertou toda uma geração carente de soluções, que o único jeito era a “rebeldia” por causas nobres.

O Rock and Roll incentivou toda uma mudança na sociedade, e transformou-a gradativamente. Revolucionou o modo de agir, de pensar e de se vestir. Devido ao surgimento da cultura Hippie e do psicodelismo, a indústria da moda se aproveitou do movimento em produções de milhares de peças de vestuários e adornos, colocando-a em alta no mercado; transformou tudo aquilo o que era de um movimento contestador e a transformou em produto. Com os movimentos Punks, do Hip Hop, da Dance Music, do Glam Rock e do Heavy Metal, o mercado da moda se obteve a partir de seus surgimentos, contrariando muitos adeptos do mesmo, mas que fez surgir uma nova demanda pelos produtos.

> *“O rock como fenômeno mundial tem uma raiz econômica fortíssima, ele é eficiente para sobreviver darwinianamente, como forma de vida, ele é perfeito, ele se auto contém, tem os ingredientes da música com três, quatro, cinco pessoas”.*
>
> Pena Schmidt, produtor musical.
> DIAS, Marcia Tosta. 2000. p. 85.

No mercado da música, desde o surgimento do Rock, mercados fonográficos tornaram-se grandes monopólios e uma das principais empresas que movimentavam o mercado. A demanda por disco de vinil era grande, a produção cresceu, colocando em alta a produção de discos e as vendas estimadas em milhões em todo o mundo; nem com a crise do petróleo, em meados da década de 70, pôs abaixo a produção; houve a escassez da matéria prima do vinil, mas as vendas nunca chegaram a cair totalmente. A grande demanda por discos fez crescer também um mercado paralelo: a pintura, a fotografia e o grafismo; não só bastava o conteúdo do vinil (as músicas), mas também o aspecto visual (o encarte) para que não só uma pessoa estaria comprando pela música, como também persuadias pelos belos grafismos e desenhos, assinados por muitos artistas plásticos. Contudo, os discos de vinil são uma obra a parte destinada ao consumo, impulsionado pelo rock e pelos movimentos artísticos.

Em resumo, o Rock and Roll é mais que um mero estilo de música; ele próprio revolucionou toda uma geração, quebrou regras e dificilmente será extinto. Sendo como o principal movimento e estilo musical que transformou a humanidade em seu todo. Existente desde então, tornou-se um estilo próprio de vida, respaldado por gerações e gerações; rebelde por natureza contesta o direito de ser livre, de agir devido as suas vontades, mudar conforme seu instinto, evoluir conforme sua natureza e vestir conforme seu gosto e seu estilo. Em suma o Rock é rebeldia e liberdade de expressão em forma de um senhor de idade que nunca irá perecer; com os seus mais de 50 anos, é difícil dizer qual sua estimativa de vida, porém esperamos que seja eterna.

Com base no apanhado de fatores que constituíram o cenário cultural e musical na década de 70, no segundo capítulo iremos enumerar os elementos que traçaram e elevaram a indústria fonográfica ao topo do mercado mundial.

Capítulo II
A Indústria Fonográfica

> *“A música é expressão natural do ser humano, não depende de mercado. Se um dia não tiver mais mercado, pode apostar que farão uma música sobre isso.”*
>
> Leonardo Germani, produtor e jornalista.

Como parte de um agrupamento monopolizado de empresas e organizações ligadas à música, a indústria fonográfica surgiu pelo crescente avanço tecnológico em decorrência da Segunda Revolução Industrial (1859-1970). Porém, o seu alavancado crescimento no mercado só se deu a partir da metade do século XX, com a expansão dos meios de comunicação e os surgimentos dos grandes movimentos artísticos a partir da década de 50; bem como o alto índice de consumo de massa de mercadorias produzidas pela indústria cultural.

A partir de então, a indústria fonográfica, ou mercado musical em sentido mais amplo, adquiriu fortemente a consolidação de um status glorioso perdurando por vários anos, abrindo caminhos sem fronteiras com relação à música.

Descobrindo artistas; colocando o processo de produção de discos no topo, desenvolvendo um alto índice de vendas e divulgações do mesmo; e avançando progressivamente como uma das maiores indústrias do mercado mundial. Tendo como elementos primordiais a arte e seus derivados, sendo que com a larga escala da indústria cultural, fez crescer o consumo de produtos até então elitizados, no caso o vinil, ligando a arte com a grande massa da sociedade; transformando o disco em um produto cultural de massa. Entre outros aspectos, a indústria fonográfica adere, principalmente, a interesses lucrativos.

2.1 – A Indústria e o mercado da música

Considerando o disco de vinil, o *long-playing*, como uma relação de comunicação entre o artista e o público, a indústria musical é a fonte que alimenta esse relacionamento mútuo: o interprete por divulgar e ceder profissionalmente seu trabalho artístico e o público por adquiri-lo.

Como período de transição entre as duas décadas revolucionárias, na década de 70 a indústria fonográfica iria atingir o seu maior índice econômico, favorecendo

ao mercado mundial, novos rumos para investimentos e um olhar prospecto no que diz respeito ao surgimento de uma nova ordem de consumo – um consumo desenfreado - por parte da união das grandes gravadoras com as rádios e os meios de comunicação; estava começando a nova era do disco: a massificação do disco de vinil.

Metaforicamente, a indústria do disco se via fechada em um quarto escuro, sem poder enxergar soluções para o crescimento no mercado. Quando essa mesma encontrou um pequeno foco de luz em uma fresta, iluminou parcialmente o ambiente. Cabia a indústria procurar um jeito para que essa pequena abertura se tornasse algo grande que pudesse clarear tudo em sua volta. Houve então o “estalar de dedos”, onde o mercado fonográfico percebeu o que seria a grande jogada do momento: unir a arte e os movimentos e manifestações artísticas e musicais, com o trabalho de propagação da *mass media* (meios de comunicação); envolvendo uma elevada produção de discos e o processo de persuasão em massa; ou seja, um alto investimento nas vendas e na produção e uma demanda acelerada no consumo de discos.

> *“O estudo da música-mercadoria pode evidenciar um produto cultural de características muito especiais. A relação de proximidade que consegue estabelecer com o indivíduo lhe confere grande poder. Sua capacidade de sensibilizar as pessoas pode levar a reações do mais largo espectro: da angústia ao divertimento, do questionamento à passividade, da liberdade à clausura”.*
>
> (ADORNO. ISM, 1983, p. 262.)

Adorno explica que a música tem um papel fundamental no comportamento humano. Ela tem influências diretas e indiretas no indivíduo, onde se faz, muitas vezes, a construção de sua personalidade. Colocando a arte em evidência na heterogênica massa da sociedade, essa mesma se dilui e se desenvolve em vários outros elementos; ou seja, uma vez a arte colocada no âmbito popular, essa passa a ter significados variantes do seu conceito original. A indústria fonográfica se valeu desse novo produto massificado e construiu seu âmbito lucrativo e diversificado.

Com os novos direcionamentos, a indústria botou pra funcionar sua alta e generosa produção de discos, e em pouco tempo o mercado observou o resultado que, seria aquela a época exata para a procura de novos interpretes, bem como a volta dos remanescentes da música em lançar os seus compactos e os LPs (*Long-Playing*).

Voltando um pouco no tempo, o desenvolvimento e a multiplicação do produto se deram por parte de gravadoras ou organizações ligadas a comercialização da música, que colocou um novo conceito em prática: popularizar um produto elitizado, o disco de vinil, e comercializar a arte e seus derivados pelos meios de comunicação. Diante desse fato, gravadoras e organizações se uniram ou se fundiram para adentrar ao mercado colocando parceiras lucrativas. Foi o caso das gravadoras EMI, PolyGram, BMG, Sony Music e Warner Music.

EMI, fusões da Columbia/Europa+Pathé+ Gramophone/UK de 1928-31, mais tarde em 69, a união com a Odeon. Em 1945 a holandesa Philips se une à Gramophone/França constituindo a Phonogram, e em 1978 a parceria da Polydor é denominado a Polygram, que seguiu até 1998 onde fechou suas portas, sendo vendida a canadense Seagram Company, unindo a MCA Music Entertainment com a mesma surgindo a Universal Music, atualmente a maior gravadora da indústria fonográfica no mundo.

Em 1929 a americana RCA compra a empresa Victor Talking Machine Company, formando a RCA Victor, contudo, em 1987 a união da alemã Bertelsmann com a Ariola e RCA surge a BMG-Ariola, por um breve período, onde mais tarde ficou como BMG. Em 2006, a Sony Music obteve parte dos direitos da empresa BMG, criando a Sony BMG Music Entertainment, comprando em 2008 a parte da Bertelsmann, tendo o controle total rebatizando o grupo como Sony Music Entertainment.

Em 1929, a compra da Columbia/USA à CBS fortalece a empresa americana fundada em 1898. A japonesa Sony compra a CBS em 1988, constituindo mais poder à Sony Music. A união da Time-Warner/WEA - selo da Warner Bros. Records - com a Toshiba e Continental surgi em 1971 a WEA ou WMG (Warner Music Group Corp.), ou simplesmente Warner Music.

As relações dessas empresas entre elas são bem distintas, porém, seus enredos são bem comuns: a grandiosidade e sucesso em termos de empresa-modelo. Podendo ser chamadas a *Big Four (quatro grandes)* do mercado fonográfico mundial: Universal Music Group, Sony Music, EMI e Warner Music, sendo a primeira dona de um *share* de 25,5% no mercado. Durante anos essas empresas obtiveram números significativos, uma expansão econômica em larga escala, que fez da música um produto de venda milionária; não só para o artista, como principalmente para as empresas ligadas à música. Em pouco mais de dez anos (1968-1980) as vendas de discos triplicaram; resumidamente, na década de 70 os números chegavam a 89 milhões de compactos, singles e LPs vendidos mundialmente a cada ano.[1]

As vendas internacionais estão diretamente ligadas ao "boom" do Rock and Roll. Artistas e bandas da década de 60 e 70 somam uma extraordinária febre de consumo e vendas de discos compactos (simples e duplos) e LPs. Com a crescente expansão e popularização do Rock and Roll, os discos se tornaram produto de fácil apreço, ou seja, além de se tornar um produto massificado, sua sofisticação em termos de arte de capa (encarte) e sua forma bastante peculiar, transformaram-se em um produto fino e admirado, fazendo o surgimento de apreciadores e colecionadores de vinil (vinilófilo).

As vendagens brasileiras não deixam nada a desejar em relação aos números de cópias vendidas das demandas internacionais; porém, é importante ressaltar a imponência das produções internacionais, que retêm o maior número de vendas do mercado musical. Artistas como o americano Elvis Presley e os britânicos The Beatles são os pioneiros de vendagens de disco na história da música, juntamente com a marca única de 1 bilhão de cópias vendidas. Seguidos pelos britânicos do Queen e The Rolling Stones, 300 e 200 milhões, respectivamente. Logo adiante estão as bandas AC/DC (Austrália), Led Zeppelin e Pink Floyd (Inglaterra) com os números de 200 milhões de discos. E artistas solos como o britânico Elton John e o jamaicano Bob Marley com os números de vendagens de 250 milhões.[2]

---

[1] *www.telegraph.com.uk – Vendas de discos de vinil crescem. Velhos álbuns desfrutam de um renascimento. 03/2010*

[2] Fonte: RIAA e IFPI. 2006

> *"A participação da música estrangeira nas vendas do setor teria sido, em média, de 33% entre 1972 e 1975, enquanto que sua participação no total de lançamentos feitos no mesmo período teria sido desproporcionalmente maior, sendo de 47%, em média. Ainda assim, o número de lançamentos estrangeiros admitido pela indústria não chegava a contrariar a lei que estipulava em 50% a participação máxima da música estrangeira nos suplementos das gravadoras".*
>
> (MORELLI, 1991. p. 50.)

Números de vendagens merecidas, pois os mesmos obtêm um status de vanguarda, sendo aqueles que além de ter entrado para o Hall da Fama, foram um dos principais artistas que revolucionaram toda uma década; seja pelo modo de se vestir e se portar como, sobretudo, na evolução da música popular, na ampla popularização e na alta produção em larga escala do disco de vinil e no crescimento da indústria fonográfica, cultural e de moda.

Especificamente no Brasil, indústrias instaladas no país como a Warner, Capitol Records (EMI) e Ariola alcançaram números significativos de vendas, colocando o Brasil no quinto lugar no mercado fonográfico mundial. Vejamos a tabela:

VENDA DE PRODUTOS DA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA: BRASIL – 1968-1980 (em milhões de unidades, compactos simples e duplos e LPs)

Ano	**Unidades**
1968	14.818
1970	17.102
1972	25.591
1974	31.098
1976	48.926
1978	59.106
1979	64.104
1980	57.066

Fonte: ABPD, RJ. 03-95

As vendas brasileiras de discos referem-se diretamente aos artistas da MPB, Bossa Nova, Jovem Guarda, Rock Brasileiro e, principalmente, à música brega e as trilhas de novelas. A larga expansão nas vendas está associada ao chamado “milagre econômico” que se deu no país no começo da década de 70, com o crescimento das vendas de aparelhos eletrônicos sonoros (toca-discos) e derivados; já que o mercado de discos só se desenvolve a partir do comércio de aparelhos sonoros, esse vínculo tornou-se uma grande parceria mútua de consumo, ou seja, um sucede ao outro. Com a alarmante crise mundial do petróleo instaurado por volta de 1973 e 75, ocorreu a escassez da matéria-prima do vinil, resultando numa demanda reprimida e logo após normalizando o fornecimento da mesma em 1976. Porém, a crise não abalou as vendas, tendo em média a partir de 1971 de 10 a 20% ao ano.

O extenso catálogo de artistas brasileiros concorria acirradamente com as demandas internacionais, o Rock and Roll propriamente dito; não só em termos de vendagem, como também em qualidade de produção e gravação, colocando muitas vezes o Brasil na corda bamba, produzindo álbuns de qualidades de gravação inferiores.

O numero de artistas com contrato assinado era extenso, contendo uma variação enorme de estilos musicais, no entanto, poucos conseguiam chegar a uma marca consideravelmente lucrativa e notória, tanto na mídia quanto para o artista. Interpretes como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Roberto Carlos impulsionaram as vendas colocando o Brasil num considerável patamar de artistas notáveis. Principalmente Roberto Carlos, chegando atualmente a marca de mais de 120 milhões de discos vendidos em todo o mundo; um número relativamente alto, sendo assim, denominado com status de “rei” da música popular brasileira. Não só os próprios artistas que alcançam esses números, como também as coletâneas de trilhas sonoras de novelas, que eram uma das principais fontes de renda das gravadoras.

> *“Os anos iniciais da década de 70 foram marcados por um crescente aumento da produção e do consumo de discos no Brasil. Em 1972, informavasse que o mercado crescera 7% em 1970, 19% em 1971 e 26% somente no primeiro semestre do ano em curso”.*
>
> (MORELLI, 1991. p. 67.)

Pela gravadora Som Livre, selo da antiga SIGLA, novelas globais bem como “Irmãos Coragem” (1971), “Mulheres de Areia” (1973), “O Bem Amado” (1973) e “Pecado Capital” (1975) alcançaram picos de vendas essenciais para o grande consumo pela música brega e MPB, que não só reuniam nessas coletâneas artistas da MPB e Bossa, mas também da música romântica (brega) como Amado Batista, Wando, Sidney Magal, Reginaldo Rossi, Waldick Soriano etc., sendo uns dos principais gêneros mais vendidos no país; alcançando já em 1974, 38% dos discos mais vendidos pertencentes a essa marca.

> *“é a partir das relações entre gravadora e emissora de rádio que se constitui o espaço de divulgação dos novos lançamentos, porquanto nenhum outro meio de promoção de disco parece tão eficiente ou mais utilizado que o rádio. Do mesmo modo, são as relações que há entre este e a respectiva audiência que garantem eficiência àquela difusão, de tal sorte que todo lançamento merece uma série de execuções prévias, facilitando o acesso do público à música”.*
>
> CORRÊA, Tupã Gomes. 1988. p. 20.

O alto crescimento das produções de discos, somados a larga escala de consumo do mesmo e o surgimento de vários artistas e bandas no cenário musical nacional e internacional, se deve a um fator que uni essas partes distintas: a mídia, ou simplesmente, os meios de comunicação. Não há como negar: um produto não se vende sozinho, sem que a mesma não trabalhe sua divulgação por meio de alguma mídia, que seja o boca a boca, a TV, por meio impresso (revista, jornal etc.). No caso da música, a conjunção da rádio entre as partes, é crucial para a propagação em massa do mesmo.

O intermédio da rádio entre a indústria fonográfica, o artista com o público que consome, é quase uma unificação. Por meio da radiodifusão que a indústria da música coloca o seu produto (o artista) para divulgar o seu trabalho musical por meio de um registro sonoro (vinil). Tendo assim a divulgação em ondas de radiações eletromagnéticas (estação de rádio), conseguindo atingir o maior número de

indivíduos através de seus aparelhos de reproduções sonoras (aparelho de rádio), sendo persuadidos a consumir o disco (massa) e, ainda por fim, caso não tenha como reproduzi-lo, o individuo adquire um aparelho eletroeletrônico para a execução do disco comprado (toca-discos).

A rádio se destaca como mentora do sucesso dos artistas, pois é real a sua influência em termos de propagação em massa, colocando a TV em segundo lugar em relação à divulgação dos interpretes. A TV tem um adicional a mais além do próprio som, a imagem; além de se preocupar com o aspecto sonoro, o aspecto visual também define as características do próprio artista. Já o rádio consegue atingir um número muito maior em relação à TV, pois atinge diferentes camadas da sociedade, de classe A à D; e a TV atinge certa parcela da sociedade em decorrência dos poucos programas veiculados à promoção do artista. Vale lembrar que estamos falando das características dos meios de comunicação nos anos 70; no entanto a aceitação da TV se deu em decorrer dos anos com a evolução dos gêneros de programas televisivos. Nos dias atuais a TV concorre ao lado do rádio por meios de divulgação do artista, tendo um adversário a altura: a internet. Contudo, quando se fala de música, ainda é preferível a adesão do rádio como a principal fonte de divulgação do artista musical e a influência que é sofrida na sociedade.

Outra característica preponderante é a grande investida da indústria em fabricar ídolos de grandes sucessos, ou seja, descartáveis. Com a alta produção da indústria e a diversificação dos gêneros musicais, fez surgir os chamados artistas de marketing e artistas de catálogo engendrado pelo mercado fonográfico. Artistas de catálogo obtêm um cast estável na gravadora, onde são geralmente representantes da MPB e Bossa, que produzem anualmente discos de forma a garantir sua permanência, mesmo que suas vendagens sejam pequenas. Já o artista de marketing é aquele fabricado cujo único objetivo é fazer sucesso imediato, vendendo uma grande quantia de cópias, mesmo por um curto período de tempo. Os artistas contratuais, os de catalogo, a sua maior parcela do investimento das vendagens é destinado à produção (músicos, aparatos técnicos, etc.); os de marketing é o campo da promoção que recebe o maior apoio financeiro. Tal dado implica não só diretamente na política utilizada pela indústria fonográfica, como também a própria

rádio, sendo um elemento manipulador de sucessos; tirando muitas vezes certos conceitos a respeito de tal interprete, ou seja, eliminando seus reais propósitos na divulgação de seu trabalho artístico, que o único direcionamento seja o âmbito lucrativo.

A ampla aceitação e popularização do disco de vinil constituíram-se uma característica bastante comum na década de 70 e 80: a liberdade de expressão tanto em aspecto visual como sonoro. Isso fez com que partes integrantes de uma sociedade tradicional viessem a público, ou especificamente a Júri, contestar, diante de seus princípios e valores éticos, que certas gravações eram ilícitas e incitavam à violência, ao sexo, a morte e ao vandalismo. O pivô dessa rixa contra o Rock e Heavy Metal foi por meio de uma organização chamada PMRC (Parents Music Resource Center - Centro de Recurso Musical dos Pais), formada por esposas de influentes políticos de Washington/EUA, comandadas por Tipper Gore e Susan Baker, que criou uma verdadeira polêmica no mundo da música em 1984.

A PMRC acusava a influência de letras ilícitas nos álbuns de Rock e Heavy Metal lançados nos anos 80 com ligação do aumento das taxas de estupros e suicídios de jovens, ligando diversas músicas de diversos artistas. Em defesa, os próprios artistas e bandas vieram a júri para se defender das acusações no mínimo preconceituosas e de mau entendimento e interpretação. A lista de exigências era no mínimo absurda, como exemplo, manter capas explícitas embaixo das prateleiras ou reavaliar o contrato dos músicos que empregavam violência e conteúdo sexual explícito nos palcos.

> *"A proposta da PMRC é uma peça de estupidez concebida de forma doente que falha em fornecer reais benefícios às crianças, infringe as liberdades civis das pessoas que não são crianças, e promete manter a corte ocupada por anos, lidando com os problemas de interpretação e de execução ao molde da proposta"* [3].
>
> Frank Zappa

[3] Músico e compositor Frank Zappa em defesa de suas músicas no tribunal, 1985.

Músicos como Frank Zappa, John Denver e Dee Snider, líder da banda de Heavy Metal Twisted Sister, montaram a banca de defesa contra a PMRC. As longas audiências tiveram um resultado bastante polêmico. No dia 1° de novembro de 1985, antes que a corte encerrasse o processo a organização RIAA (Recording Industry Association of America), aceitou colocar nos discos o adesivo “Parental Advisory: Explicit Lyrics” (Aviso aos pais: letras explícitas). Houve várias reações a essa etiqueta, que ficou conhecida como “Tipper Sticker”, que traduzido mais aproximadamente como “adesivo Tipper”, em referência a Tipper Gore, uma das líderes do PMRC. Muitas lojas evitaram vender álbuns com esse adesivo e outras limitavam as vendas.

Como sendo um artigo cultural, que se tornou um produto popular nas décadas de 60, 70 e 80 por meio dos grandes movimentos artísticos e de contestação, sedentas pela quebra de censura e contra os valores tradicionais e a favor da liberdade de ir e vir; seria contundente esse tipo de ação imposta, pois quebra os princípios e a liberdade de expressão do artista.

“Pirataria é o efeito colateral do monopólio das gravadoras”.
Andreas Kisser, Sepultura.

Outro fator de grande importância para o grande consumismo é o surgimento de um mercado informal contraditório, que até então, tirou o sono de donos de muitas gravadoras e artistas: a pirataria.

Com a alta venda dos discos, a popularização e a alta produção paralela de fitas cassetes (Compact Cassete/K7) fez surgir pirateiros oportunistas que copiavam dos originais e vendiam por um preço muito menor que era vendido pelas gravadoras sem pagar direitos autorais, ou seja, o músico não recebia parte dos lucros dessas vendas. Gerando uma extensa guerra entre a indústria fonográfica e a pirataria, alimentando um mercado informal que vem crescendo desde então, que ainda em dias atuais, perdura em mais de 30 anos de uma briga desigual. No entanto, apesar de a pirataria de fitas cassetes serem grande, chegando a 100%

entre os anos 70 até o final da década de 90, a indústria fonográfica tinha segurança de vendas do seu produto nobre: o vinil.

Nos anos 70, a qualidade sonora dos registros em vinil e cassete não era de alto padrão no Brasil, principalmente as fitas cassetes que tinham uma qualidade inferior ao vinil. As mesmas tinham um adicional que diferenciava do disco; a opção de reproduzir gravações individuais com a ajuda de um reprodutor de fitas, que gravava sons emitidos a partir de um microfone instalado no aparelho ou diretos das rádios sintonizadas (FM e AM). Essa opção de gravação (Rec) já estava disponível na maioria dos tocadores de fitas produzidos nos anos 70. A gravação individual era um grande avanço, sendo que possibilitava a gravação pessoal de camada em cima de camada, isto é, uma gravação em cima da outra. No entanto, a sucessiva sobreposição de gravações, resultava em perda de qualidade sonora. Muitas dessas fitas piratas tinham dessa sobreposição, colocando a fita como algo até mesmo descartável, onde qualquer um podia gravar e vender sem que o consumidor percebesse sua qualidade no exato instante da compra.

O que diferencia entre os dois, obviamente é a qualidade sonora. E o fato de que a fita cassete pode ser pirateada, já o vinil não; pois o mesmo depende de maquinário pesado e de boa qualidade para a sua produção, além de uma especialização para o seu manuseio em relação a pessoas envolvidas na realização da criação e um espaço relativamente suficiente para a produção e estoque. Mais uma vez o vinil sobressai como sendo um produto antipirataria.

Mas com o passar dos anos, com a decadência do vinil na década de 90, surge outro produto que “enterraria” o vinil na história, substituindo o grande formato do disco de 12 polegadas por um mais compacto e com qualidade digital: o CD.

Com o advento do Compact Disc (CD), as vendas de vinil caem mais da metade; em 1989 o consumo de vinil chegava a 56,7 milhões de cópias sendo que o CD tinha apenas 2,2 milhões. Em 1995 os números confirmam, as vendas de LPs caem para 7,2 milhões e o CD chega a 56,7 milhões de vendas[4], obrigando as gravadoras a colocar o vinil de lado permanentemente, onde continuar produzindo esse registro seria arriscado em meio à crescente aceitação do CD. Porém, muitas fábricas continuaram abertas e produzindo, mas agora em uma pequena escala de

[4] Fonte: ABPD, RJ: 03-95. IFPI, Londres: 11-96

produção, atendendo as lojas de vinil ainda existentes em todo o mundo e para a utilização profissional dos LPs, os DJs. Desde então, o Vinil tornou-se um nicho de mercado.

Os “bolachões” em meio à era digital continuaram com a sua chama acesa, mesmo que pequena, não desapareceu completamente. O vinil fora transportado das grandes lojas para as humildes e permanentes livrarias Sebos (lojas especializadas em artigos culturais raros e populares, mantendo como parte do lucro a venda, compra e a troca de produtos da indústria cultural: livros, revistas, histórias em quadrinhos (HQ), discos de vinil e os próprios CDs). A principal clientela dessas lojas são colecionadores, DJs, saudosistas e adeptos ao vinil.

As vantagens do CD é que ele é compacto e fácil de manusear, porém nem toda criação é perfeita. O CD pode ter um aspecto mais moderno, feito de polimetil-metacrilato (acrílico), ser menor e mais leve que o vinil, mas com a modernização e a era digital, veio também a febre da diminuição; aparelhos e objetos foram cada vez mais ficando menores, para o melhor manuseio e transportedo mesmo. O CD não ficou de fora, especificamente, o enquadramento menor dos encartes. Os encartes perderam o brilho, sendo deixado muitas vezes de lado em relação ao mais importante: a venda do disquinho (compact disc). Em relação à qualidade sonora, muito ainda se discute; mas a digitalização e a compactação desse registro sonoro, de fato fizeram do CD uma mídia fria e sem vida. É importante salientar que a qualidade sonora do CD é inferior ao do vinil, pois a compactação fez perder um pouco de amplitude por ser música digital; ao contrário, a gravação do vinil é por meio analógico, ou seja, é o som real, que pode ser percebido com o calor da desenvoltura da agulha passeando pelo disco.

O disco pode não ser compacto, às vezes ocupante de um lugar bem maior na prateleira; mas diante disso, um elemento que destaca no LP deixando o CD por baixo, sem dúvida, é seus grandes encartes. Essa é a beleza do Vinil. Suas capas que, no final da década de 50, se tornaram mais que uma simples embalagem para guardar o disco; foram transformadas em verdadeiras obras de arte, não só para persuadir o indivíduo à compra, como também uma peça de expressão única, onde se desenvolveu a arte de fazer capas de discos por meio de fotografias, grafismos e pinturas.

> *"As capas em vinil são incríveis! Lembro até hoje quando ganhei da minha avó o vinil triplo e importado All Things Must Pass (1970), do George Harrison. Era uma caixa linda! Lembro até hoje do cheiro daquele papel! É uma relação multi-sensorial: olfativa, visual, tátil... Música tem que ter cor e nesse sentido o vinil é muito melhor."*[5]
>
> Nando Reis

Um aspecto bastante intrigante é que mesmo com a chegada do CD, uma tecnologia digital que colocou o vinil de lado, não houve a paralisação da pirataria; pelo contrário, o mercado pirata cresceu ainda mais ao longo dos anos. Dados de 2007 relevam que mais de 36 milhões de cópias piratas foram apreendidas . E esses números vêm caindo gradativamente atualmente em decorrência de um motivo ainda maior: o consumo acelerado do mp3. É bastante complicado dizer até aonde vai os limites da era digital; por causa disso o CD está caindo para o esquecimento, sendo posto numa quase extinção, em decorrência do grande compartilhamento de arquivos on-line entre redes (internet) e a expansão das músicas baixadas de graça na internet (downloads).

É fato, o CD perdeu seu brilho e já estão falando na possível extinção da mídia. São vários aspectos que ligam esse grande desastre do mercado fonográfico: o alto valor do CD, a imperialidade e o monopólio da indústria da música, a baixa fidelidade do compact disc, a generalização de músicas baixadas na internet, os altos impostos colocados pelas gravadoras para a produção e divulgação do mesmo, bem como a insatisfação por parte dos artistas e, principalmente, a incapacidade da indústria fonográfica de não se adaptar a era digital, a internet, e demorar a perceber esse grande baque no mercado.

Um fato bastante curioso está em evidência desde ano de 2007/2008: o vinil está reaparecendo na mídia e está voltando a ser produzido desde então. Com a crescente baixa do CD e o desenfreado consumo de músicas baixadas na internet, fez ressurgir aquele que seria uma lenda até então escondido na poeira. Artistas e bandas estão lançando e relançando álbum em formato vinil; lojas virtuais e físicas

[5] Nando em entrevista ao blog Viva o Vinil! Sobre o lançamento de seu disco Drês (2009) e sua paixão pelo vinil.

estão aderindo ao gosto do público pelo LP; lojas de discos obtêm maiores lucros em vendas, e não é do CD; fábricas estão voltando a funcionar e colocar a “bolacha” para ser produzida novamente. O disco de vinil estaria voltando à moda?

Em certa parte, sim; porém o disco de vinil está voltando como um nicho de mercado, diferente dá época glamorosa nas décadas de 60, 70 e 80. Em relação à produção, fábricas como a Polysom, localizado no município de Belford Roxo, no Rio de Janeiro - a maior e única fábrica de vinil da América latina - depois de um hiato de três anos, reabriram as portas no primeiro semestre de 2010.

Depois de uma longa negociação, proprietários da gravadora Deckdisc compraram a fábrica em 2009 e colocando-a para funcionar em 2010. Já com pedidos agendados por artistas brasileiros e internacionais.

Os Dados confirmam. Só nos Estados Unidos, surpreendentemente, as vendas de vinil cresceram 89% em 2008, com 1,8 milhões de unidades vendidas de acordo com levantamentos da empresa SoundScan. Principalmente, a bolacha preta está salvando lojas em tempos de pirataria; como é o exemplo da paulistana Baratos Afins, que há 31 anos é um dos principais pontos de encontro da música, onde o proprietário da loja, Luiz Calanca, afirma que seu faturamento em dias atuais é de 80% das vendas de vinil.

Existe um fato bastante polêmico e que amedronta o mercado: a indústria fonográfica estaria perto do seu fim? Com a baixa do CD e a alta do mp3, a indústria opera a beira de um precipício. Procurando soluções práticas em se adaptar a era digital. É parte da Teoria da Evolução de Darwin. A indústria fonográfica não se adaptou aos meios, tendo um significativo atraso em sua evolução com a chegada da era digital da internet e o descontrole do império da pirataria. Portanto, “a cobra morde o próprio rabo", ou seja, a quebra da indústria musical se deve ao seu imperialismo monopolizado que fechou os olhos para os avanços da sociedade e os meios de comunicação, bem como o desprezo às novas realidades de consumo.

O surgimento da indústria fonográfica alavancou, sem dúvida nenhuma, as vendas de discos de vinil, fez da mesma um monopólio milionário nas décadas que se seguiram. A indústria do disco, que no seu início eram pequenas organizações, uniram-se em prol da lucratividade e o crescimento no mercado, tendo ainda a visão

de seus ambiciosos proprietários na relação de vendas e consumo dos produtos da indústria cultural penetrados na sociedade. Com a divulgação dos artistas, bem como a fabricação das mesmas, houve o grande Boom da indústria do disco na década de 60. Expandindo a grande produção de discos em escalas mundiais, tornando o vinil como símbolo de uma nova era, a era do ouro do disco; unindo fortemente ao estilo rebelde e grandioso do Rock and Roll, surgindo uma nova ordem na sociedade: um alto consumo de produtos ligados à música, especialmente o disco de vinil, carro chefe das gravadoras.

Os grandes festivais de música, tanto no Brasil como fora, foi notório o surgimento de novos estilos musicais e a ramificação deles influenciados pelos movimentos artísticos e as manifestações políticas no final dos anos 60 e na extensa década de 70. Artistas presenciaram os grandes números de vendagem de seus trabalhos, propiciando o enriquecimento não só de suas vidas, mas como as dos donos de gravadoras, retentoras da maior parte dos lucros de vendas de vinil. Donos de gravadoras obtiveram seus lucros satisfatórios, ao mesmo tempo em que foram amedrontados pelo crescimento do mercado pirata, uma extensa guerra que já dura mais de 30 anos. No entanto, com a chegada da era digital da internet, a indústria não segura o baque e não se adaptou aos novos meios de consumo, engendrados por uma descarga massiva de arquivos on-line, baixados sem o mínimo de custo, totalmente de graça. Surgindo a decadência do CD na década de 2000, que antes tinha enterrado o vinil na década de 90; agora se volta contra ele em decorrência da troca de arquivos na internet, o mp3.

O mais espantoso, e no mínimo curioso e, além disso, deixando os adeptos ainda mais satisfeitos, o vinil está voltando às prateleiras em meio à era do mp3 e do Ipod. Como um nicho especial de mercado, diferente dos números no passado, porém, as produções, os pedidos, as vendas e a reaberturas de fábricas, contradiz o que o mercado da música havia imposto na década de 90: a extinção do LP. O vinil renasceu e está voltando às prateleiras, isso é fato, que seja em quantidade menor, mas põe a prova que o disco de vinil é essencial na maioria da escolha pelo público. Mesmo em menor escala de produção, um nicho, sua volta em meio à era digital é totalmente relevante; seria correto afirmar, portanto, que obra de arte sobrevive ao tempo, no caso do vinil isso lhe cai perfeitamente.

2.2 – Breve histórico do disco de vinil

> *“A música é capaz de reproduzir, em sua forma real, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria.”*
>
> Ludwig Van Beethoven.

As características que tornam o disco de vinil peça única de admiração, está em sua forma de beleza singular e no seu refinamento musical. Sua criação é propriamente uma arte.

Sua invenção se deu pelo seu criador Peter Carl Goldmark, engenheiro húngaro naturalizado norte-americano, onde desenvolveu a bolacha preta por volta de 1948 nos laboratórios da CBS (*Columbia Broadcasting System).*

Os estudos e desenvolvimentos para a criação de um aparelho que reproduzisse sons por meio da eletricidade já estavam em andamento desde 1878. O cientista escocês Alexander Bell criou o Gramofone (*Gramophone***)** em 1886, aquele que viria a ser futuramente o toca-discos, ou simplesmente, vitrola. O desenvolvimento do disco evolui desde então até chegar à criação de Goldmark.

Trata-se de um disco material plástico (Cloreto de Polivinila), geralmente da cor preta contendo micro sulcos em forma aspiralada que conduzem a agulha do toca discos da borda extrema até o centro no sentido horário. A gravação é feita por meio analógico, contendo ricas informações sonoras, ou seja, por meio analógico pode se obter o som real.

A produção da matéria prima finaliza-se em três produtos padrões: o LP, EP e Single. O LP (Long Playing) disco de 31 cm de diâmetro (12 polegadas), tocado em 33 rotações por minuto (RPM), contém a capacidade normal de 20 minutos por lado, sendo comercializado como um álbum completo. O EP (Extended Play), geralmente era comercializado como um lançamento especial ou de tiragem limitada contendo apenas 8 minutos por lado (quatro faixas por lado). Um disco de 17 cm de diâmetro, tocado a 45 RPM; Geralmente bandas e artistas lançavam esse tipo de formato contendo raridades e músicas que não entraram nos álbuns completos.

Os Singles ou Compactos Simples eram comercializados como uma tiragem especial limitada contendo apenas uma música, geralmente como canção de trabalho de um álbum completo a ser posteriormente lançado. Sua capacidade

limitava-se a quatro minutos por lado, rodado a 33-45 RPM de um disco de 17 cm de diâmetro (sete polegadas). Alguns EPs foram lançados com duas músicas de cada lado, originando o termo Compacto Duplo.

Anteriormente ao vinil, eram disponibilizados à venda os discos de 78 rotações, fabricados com Goma-Laca uma espécie de verniz de ramos e galhos de espécies de árvores indianas. Sua criação foi obtida em 1870, pelo inventor alemão Émile Berliner. A aplicação da matéria prima fizera desse formato um material rígido e extremamente frágil a arranhões e poeira. Seu tamanho variava de 15, 17, 20, 25 e 30 cm e chegavam a 76, 79 e 80 rotações. A sua fragilidade, seu peso e a qualidade sonora baixa fizeram a sua comercialização durar certo período, sendo substituído pelo vinil em 1948.

Vale lembrar que há um significado para cada lado do disco, colocados como lado A e lado B. Com o forte consumo do vinil, as gravadoras investiram na estratégia de colocar no lado A só as canções de maiores sucessos; obviamente por ser a primeira parte que o ouvinte irá escutar em seu toca-discos. E no lado B as canções menos conhecidas e fora dos planos de lançamentos como “músicas de trabalho”, sendo consideradas por alguns as que normalmente não são muito ouvidas, pelo simples fato de estarem do outro lado; daí surge as chamadas músicas lado B ou *B-sides.* Há quem diga que as canções gravadas no lado B são melhores ou mais complexas, por se tratar de composições técnicas e mais elaboradas diferenciando do habitual, o lado A.

As gravadoras apostaram no novo formato do vinil, mais leve, mais flexível, duradouro e com uma qualidade ainda melhor de sonância. A partir dos anos 60 a demanda da matéria prima do vinil (derivado do petróleo) estoura no mercado em decorrência do alto consumo do produto. Fábricas do mundo inteiro entram em parceria com as gravadoras, uma cooperativa que perdurou por muitos anos.

Desde então surge um mercado paralelo, sendo fundamental para a comercialização do disco nos anos iniciais da década de 50: a introdução de artistas plásticos, grafiteiros, pintores e fotógrafos para dar um toque especial às capas, ilustrando seus trabalhos em defesa da junção de duas artes: arte visual e a música.

Assim sendo, o principal propósito desse trabalho: a análise das artes gráficas dos encartes de vinil.

2.3 – Arte gráfica: Os encartes dos discos de vinil nos anos 70

"A arte é a forma mais intensa de individualismo que o mundo já conheceu."

Oscar Wilde.

Complementando Oscar Wilde, toda arte que é exprimida pelo seu criador revelam-se características únicas de seu puro e inimaginável sentimento. Unindo a capacidade de transformar o imaginário em elementos reais, compostos de instrumentos feitos pelo homem como o pincel, o lápis ou a câmera fotográfica, capazes de desenvolver as mais finas ou fantásticas obras visuais, intrigando nossos olhos e nossa mente. Toda arte é alimentada pelo seu criador, tal como, o criador se alimenta de sua arte para criar; uma relação mútua característica de cada um.

Essa relação não é diferente entre os artistas que imprimem suas criações nos encartes de discos de vinil. Aliás, vão além. Criam verdadeiras peças de veneração; obras que completam em sentido visual na concepção de um álbum conceitual[6]. Cada detalhe descreve as características próprias de cada autor, colocando não só o seu nome em crédito, mas também sua identidade em cada trabalho.

O surgimento dessa arte em massa emanou do alto consumo de discos logo no começo dos anos 50. Anteriormente a essa década, o vinil era somente embalado em uma espécie de embalagem lisa de papelão, somente com a descrição do artista e o nome do disco, sem nenhum tipo de traço pictórico ou representação visual. A partir do crescimento do mercado fonográfico nos anos 50, a indústria passou a contratar artistas plásticos e fotógrafos para a produção dos encartes, devido à máxima aceitação do vinil no mercado sendo que o mesmo não tinha um atrativo para o consumo. Passou-se a produzir então, as criações nas grandes capas; colocando à venda não só a música gravada na bolacha preta, mas

[6] Muitos discos são denominados conceituais por se tratarem de uma história única, descrita no álbum todo. São músicas compostas a partir de uma história, fictícias ou não, mantendo muitas vezes, a relação da canção com a arte do encarte. Gerando não só um único álbum, mas em alguns casos, vários discos a cerca de um mesmo tema ou a continuação da narração. Variando entre temas fantásticos, mitos e lendas ou em fatos reais. (www.discoarranhado.wordpress.com)

também a persuasão por meio dos encartes produzidos pelos autores das obras. Os próprios artistas e bandas passaram a cingir sobre o seu trabalho sonoro, escolhendo a dedo, os autores que iriam descrever visualmente os seus discos.

No entanto, não só os próprios artistas passaram a despertar interesse pelo trabalho artístico dos encartes, como também os consumidores que estavam diretamente ligados a persuasão da compra. Os fãs, os apreciadores ou simplesmente, os consumidores, ao adquirir o vinil estavam inteiramente seduzidos não só pela própria música, mas também pelo aspecto visual artístico dos encartes. Contemplados pelas grandiosas produções visuais, muitas vezes emancipatórias, ou até mesmo simples de fácil entendimento; se envolviam em uma aura de pensamentos e imaginações, despertando não só um interesse por quem o produziu como também a admiração e o respeito de seus trabalhos, passando a cultuar e buscar entender suas grandes obras.

A aceitação desse novo método de criação artística fez surgir diversos artistas que engrandeceu uma importância única para o mundo da música. Essencialmente, transformou todo o cenário musical em uma união calorosa de apreciação por parte do produto: a arte gráfica (o encarte) + a música (o disco).

• Storm Thorgerson (UK)

Um dos exemplos mais bem reconhecidos no meio musical é o designer gráfico Storm Thorgerson. Nascido na cidade inglesa de Potters Bar no ano de 1944, Thorgerson foi um dos co-fundadores do Hipgnosis em 1968, um grupo de design gráfico artístico direcionado a criação de artes de capas de álbuns de músicos e bandas, em especial o Rock. O grupo consistia em Storm Thorgerson, Aubrey Powell e Peter Christopherson, o grupo se separou em 1983.

Storm Thorgerson, 2008

Thorgerson se manteve até então, contendo um imenso portfólio, onde o próprio assinou várias artes que se tornaram mundialmente conhecidas e premiadas. Mais conhecido pelas famosas capas dos álbuns da banda inglesa Pink Floyd, Thorgerson produz com originalidade suas grandes obras.

Pink Floyd – Wish You Were Here (1975)

O álbum Wish You Were Here de 1975 foi produzido pelo mesmo. Um dos discos mais bem produzidos pela banda Pink Floyd e um dos exemplos de fidelidade sonora, tendo em questão técnica, como um álbum de referência para os audiófilos testar a qualidade sonora de seus equipamentos de áudio.

A capa é uma das mais intrigantes e angustiantes no cenário musical. Descreve união com as letras, fala sobre a ausência e os aspectos negativos da indústria musical; em especial relata sobre o desmoronamento pessoal e da própria banda enquanto tal, em decorrência do afastamento de Syd Barrett em 1968, guitarrista e um dos fundadores da banda, por causa do forte consumo de LSD, sendo visível a incapacidade de continuar tocando nas longas turnês. O álbum em si, um tanto melancólico, é um tributo a Syd Barret, ficando em evidência nas canções *Shine On You Crazy Diamond* e *Wish You Were Here,* dedicadas ao guitarrista.

Led Zeppelin – Houses of the Holy (1973)

A banda Led Zeppelin também trabalhou com Storm Thorgerson em algumas capas de seus álbuns. Sendo uma delas, o álbum *Houses of the Holy* de 1973. A capa é um clássico, e um convite a uma intensa interpretação da arte surreal do encarte.

A capa foi produzida no monumento Giant's Causeway, no norte da Irlanda, uma formação rochosa consistida em degraus. Com produção de Thorgerson e do fotógrafo Aubrey Powell, um casal de irmãos fora utilizados nas fotografias. Stefan Gates e sua Irmã Samantha Gates, tiveram seus corpos pintados com uma tinta prateada e fotografados em vários ângulos; a idéia principal era de intuito captar uma cena rara: o pôr do sol, momento raro sendo que naquela região da Irlanda nunca chovia.

No entanto, seguiu-se com a segunda idéia em mente: em vários ângulos, foram recortadas e multiplicadas as imagens das crianças, para ser aplicadas em outra imagem do mesmo lugar, pintado a mão pelo desenhista Phil Crennel. A capa seguia o mesmo conceito levado pela banda em seus discos anteriores (artes místicas e misteriosas), onde em nenhum momento constasse o nome, logotipo, músicas, ficha técnica da banda, somente a pura arte.

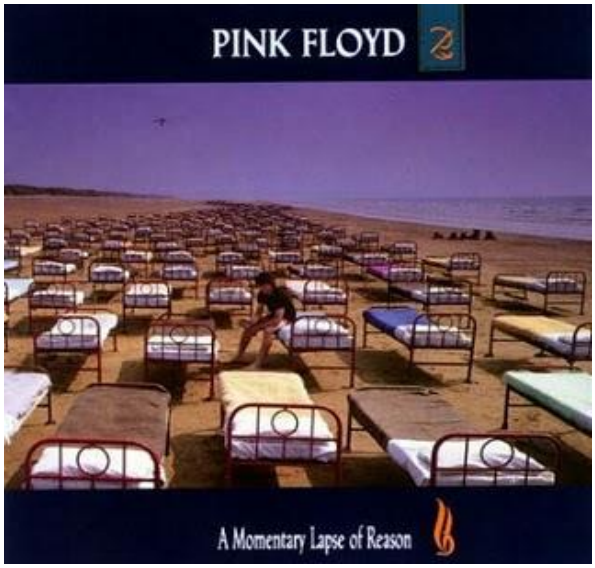
A idéia da capa surgiu na inspiração do romance *Childhood's End* (O Fim da Infância) publicado em 1953, pelo escritor e inventor inglês Arthur C. Clarke; a obra de ficção cientifica relata o fim da infância para a espécie humana anunciado por alienígenas na Terra. O romance é o terceiro e último livro da trilogia *Space Trilogy*, com tema na evolução humana em direção a "inteligência cósmica" publicado em 1953. Com foco principal em algo místico e misterioso, algo que fugisse do real, as interpretações são variadas. Como crianças, ou anjos caídos em terra, subindo nas pedras do monumento em direção à "casa sagrada", ou o paraíso.

O disco foi censurado em vários países, até no Brasil, sendo colocado um selo no quadril da garotinha, contendo o nome da banda e do disco, quebrando toda a idéia inicial misteriosa e a magia imposta pela banda. No entanto, sua arte deslumbrante, intrigante e cheia de mistérios, fez dessa capa um clássico dos anos 1970; adquirindo em vendagens uma quantidade superior a 11 milhões de cópias, certificados com 11 discos de platina pelas vendas[7]. Em 2003, o álbum foi escolhido como número 149 da lista dos "500 Melhores Álbuns de Todos os Tempos" [8]

Falar de Storm Thorgerson é observar cada ponto de suas obras e desvendar os mistérios de sua mente. Suas obras se caracterizam como sendo únicas e intrigantes, com traços marcantes e uma produção impecável. Thorgerson abusa de sua criatividade ímpar e suas técnicas que caminham do mais simples ao mais inimaginável e surpreendente, gerando curiosidade e diversas interpretações. O artista prefere usar o real à forma digital (computação).

[7] RIAA – Recording Industry Association of America, 1995
[8] Revista Rolling Stone, 2003

Geralmente suas obras são realizadas a mão, somente usa-se auxilio da computação para um simples retoque. Suas produções são gigantescas, beirando o inacreditável. Como a produção da capa do álbum do Pink Floyd *A Momentary Lapse Of Reason* de 1987, onde foram colocados 800 leitos enfileirados na praia de Saunton Sants, Costa norte da Inglaterra. A monstruosidade durou duas semanas para ser finalizada. Portando, o resultado final foi excepcional.



Pink Floyd - A Momentary Lapse of Reason (1987)

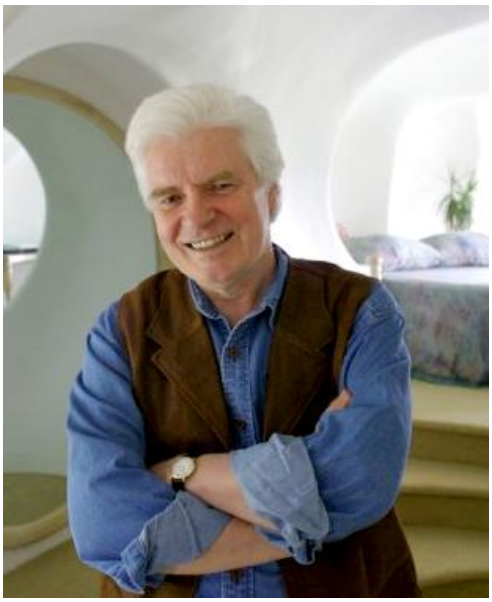
Foto original

Simples, exagerado, curioso e inacreditável, fazem dessas palavras, as características do artista Storm Thorgerson.

• Roger Dean (UK)

Designer, arquiteto e inventor, o artista Roger Dean, junto com Thorgerson, é responsável pela transformação do status das capas de álbuns em quatro décadas desde final dos anos 60.

Dean, nascido em Kent, Inglaterra no ano de 1944, é um renomado artista plástico que ajudou a revolucionar o conceito de arte de embalagem do vinil. Suas obras começaram a ser reconhecidas no final dos anos 60.



Roger Dean, 2009

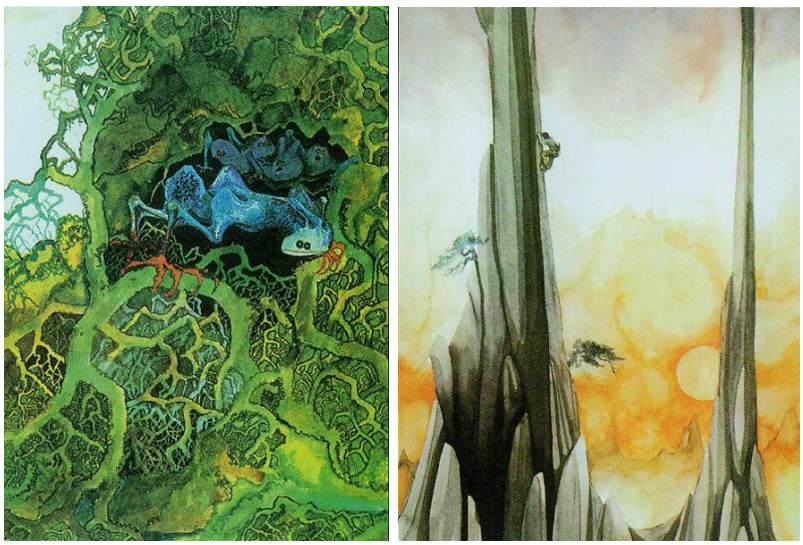
Roger Dean possui uma extensa lista de *Covers* (capas) produzidas em mais de 40 anos de carreira, onde trabalhou com diversas bandas como Uriah Heep e Rick Wakeman, mas foi como ilustrador oficial dos álbuns das bandas do rock progressivo Yes e Asia, que o artista obteve o grande reconhecimento do público.

O Álbum *Fragile* da banda Yes, lançado em 1971, foi o primeiro disco a ser ilustrado pelo artista e o início de uma longa e produtiva parceria que perdura até hoje.

YES - Fragile (1971)

A primeira arte produzida deixa a vista os traços marcantes que projetou definitivamente o artista na cena musical. O quarto álbum da banda, diferente dos anteriores, mostra a individualidade de cada membro do Yes e a genialidade nas letras produzidas por cada um. Com temas fantásticos, surrealistas e obscuros. Em termo musical os discos apresentam arranjos complexos com influência da música erudita, marcações de tempo incomuns e musicalidade virtuosa.

A arte visual de *Fragile* mostra um pequeno planeta e uma pequena aeronave de madeira sobrevoando o mesmo, no topo é visualizado o nome do disco e o logo da banda, criado por Dean. Na contracapa, o pequeno planeta está começando a se despedaçar e seus habitantes estão partindo na aeronave. A capa interna apresenta duas pinturas distintas. De um lado do disco, criaturas estranhas escondidas nas raízes de uma árvore e do outro lado um alpinista escalando uma montanha.


Pinturas internas do disco *Fragile*: criaturas nas raízes da árvore (dir.) e ao lado um alpinista (esq.).

O disco, em relação musical e aspecto visual, foram definitivos para a consolidação de uma das

características mais marcantes do rock progressivo: a arte psicodélica e o surrealismo.

Não é de se estranhar que todas as capas desenhadas até o momento por Roger Dean para a banda Yes são similares, contando por meia da pintura uma única história. Em entrevista em 2004, Dean afirmou ter ficado em silêncio todos esses anos a respeito do que estaria por trás das famosas capas produzidas. No entanto, ele revelou que a similaridade entre as capas são na verdade uma única história contada de um menino chamado Loki, com imaginação fértil e desbravadora pelas lendas e mitos lidos pelo seu tio, quando ainda era uma criança.

Uma história em particular lhe chamava a atenção: sobre um pequeno planeta a se acabar, onde um herói constrói uma arca espacial, salvando seus habitantes. Loki, já adulto, encontra o tio e lhe pede ajuda para encontrar a arca perdida. Inicialmente, seu tio lhe recusou, devido aos inúmeros perigos e a longa jornada, mas por fim acaba aceitando. Uma história fantástica contada por 33 anos por meio das capas! Esse enredo é contado através do longa-metragem *Floating Islands* (Ilhas Flutuantes), uma animação em 3D ainda em fase de produção, com trilha sonora assinado pelo próprio Yes, onde Dean pretende relatar todas suas inspirações por meio da história de Loki.[9] Atualmente, o filme de ficção Avatar (2009), com produção de James Cameron, tem influências das artes de Roger Dean. No longa-metragem são visualizadas ilhas flutuantes com cachoeiras, a flora e a fauna com inspirações nas artes das capas do Yes e da arquitetura criada pelo artista.

> *"Diria que meu trabalho seja fruto da natureza terrestre aliada ao meu amor pela engenharia arquitetônica. Tudo isso se mistura e se traduz no meu trabalho."* [10]
>
> Roger Dean

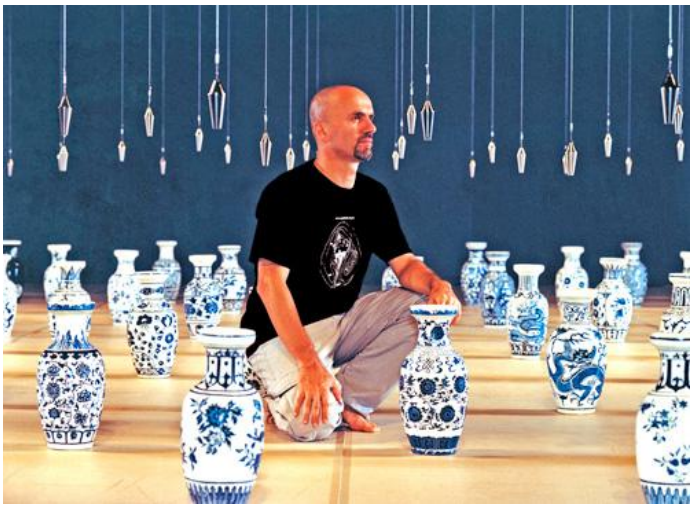
As qualidades que resumem um artista são muitas, porém, o designer em questão sobressai em um adjetivo: ousadia.

[9] www.rogerdean.com
[10] Em entrevista ao site www.viafanzine.jor.br, 2005

Suas técnicas são únicas, em conjunto com sua criatividade, criaram belas obras não só da arte de encartes de vinil, mas também em suas obras arquitetônicas. Na questão visual dos encartes são inigualáveis suas belas obras, cheios de fantasias, histórias magníficas e enredos que fogem do lugar comum, evidenciando diversas interpretações a cerca de seus encartes produzidos, fazendo muitas vezes, o consumidor de disco adquirir os álbuns de sua autoria, seduzidos pelas suas maravilhosas e intrigantes pinturas. Roger Dean, resumidamente, é um artista clássico da segunda metade do século XX, um verdadeiro mago das capas de vinil.

• Gringo Cardia (BR)

Natural da cidade gaúcha de Uruguaiana no ano de 1957, o cenógrafo Waldimir Cardia Junior, mais conhecido como Gringo Cardia é um dos poucos artistas plásticos reconhecidos no Brasil.



Gringo Cardia no meio de um dos cenários produzidos para o espetáculo do Cirque Du Soleil, 2008.

Cardia, um multiprofissional, já atuou em diversas áreas como arquiteto, artista plástico, designer, diretor de arte e diretor de videoclipes, desfiles de moda, ópera e teatro. Ao lado de sua irmã Gringa Cardia, dirige a produtora Mesosfera no Rio de Janeiro e em 2000 criou a ONG Escola Fábrica de Espetáculos Spectaculu, com a atriz Mariza Orth, para inclusão de técnicas de artes visuais às alunos de comunidades de baixa renda.

Atualmente trabalha como cenógrafo em espetáculos de danças, shows e peças de teatro. Já trabalhou ao lado de grandes nomes da música brasileira, como produtor cenográfico, diretor de videoclipe e designer de capa, como Rita Lee, Tom Jobim, Lulu Santos, Chico Buarque, Gilberto Gil, Cássia Eller e outros; no teatro, desenvolveu diversos cenários ao lado de grandes diretores, como José Celso Martinez Corrêa, Hector Babenco, Amir Haddad, etc. Assinou diversas produções

como alguns dos espetáculos da companhia canadense Cirque Du Soleil e dirigiu e cenografou diversos desfiles da São Paulo Fashion Week e Fashion Rio. Uma extensa lista compõe o seu currículo em território nacional e internacional.[11]

No entanto, em exposição do tema em questão, como artista plástico desenvolveu diversas artes para capas de discos aos artistas brasileiros. Porém, a contribuição feita pelo mesmo para as produções de encartes não se refere diretamente as produções de encartes dos álbuns de artistas na década de 70 ou com relação direta em ilustrações em capas de vinil. Uma vez que Gringo Cardia produziu os designs de capas de artistas da década de 70, com lançamentos de seus respectivos discos lançados no final da década de 90 em diante e artistas e bandas surgidas nessa mesma década. Mas fica claro ressaltar a importância para esse grande artista no cenário artístico brasileiro que não só desenvolveu identidades em design de capas de discos, como também em seu envolvimento em diversas áreas da arte no Brasil e fora do país.

Severino, disco produzido pelos Paralamas do Sucesso em 1994, vendeu aproximadamente 55 mil cópias, um fracasso comercial, podendo alguns fãs estranhar à primeira ouvida. Porém sua qualidade sonora é audível, sua produção bem trabalhada e seu contexto relevante. O sétimo álbum da banda contém influências visíveis do nordeste brasileiro, contendo letras políticas e melodias distintas.

Os Paralamas do Sucesso – Severino, 1994

Ilustrada por Gringo, a capa contem traços bem simples e cores fortes, em referência ao sertão árido, o jogo de palavras (algumas erradas) empilhadas ao longo de quase todo o disco releva o personagem central, fazendo menção especial ao esquizofrênico artista plástico sergipano Bispo do Rosário (⋆1911 † 1989). A construção da capa elabora uma dupla interpretação: as palavras podem representar uma construção de diversas

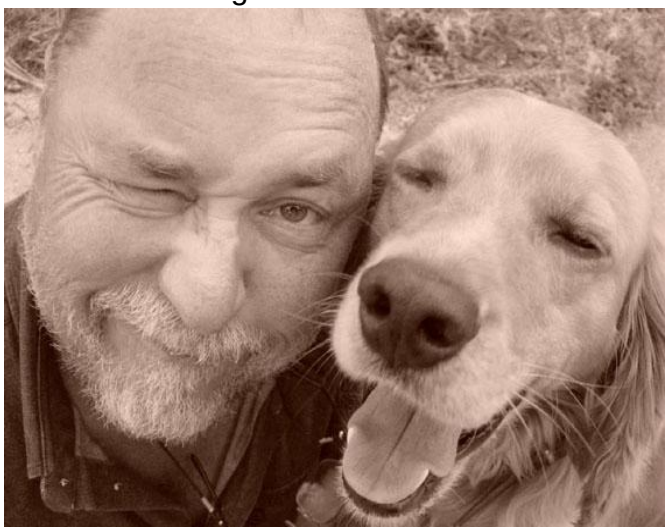
[11] Fonte: www.mesosfera.com.br

frases jogadas ao ar, algumas erradas outras certas, questionando e expondo a qualidade inferior da educação das classes mais miseráveis, como ato de protesto. A segunda seria as palavras empilhadas envolvendo o personagem central da capa em cima de um altar, fazendo uma alusão ao um santo ou um peregrino, bem comum nas religiões e crenças nordestinas.

Gringo Cardia se destaca pela sua originalidade, colocando cada detalhe em cena, característico de suas obras. Destacando principalmente no teatro, o artista compõe cenários fora do comum. Porém na qualidade de cenógrafo, Gringo elabora as mais fascinantes artes visuais, sendo como ferramenta principal para o artista em palco. Cenários delirantes, caóticos, que de certa forma tocam o expectador e o faz fugir do lugar comum, elaborando diversas interpretações a cerca de suas obras, tornando o espetáculo único e tocante. No teatro, nos shows, na arquitetura, e principalmente como designer, Gringo Cardia cria e recria, dando um toque especial e único a suas obras. Um verdadeiro artista, com nuances de estilos e uma criatividade ímpar, um grande e respeitado artista brasileiro.

- **Alain Voss (BR)**

Nascido no Brasil em 1946, imigrando para Europa nos anos 70, Alain Voss é pouco conhecido no país de origem. Saiu do Brasil em 1972 e permaneceu durante anos na França, onde atualmente permanece em Portugal.



Alain Voss

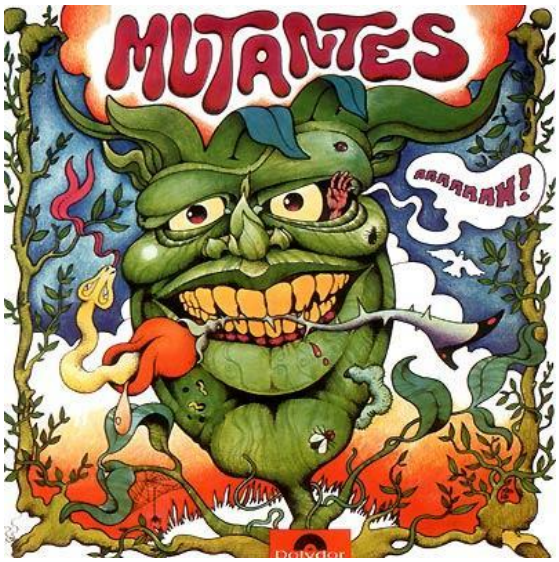
O franco-brasileiro trabalhou na revista Realidade (precursora da Veja) e devido à alta censura do regime autoritário brasileiro, fugiu para Paris em 1972, onde se estabilizou e fixou seu negócio no país francês. Mais conhecido pela sua atuação em HQs (Histórias em Quadrinhos), é criador da revista *Métal Hurlant*, um HQ francês destinado a adultos, com temas sobre ciência e fantasia. A revista deu origem à versão americana *Heavy Metal*, um aclamado HQ adulto de ficção cientifica e

fantasia, adaptado pelo editor americano Leonard Mogel que em Paris, presenciou o lançamento da *Métal Hurlant* em 1974, fechando acordo com Voss nas adaptações americanas.[12]

No Brasil é criador do personagem *O Careca,* um desconhecido HQ de espionagem, repleto de ação e carimbado pelo próprio Jack Kirby, um dos editores principais da Marvel Comics, editora americana precursora em HQs. Porém, a revista foi barrada pela censura em 1969, impedida de ser lançada e destruída pela editora.[13] Depois disso Alain migrou para a Europa onde permanece desde então.

No cenário musical, Alain estampou poucos discos, em sua maioria as capas dos discos dos Mutantes. Mas esse pequeno feito fez da banda ilustrada, um reconhecimento gigantesco no cenário musical brasileiro, onde tornou uma de suas artes um clássico dos anos 70. A banda ficou mais em evidência devido aos trabalhos de Alain logo no primeiro ano da década de 70.

Jardim Elétrico, disco lançado em 1971 pela Polydor Records (Universal Music), destaca o começo da união da banda com o artista plástico. O disco não obteve o sucesso estrondoso de seu antecessor *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado* de 1970, porém marcou a fixação do estilo da banda com as artes das capas produzidas por Alain Voss.



Os Mutantes – Jardim Elétrico (1971)

O Rock Progressivo/Psicodélico flertando com Tropicalismo praticado pela banda, casou perfeitamente com a arte de Alain. O disco em questão é uma obra a parte, o som influenciado pelo Rock and Roll e por bandas como Uriah Heep, Led Zeppelin e Rolling Stones unidos a elementos musicais e temáticos brasileiros, coloca a banda como um dos grupos mais criativos, dinâmicos e radicais nos anos 70 e na história da música brasileira e mundial.

Com Letras românticas e temáticas, o clássico Jardim elétrico, 4° disco da banda, contém mescla de elementos da cultura brasileira com o progressivo com

[12] http://www.bedetheque.com/
[13] http://guedes-manifesto.blogspot.com/2009/07/40-anos-de-o-careca.html

pitadas *Hard Rock*, com a sutileza da Bossa Nova e Tropicalismo, flertando com o soul e o blues, bem casados com o alto astral do psicodelismo. A capa produzida por Alain Voss eleva o som da banda a um patamar mais alto: O puro delírio de se ouvir o disco enquanto aprecia-se a desconcertante arte da capa. O encarte psicodélico conota explicitamente elementos alucinógenos, traços e cores fortes e vivas característicos do psicodelismo são bem destacados na capa, junto com uma irônica e engraçada planta cercada de distintos e distorcidos elementos. A planta se refere ao um pé de maconha, porém alguns desatentos só descobriram que se tratasse de uma planta de maconha depois de uma análise bem atenta.

Alain Voss, um fraco-brasileiro, que fez seu nome nos HQs e qualificou as artes de capas para o grupo Os Mutantes. Sua técnica é baseada em elementos que remetem a ação, movimento e ficção científica, característico de Histórias em Quadrinhos. O psicodelismo está presente em suas obras, tanto em HQ quanto nos disco dos Mutantes; essa união de HQ e música fez surgir as artes delirantes para os discos da banda, qualidade essencial para o receptor que admira suas obras de ação e fantasia nos quadrinhos e nas artes psicodélicas dos discos. Um excelente artista plástico pouco conhecido no Brasil, mas respeitado no mundo todo.

Em seu todo, a relação entre arte de capa mais o disco de vinil, torna-se uma união totalmente sólida e coerente, igualmente a relação entre o próprio vinil e a agulha que desliza entre os sulcos do disco produzindo o som registrado, um depende do outro! Desde seu surgimento, as ilustrações de capas de discos foi um dos fatores que ajudou a alavancar o super crescimento de vendas de vinil, bem como o enriquecimento da indústria fonográfica e a admiração dos consumidores e adeptos aos discos de vinil.

Com o advento de artistas plásticos, grafiteiros, pintores e fotógrafos como ilustradores de vinil, fez surgir outro profissional: o capista. Esse profissional tornou possível a ligação entre o produto de massa e a arte. Anteriormente a embalagem do vinil era rústica, com a produção dos ilustradores o encarte passou a ser atrativo principal no mercado, onde a demanda cresceu e geraram lucros exorbitantes as gravadoras e aos artistas. São mais de 50 anos de existência dessa arte, que transformou todo cenário musical em todo o mundo.

São diversos capistas espalhados por todo o mundo, uns altamente reconhecidos, outros nem tanto. Mas o reconhecimento de cada um fez dessa arte uma febre de consumo, não só pela música propriamente dita, mas também para obter a capa como símbolo de apreciação entre os consumidores, que passaram a cultuar sobre o vinil. Uma espécie de ritual: retira-se a bela e reluzente forma preta circular da embalagem, coloca-o no tocador, liga-se o aparelho posicionando a agulha no começo do disco e começa a escutá-lo admirando a arte de sua capa.

Essa relação, um tanto íntima, perdura até os dias atuais, sobrevivendo em meio à era digital e na velocidade da informação. O vinil, caminhando ao contrário, sobrevive no presente sem deixar seu passado de ouro. O glamour de sua época permanece e desfruta de sua longa existência. Não pelo mercado fonográfico, pois o mesmo se encontra estagnado, mas sim pelo fies adeptos à bolacha preta e suas belas capas.

Cada ilustrador contém suas características que o definem, diferenciando de um para outro. O artista expressa de maneira única seus traços marcantes e suas técnicas bem elaboradas, não na quantidade, mas sim na qualidade de suas obras. Sem se importar com qualquer tipo de intervenção a qual está sujeito, seja ele na mídia, na sociedade ou até mesmo pelo próprio artista ilustrado, o capista se sobressai colocando no papel a sua pura e honesta inspiração. Devido a essa prática da pura arte, fomos gratificados com os mais belos trabalhos visuais, transformando em verdadeiras obras de arte do século XX.

Mas as inspirações muitas vezes são deixadas de lado, colocando as bem produzidas criações lado a lado com capas depreciativas, mal produzidas e sem nenhum atrativo. Com o único intuito de vender, ou seja, como forma apelativa de vender um produto. Porém, esses discos obtêm uma vendagem significativa para as gravadoras, algo rotativo, meramente lucrativo, brigando muitas vezes com grandes discos que contém uma bela capa ilustrada.

Então como explicar o alto consumo desses discos sem produção visual elaborada? O que difere dessas para as capas bem mais trabalhadas? O que seria apelo? O que seria arte? Nos dias atuais o vinil sobrevive devido ao um consumismo ou ao saudosismo? E o mais importante, todas as capas de discos podem ser consideradas arte? Todas essas questões serão respondidas no próximo capitulo.

Capítulo III

O mercado de capas de vinil na década 70: Apelo ou arte? Nostalgia ou consumismo?

3.1 – Análises dos encartes

> *“A grandeza de uma obra de arte está fundamentalmente no seu caráter ambíguo, que deixa ao espectador decidir sobre o seu significado.”*
>
> Theodor Adorno

Toda e qualquer obra de arte contem o seu valor, seja estético ou em seu âmago, assim como seu caráter que deixa em aberto seu amplo espaço de interpretações. Sem dúvida, uma das mais significativas obras visuais do século XX foi e continuando sendo o vinil, sua capa em questão.

Assim como um quadro desenhado por um grande pintor, o encarte de vinil possui seus criadores, que comparado a um pintor de telas, o ilustrador de capas não deixa nada a dever em termos de semelhanças ao primeiro. Ambos expressam o valor íntimo e o sentimento real que é liberado através do pincel, do lápis, grafite ou pela fotografia. Assim como uma obra em tela, a capa de um disco, equivocadamente, liberta uma ramificação de interpretações, gerando inúmeros significados. Porém, diferente de uma obra renascentista, por exemplo, o mesmo não contém traços suficientes para se tornar um produto comercial, por se tratar de uma admiração para poucos.

O vinil uniu a arte com o produto de massa, o disco. Claramente isso se torna um produto de duplo consumo: Se obtém o disco, em interesse pela música e obtém o álbum por interesse pelos dois, o disco e a capa desenhada. Um dos fatores que construiu esse consumidor é a persuasão por um produto que eclodiu em uma época de ouro da música, que fez tornar-se um produto de desejo, objetivando em um alto consumo e, obviamente, um boom na produção e altas vendagens do vinil.

Passado mais de 50 anos, mesmo com a sua baixa no começo dos anos 90 e a interrupção da produção na metade da mesma década, o seu glamour ainda continua em alta, porém sem a produção ligeira de outrora. Caminhando em passos brandos, a produção de vinil reabriu suas portas em 2004 e no começo de 2010 a fábrica brasileira Polysom, localizada no RJ, volta a funcionar produzindo para artistas brasileiros e internacionais, colocando no mercado edições especiais e tiragens de luxo de diversos artistas.

Todo esse retrocesso do vinil em meio à era digital deixa a certeza de que o mesmo nunca foi eliminado do cenário musical. A bolacha preta manteve-se afastada dos holofotes da mídia e do mercado, no entanto, abastecia outro tipo de mercado que nunca o abandonou: os DJs. Mesmo seu sucessor, o CD, não está resistindo ao avanço da tecnologia e está quase em extinção, devido ao alto consumo dos downloads de Mp3 legais e, principalmente, de graça na internet. Ironicamente, toda essa quebra da indústria fonográfica é devido ao seu próprio ato em decorrência do alto imposto colocado pela mesma no mercado, seu autoritarismo de décadas e sua incapacidade de acompanhar o avanço da internet.

Toda essa guerra deixa o vinil na dianteira do sucesso no que se refere á qualidade e o bom gosto. Mesmo hoje, há um forte consumo pelo LP, seja por qualidade, quanto por adoração, consumida por adeptos, adoradores, colecionadores, conhecedores e audiófilos.

Colocando sua qualidade sonora de lado, o que mais se aprecia em um vinil a primeira vista, certamente é o seu cartão de visita: suas capas. Ao longo dos 50 anos de sua existência, o mundo vivenciou as mais belas artes de capas já produzidas; são inúmeras e catalogá-las seria um longo trabalho, porém prazeroso.

Na capacidade de uma análise mais profunda, tudo é válido para decompor cada elemento registrado no encarte. Sejam o estudo das cores, as formas gráficas, as simbologias, etc. Assim como o estudo do comportamento do consumidor, para entender e descrever a arte obtida pelos ilustradores e a razão pelo qual foram persuadidas pelos consumidores.

Nessa seqüência irei analisar seis capas produzidas na década de 70, sendo três de bandas internacionais e três de artistas brasileiros, usando dois tipos de estudos: a análise sonora e análise visual.

Beatles, The – Abbey Road
Ano: Londres, 1969
Gravadora: Apple Records
Faixas:

Lado A
1. Come Together
2. Something
3. Maxwell's Silver Hammer
4. Oh! Darling
5. Octopus's Garden
6. I Want You (She's So Heavy)

Lado B
1. Here Comes the Sun
2. Because
3. You Never Give Me Your Money
4. Sun King
5. Mean Mr. Mustard
6. Polythene Pam
7. She Came in Through the Bathroom Window
8. Golden Slumbers
9. Carry That Weight
10. The End
11. Her Majesty

A capa do disco Abbey Road dos Beatles é um clássico contemporâneo! A polêmica capa contém uma das cenas mais famosas do cenário musical: os quatros rapazes de Liverpool, George Harrison, Paul McCartney, Ringo Star e John Lennon atravessam a faixa em frente aos estúdios Abbey Road, localizado na rua londrina de mesmo nome. Foi o disco mais vendido dos Beatles, ultrapassando a marca de 30 milhões de cópias vendidas[14]; o bem mais produzido álbum da banda (ficando atrás somente de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* de 1967) e considerado por muitos o melhor do quarteto.

Todas as 17 faixas foram gravadas em aproximadamente quatro meses, de 20 de abril a 18 de agosto de 1969. As influências variam do blues a música erudita, do progressivo ao rock dos anos 50. Compostas pelos quatro membros, as letras são distintas, descrevendo cenas e declarações de amor, a cenas irônicas e histórias de homicídios e passagem em outros países.

As 6 faixas do lado A foram escolhidas de acordo com o gosto de Lennon, enquanto as 11 faixas contidas no lado B eram de agrado a McCartney. Lado A contem canções escrita por todos, principalmente a balada *Something* escrita por Harrison, onde marcou o começo da maturidade de George enquanto compositor. Lado B contém uma coletânea de curtas composições, escritas em sua maioria por Paul, onde na música *You Never Give Me Your Money* dá início ao um medley em 4 músicas, fechando em *She Came in Through the Bathroom Window*, o verdadeiro pout-pourri da banda.[15]

A capa, produzida por Iain Macmillan em meio às folgas das gravações em 8 de agosto de 1969, contém uma série de polêmicas interpretadas envolvendo a banda, principalmente os rumores de que Paul estaria morto. A foto conteria supostas pistas para dar mais força aos rumores da morte de Paul McCartney: Paul está descalço (segundo ele estava muito quente no dia e não agüentava ficar de sapatos), fora do sincronismo dos passos do restante, de olhos fechados, com um cigarro na mão direita (apesar de ser canhoto). A placa do fusca (*beatle*) estacionado contém as letras LMW, referindo ao acrônimo “Linda McCartney Widow”, em português “Linda McCartney Viúva” e abaixo a numeração 28IF,

[14] http://www.everyhit.com/recordalb.html
[15] http://www.timepieces.nl/Albums-B/Beatles_Abbey_Road.htm

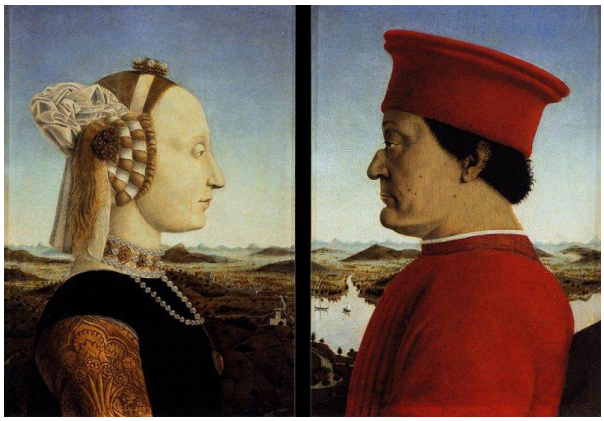
referindo supostamente o fato que Paul teria 28 se ("*if*" em inglês, "*se*") estivesse vivo.

Segundo o mito "Paul está morto", os quatros alinhados na foto representaria da seguinte forma: John Lennon representaria o padre (cabelos compridos, barba e todo de branco), Ringo o responsável pelo funeral (de terno todo preto), Paul o cadáver (de terno, mas descalço – como um defunto no caixão) e George o coveiro (de calça jeans e camisa denim, normal de trabalho). Além de ter um carro preto estacionado do lado direito da foto, muito comum usado em funerais e os quatro andam em direção a um cemitério próximo a Abbey Road. Na mesma direção de Paul, há um carro mais a frente que a pouco passara pelo mesmo lugar onde Paul está e na contracapa do álbum, do lado esquerdo superior, há oito pontos como se formasse o número 3, definindo então "3 Beatles".

Obviamente, toda essa polêmica foi plantada como brincadeira pelo próprio grupo como puro marketing, que ainda hoje é discutida por muitos beatlemaníacos. Porém, toda essa polêmica gerou as vendagens de maior sucesso do grupo.

A foto tirada em PC (Plano Conjunto), com panorâmica, destaca o tempo em que foi tirada: capital inglesa, ano 69, em pleno verão europeu. Os quatro apresentados de forma alinhada é o que podemos chamar de "perfil de ação": na cena há uma nítida ação em conjunto que torna a fotografia uma cena de movimento, muito comum usado em fotografias e peças publicitárias para representar ação e movimento; a marcha do grupo captada em perfil trás uma vivacidade à cena, o que releva a percepção em primeiro plano da banda, remetendo as obras do pintor italiano da Renascença Piero Della Francesca (1416-1492), contendo em suas pinturas um alto grau de intensidade e relevo dos elementos contidos em cena e compondo formas bélicas geométricas.

Os Beatles caminhando na faixa assemelham-se a um retângulo sobressaindo à cena; e seus perfis remetem a obras *Federico de Montefeltro* e *Battista Sforza* de Piero, ambos do ano de 1472, ficando em



Battista Sforza e Federico de Montefeltro.
Piero Della Francesca. Itália,1472.

evidência a semelhança e os elementos sobressalentes de cada um[16].

Em questão as cores, obviamente, como sendo isento de uma alta produção e pelos instrumentos fotográficos da época, a cores são escuras e foscas, bem comum por ser ao ar livre sem nenhum tipo de equipamento de alta qualidade. No entanto, a qualidade da fotografia é relevante, deixando destacados os tons de roupas usados na época, bem como um cenário típico da capital britânica nos anos 60: homens bem trajados, cotidiano de classe média /alta ao fundo e postura ereta, arrogante e alinhada caracterizada dos britânicos.[17]

Apesar da capa não conter referências diretas de obras de arte, a ilustração simples captada por Iain Macmillan foca um cenário bastante habitual de época, delineando traços comuns do cotidiano de Londres, fazendo referência a origem da banda: Liverpool, Inglaterra. Como sendo esse o principal propósito do penúltimo disco lançado pelos Beatles, à volta aos velhos tempos da banda. A capa em questão, apesar de simples, tornou-se um clássico contemporâneo e uma das capas mais lembradas e reeditadas, onde muitas pessoas em todo o mundo passam ou já passaram pela faixa reproduzindo a cena marcada pelos Beatles, fazendo da Abbey Road Street um ponto turístico de Londres.

[16] PROENÇA, Graça. 1995. p. 85-86.

[17] BERGER, John. 1999. p. 105. Referência a chamada pintura de “gênero” – a pintura da “vida cotidiana”, expressada por pintores do século XVII, principalmente Adriaen Brouwer (1605-1638), pintor belga que utilizava o cotidiano amargo da idade moderna européia, para retratar suas obras.

Led Zeppelin – IV
Ano: EUA, 1971
Gravadora: Atlantic Records
Faixas:

Lado A
1. Black Dog
2. Rock And Roll
3. The Battle of Evermore
4. Stairway to Heaven

Lado B
1. Misty Mountain Hop
2. Four Sticks
3. Going to California
4. When the Levee Breaks

O quarto disco dos britânicos do Led Zeppelin, auto-intitulado de “IV” foi lançado em 8 de novembro de 1971 e o primeiro álbum da banda a não contém nenhuma descrição de letras, nome da banda, etc., somente a estampa artística.

O disco por si só é um clássico do rock. Das oito canções contidas, quatro são singles, Black *Dog, Rock and Roll, Going to California* e a linda balada *Stairway to Heaven*, canção épica da banda. É um dos álbuns mais vendidos da história, com mais de 37 milhões de cópias vendidas em todo o mundo, 23 milhões somente nos Estados Unidos.[18]

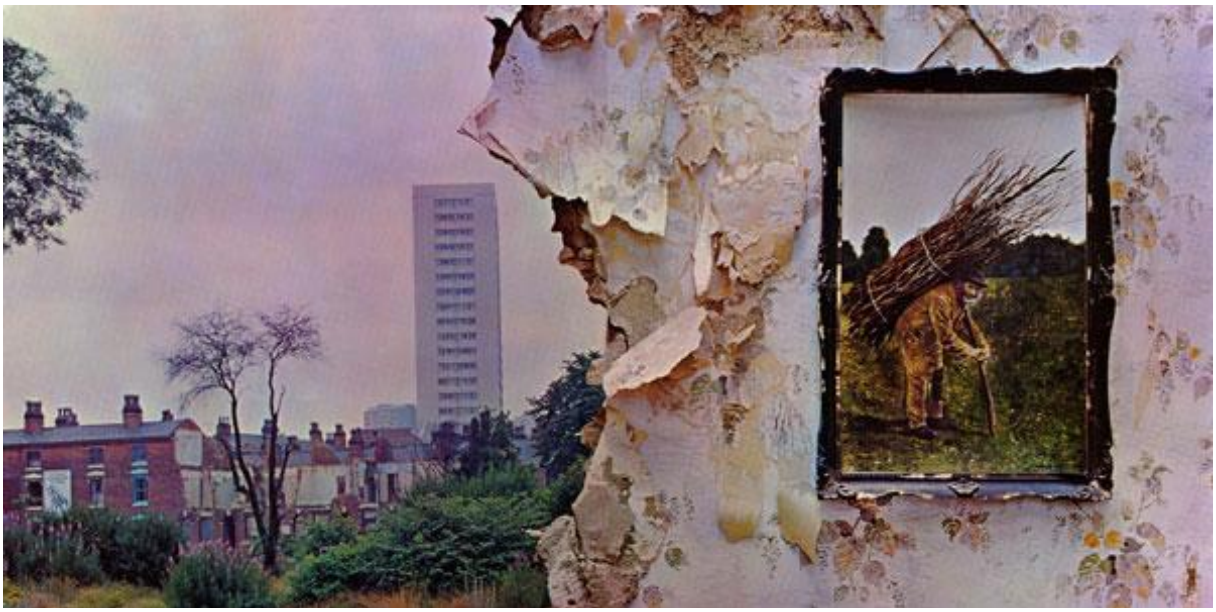
As canções foram gravadas de dezembro de 1970 a março de 1971 em vários lugares, entre os estúdios de Los Angeles, Califórnia e Londres, principalmente em Headley Grange, um antigo albergue em Headley, East Hampshire - Inglaterra, que serviu de local de ensaios e gravações a diversas bandas como Fleetwood Mac, Genesis e Peter Frampton, por se tratar de uma mansão no meio do campo britânico, um lugar mágico, inspirador e calmo, descrito pelo guitarrista Jimi Page.

A experiência não poderia ser diferente, o disco é um dos melhores da banda, consistida por Robert Plant (Vocal e gaita), Jimmy Page (guitarra), John Paul Jones (baixo e teclado) e John Bonham (bateria e percussão). Contendo 8 canções bem distribuídas lado a lado, com influências progressivas, Blues, Folk e o próprio Hard Rock/Heavy Metal, criado pelos mesmos junto com Deep Purple e Black Sabbath; uma experiência do puro e mais sincero Rock and Roll já criado.

[18] RIAA. Top 100 Albums - http://www.riaa.com/goldandplatinumdata.php?table=tblTop100

A capa foi criada cuidadosamente pela agência Graphreaks e pelo designer Barrington Colby Mom em parceria com o vocalista Robert Plant.

O Quadro foi obtido por Plant em uma loja de antiguidades e sobreposta na parede em ruínas de uma casa parcialmente demolida no subúrbio de Londres. A arte era para descrever a sobreposição de valores em desequilíbrio na era contemporânea. O velho camponês pintado no quadro representava a vida no campo e o respeito à terra, contrariando ao bloco de apartamentos a esquerda da



Capa e contracapa aberta do disco IV do Led Zeppelin.

capa, onde o prédio estava desabitado para ser derrubado.[19] É um desequilíbrio entre a modernidade da industrialização e a vida no campo, a imagem deixa claro a comparação entre os extremos. O quadro do camponês projeta a simplicidade de um homem do campo trabalhador que luta para sobreviver, fazendo da terra sua ferramenta e sua fonte de vida, com respeito à mesma. A pintura é sobreposta em uma parede em ruínas de uma residência parcialmente destruída, o que leva a comparação entre essa mesma casa e o prédio ao fundo: O desrespeito ao chamado “lar”, a destruição de uma casa ainda em pé sobrevivendo com os anos e a construção de um bloco de apartamentos que está para ser implodido. É o desrespeito em relação ao lar, que perdeu seus significados com a chegada da sociedade industrial. Uma residência é trocada por outra, sendo descartável,

[19] Robert Plant em entrevista a revista americana de Rock and Roll *Trouser Press*, em outubro de 1977. http://www.iem.ac.ru/zeppelin/docs/interviews/page_77.trp

destruindo a concepção de lar e o afastamento da terra, cada vez mais comum nos dias de hoje, como simples objeto de conforto, sem se importar com a sua matéria prima de existência do homem: a terra.

A pintura do camponês pode ser comparada em relação ao homem do campo trabalhador, com a pintura *A Carroça de Feno (1821)* [20], do pintor londrino John Constable (1776-1837).

A Carroça de Feno (1821), de John Constable.

A pintura destaca a relação homem e natureza, retratando o cotidiano de um trabalhador do campo e sua vida em questão. A pintura contém a vivacidade das cores e texturas usadas pelo pintor, fazendo com que a obra transmita uma serena paz aos olhos. Deixa claro a relação dessa obra com o quadro da capa do disco, uma união que releva a qualidade de vida de um camponês e seu uso da natureza como fonte de sobrevivência.

A contracapa do disco, contendo a paisagem suburbana, faz uma alusão aos tempos da arte da sociedade industrial. A fotografia captada em um subúrbio de Londres relata elementos sobressalentes da sociedade européia na segunda

[20] PROENÇA, Graça. 1995. p. 130.

metade do século XX. A distinção da natureza versus cidade, casas do começo do século bem comuns as comunidades industriais de época e a modernização da civilidade em construções de edifícios.

Além disso, o que se destaca é o instrumento de utilização considerado como arte na sociedade contemporânea: a fotografia. Uma nítida comparação entre a pintura e a fotografia. O contexto está ligado no fazer e nos resultados de uma sociedade industrial e burguesa da Europa no século XX:

> *"A indústria trouxe grandes modificações a todos os campos da vida social e deu também à obra de arte um novo caráter: ela começa a ser feita dentro do modo de produção capitalista industrial."* [21]

O encarte interno do disco contém a pintura de um eremita (The Helmit), criado pelo designer Barrington Colby Mom. Essa ilustração mostra a influência pelo ocultismo praticado pela banda em algumas de suas músicas. O eremita, ou ermitão, no Tarô é o arcano maior e nona carta do baralho que significa isolamento, restrição e afastamento. Um ser que se isola para descobrir os conhecimentos que o rodeia e também para se auto conhecer. No Tarô sua simbologia destaca fidelidade a si mesmo e sabedoria; sua mensagem em uma consulta designa a uma referência a algo que estava perdido, recomendando ao consulente a escolha de observar o seu caminho antes de cana novo passo, significando ainda, espírito de sacrifício, prudência, discrição, recuo e vigilância.[22]

The Hermit (O Eremita), Barrington Colby Mom, 1971.

[21] PROENÇA, Graça. 1995. p. 185.
[22] http://pt.wikipedia.org/wiki/Tar%C3%B4_Rider-Waite – Significados do Tarô.

A ilustração de Barrington pode ser relacionada com a obra *A Player with a Hermit (O Flautista e o Eremita)* de 1846, quadro do pintor austríaco Moritz von Schwind (1804-1871) [23]. A riqueza dos detalhes sobressai à tela, destacando a pureza e a descontração dos personagens em cena, uma obra que se releva pela serenidade da vida peregrina e os belos elementos da natureza em harmonia com o homem. Em suma, uma obra de admiração ao culto pela natureza.

O Flautista e o Eremita (1846), de Moritz von Schwind.

A relação entre as duas pinturas é de alto nível de detalhes e a simbologia é de igual significado. Levando ao significado da pintura de Barrington: a banda precisava de um isolamento para se alto conhecer. Estavam no auge do sucesso. O isolamento na mansão Headley Grange para as gravações do álbum IV, fez com que a banda pudesse colher aquilo que estava perdido e que permitiu lhes transmitir através das canções do novo disco. Verdadeiras buscas pelo alto conhecimento e o sentimento artístico colocados em semanas de ensaios e gravações. O que lhes renderam posto de maiores do mundo a partir desse álbum.

O Led Zeppelin se tornou uma das três principais bandas que transformou o cenário do Rock na década de 70, criando o Hard Rock/Heavy Metal. E uma das principais e influentes bandas da história do rock em todo o mundo. O disco IV possibilitou toda essa glória e fama, não só pelas músicas, mas também pela sua bela arte e conceito envolvendo a capa do disco.

[23] http://www.lib-art.com/artgallery/1216-moritz-von-schwind.html

Pink Floyd – The Dark Side of the Moon
Ano: UK/USA, 1973
Gravadora: Harvest Records/EMI
Faixas:

Lado A
1. Speak to Me/Breathe
2. On the Run
3. Time/Breathe (Reprise)
4. The Great Gig in the Sky

Lado B
1. Money
2. Us and Them
3. Any Colour You Like
4. Brain Damage
5. Eclipse

Oitavo disco da banda britânica Pink Floyd, *The Dark Side of The Moon* é o divisor de águas da banda, considerado por muitos a obra prima e um clássico absoluto do rock. Foram 45 milhões de cópias vendidas em todo o mundo, sendo o terceiro álbum mais vendido em toda a história da música.[24]

O álbum conceitual descreve nas letras as pressões da vida como o tempo, dinheiro, guerra, loucura e morte. As músicas são um caso a parte, o progressivo feito pela banda é um culto ao experimentalismo, contendo uma fusão entre o blues, rock clássico e a música eletrônica, além de nuances líricas e musicais, melodias simples e complexas que levam o ouvinte a sair do lugar comum. Letras como da música *Us and Them*, descreve a sensibilidade, depressão e a pressão de um soldado em guerra como diz o trecho *"God only knows it's not what we would choose to do. Forward He cried from the rear and the front rank died." (Só Deus sabe que não é isso que teríamos escolhido. Adiante! Gritou ele de costas. E morreram os homens da linha de frente).*

Além das inúmeras perfeições que há no álbum, o disco ainda faz um espécie de correspondência com o filme O Mágico de Oz de 1939. O disco tocado simultaneamente com o filme descreve diversas semelhanças entre áudio e filme, tais como quando Dorothy está na fazenda e ela olha para o alto, no áudio surge um barulho de avião. O som da caixa registradora no princípio de "Money" (dinheiro) aparece exatamente quando Dorothy pisa pela primeira vez na estrada dos tijolos amarelos; A cena em que Dorothy encontra o espantalho (personagem que não tem cérebro) é acompanhada pela música "Brain Damage" (dano cerebral), e quando a letra da música começa a tocar: "the lunatic is in my head…" (o lunático está na minha cabeça), o espantalho começa a dançar freneticamente como um lunático. Além de a banda afirmar que não há nenhum tipo de relação do disco com o filme, que é uma incrível coincidência, fãs do mundo inteiro discutem essa possível sincronização do álbum com o filme, chamado o de *Dark Side of the Rainbow*, referente à canção *Over The Rainbow* cantada por Dorothy no filme.

No entanto, The Dark Side of the Moon, creditado por Roger Waters (baixo, guitarra e vocal), Nick Mason (percussão e bateria), Richard Wright (teclados e vocal) e David Gilmour (guitarra e vocal) é símbolo máximo do rock progressivo.

[24] RIAA. Top 100 Albums - http://www.riaa.com/goldandplatinumdata.php?table=tblTop100

Sua capa antológica foi criada pelo artista plástico Storm Thorgerson e a agência Hipgnosis. O designer apresentou sete tipos de capas e a escolha unânime da banda foi o prisma, elaborado por Thorgerson e Aubrey Powell durante uma sessão de brainstorming.

A capa contém conceitos e significações diversas; sua tradução “O lado negro da lua” sintetiza os vários mistérios acobertados no universo, um exemplo de que só o título do disco contém inúmeros significados e interpretações variáveis.

O feixe de luz que penetra no prisma e projeta um arco-íris pode ser descrito como o princípio da diversidade; uma porta aberta que determinou uma abrangência de estilos variáveis e distintos, seja na música, na sociedade, na religião, no pensamento, na ciência, na industrialização, etc. Temas relevantes que determinam e questionam os mistérios do mundo. Assim como a diversidade da música do Pink Floyd, que contém elementos distintos, no entanto, unem-se criando magníficas melodias de extrema complexidade. A contracapa trás um segundo prima, um pouco maior, contendo uma refração das ondas de luz, diferenciando do primeiro; levando a crer a distinção dos elementos contidos nas músicas, o princípio da diversidade, assim como a mudança e a evolução de suas músicas.

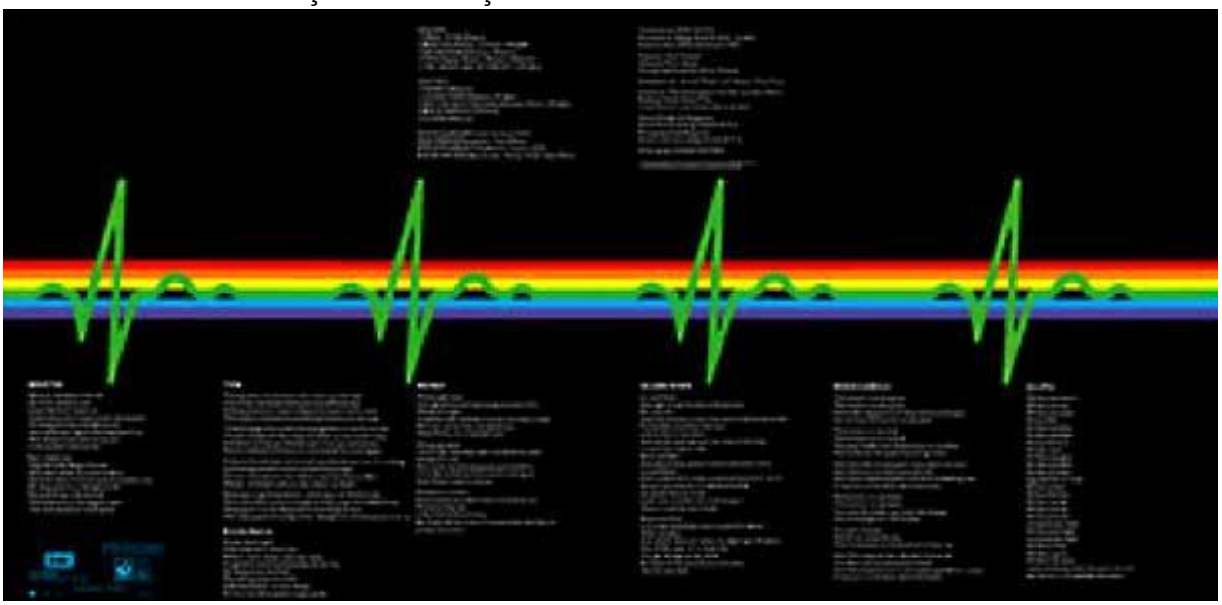


Ilustração interna de The Dark Side of the Moon

A ilustração interna do disco mostra uma representação visual do som dos batimentos cardíacos utilizado em todo álbum, uma nítida interpretação de que há vida no álbum, tanto no sentido literal quanto no sentido metafórico da música em constante vivência.

Assim como a capa é um mistério, o conceito se relaciona perfeitamente com os mistérios que envolvem as três pirâmides egípcias de Quéops, Quéfren e Miquerinos, no deserto de Gizé.

Quéops, Quéfren e Miquerinos. Deserto de Gizé, Egito.

A relação que se opõe tem a ver com uma questão mundial ainda feita a respeito da construção das pirâmides: como foi possível naquela época erguer enormes blocos de pedra sem a existência de maquinário, somente com a força humana? É essa idéia que passa a capa do disco: os mistérios envolvendo a humanidade.

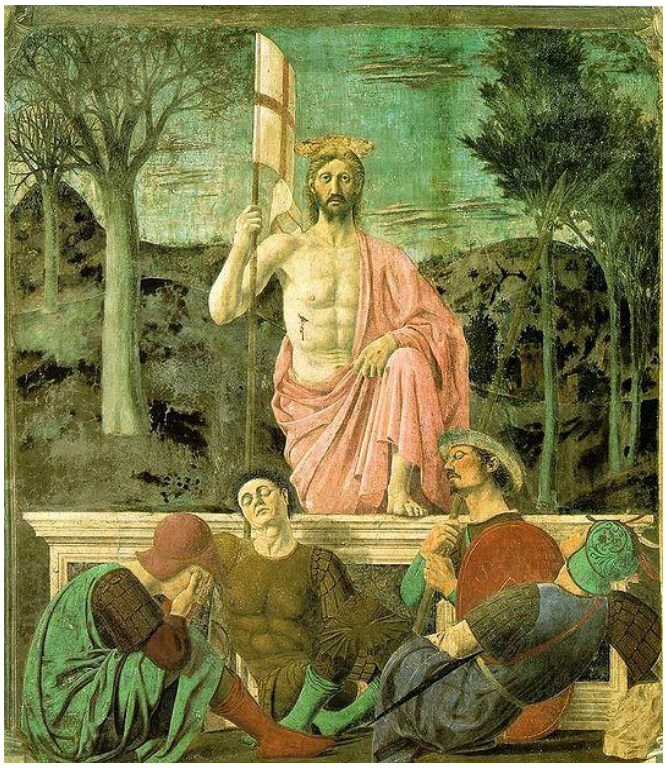
Como símbolo de relevância, a capa faz uma conexão com a obra *Ressurreição de Cristo (1463),* do já descrito pintor italiano Piero Della Francesca.[25]

Nítido em suas obras o uso de conceitos geométricos a partir de elementos distintos. O grupo de figuras humanas representadas na pintura compõe uma pirâmide, cuja cabeça de Cristo é o pico elevado enquanto os soldados adormecidos no chão próximos ao tumulo são a base da pirâmide.

[25] PROENÇA, Graça. 1995. p. 85.

A sobreposição dos elementos no quadro releva a riqueza de detalhes em cena, trazendo a tona uma textura viva em primeiro plano.

A capa do disco denota em uma ilustração mais simples feita por Thorgerson, sem muitos detalhes. Porém, não deixa de contém sua beleza e sua notoriedade em poucos elementos.



Ressurreição de Cristo (1463), de Piero Della Francesca

As cores refletidas vermelho, laranja, amarelo, verde, anil e violeta se referem ao Espectro Visível de Isaac Newton; contrastando com o fundo preto da capa e o prima opaco no centro. Uma perfeita harmonia dos elementos que deixa o prisma num fundo negro infinito, como uma matéria no espaço infinito.

A capa do disco é ao mesmo tempo inquietante e serena. Inquietante por fazer o receptor emancipar-se, fazendo inúmeras interpretações e criando conceitos para o encarte; descobrir os mistérios que envolvem a arte com as músicas e as ligações existentes. Em estado sereno por representar um objeto imóvel, que ao penetrar um feixe de luz branca refrata um espectro de cores, fazendo alusão a um objeto que transmite a pureza da ciência e a paz da luz refletida, juntamente em combinar a audição do disco com a observação da capa.

The Dark Side of the Moon é uma aula de sensibilidade musical e experimentalismo, assim como um objeto de meditação, encontrando dentro de si um manifesto interior que transfere para a alma o mais puro sentimento da música. Qualidades como essas que fazem deste disco uma obra prima e um disco absoluto da história do rock, que transformou e delineou os passos de bandas e artistas no cenário musical.

Made in Brazil - Made in Brazil
Ano: Brasil, 1974
Gravadora: RCA/BMG
Faixas:

Lado A
1. Anjo da Guarda
2. A Mina
3. Doce
4. Aquarela do Brasil
5. Intupitou o Trânsito

Lado B
1. Você já foi Vacinado?
2. Tudo Bem – Tudo Bom
3. Vamos Todos à Festa
4. Menina Pare De Gritar
5. Uma Longa Caminhada

Se há uma banda que cultua o bom e velho Rock and Roll brasileiro, é o grupo Made in Brazil, considerada a banda mais antiga em atividade no país. A banda formada em 1967 foi o berço de muitas bandas na época, como Os Mutantes, Tutti Frutti, Secos e Molhados, etc. E uma de suas particularidades foi à entrada para o *Guinness Book:* como sendo a banda em atividade que teve o maior número de formações no mundo (mais de 200). Atualmente o Made contém apenas dois membros da formação original, os irmãos Oswaldo e Celso Vecchione fundadores da banda. O primeiro disco homônimo, em análise, apresenta a seguinte formação: Oswaldo “Rock” Vecchione (baixo e vocal), Celso “Kim” Vecchione (guitarra e vocal), Cornélius (vocalista), Junior (bateria e percussão), Fenilli (percussão, efeitos e vocal de fundo) e Scavazzini (teclado e piano).

O disco Made in Brazil, lançado em meados de 1974, contém uma pura sincera mistura de Blues, Rock and Roll com pitadas da Jovem Guarda; letras rebeldes, sarcásticas e irônicas. Uma relação direta com o rock and roll inglês e americano na década de 60 e 70, sendo notável em suas vestimentas psicodélicas o esforço por fazer o melhor do rock brasileiro bebendo da fonte de suas influências.

A arte da capa produzida em conjunto com o fotografo Leonardo Costa e o desenhista Tebaldo, conclui um trabalho simples, porém diversificado. Mais conhecido como o “Disco da Banana”, a capa contém traços artísticos distintos. A arte psicodélica esta presente nas visíveis roupas extravagantes dos membros da banda no centro da capa. Os traços delicados e cheios de detalhes dos rostos dos membros, desenhado em grafite no alto da capa emanam uma percepção artística profunda.

Fazendo uma relação, o desenho da banda feito em grafite no alto do encarte remete às obras do artista plástico brasileiro Marcelo Grassmann (1925), internacionalmente conhecido como um dos mais importantes artistas gráficos da atualidade.

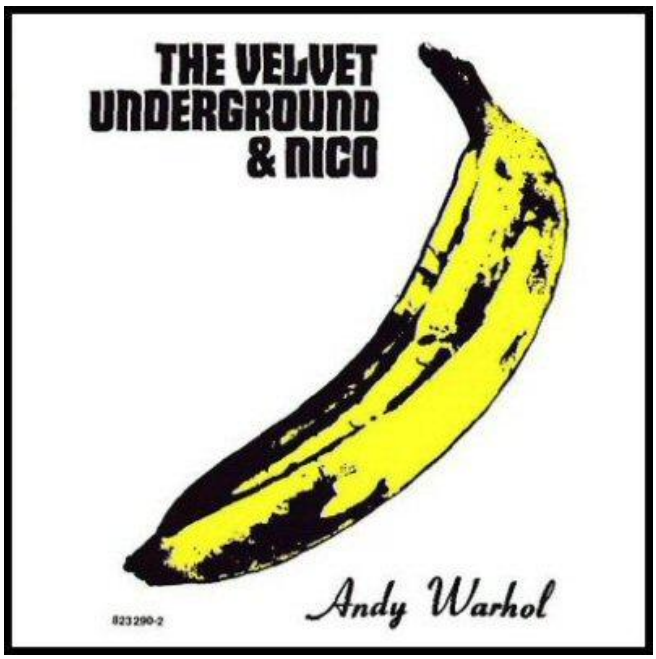
Sem título, gravura de Marcelo Grassmann.

Grassmann usa da mistura de litografia, grafite e metal para ilustrar suas

obras, resultando em gravuras com temas de animais estranhos e cavaleiros medievais, criando um universo misterioso, insólito e fantástico. (PROENÇA, Graça. 1995. p. 250-251)

A riqueza de detalhes realistas em suas gravuras instiga o observador, fazendo com que a capa do Made in Brazil se assemelhe em perfeita harmonia do mesmo modo. O clima de mistério destacado em cada membro no desenho deixa destacado o quão é semelhante sua relação com a gravura de Grassmann.

A figura da banana usada na capa não é um elemento original, levando em questão a capa do disco da banda norte americana The Velvet Underground, *The Velvet Underground and Nico* de 1967. A capa produzida pelo pintor e cineasta norte americano Andy Warhol (1928-1987), é uma das ilustrações mais reconhecidas no meio musical, sendo considerada uma obra prima do século XX ilustrada pelo pai da *Pop Art.*



The Velvet Underground and Nico (1967)

A banana usada na capa dos brasileiros do Made, apesar da fruta ser originária da Ásia, pode ser levado em consideração a uma fruta tipicamente brasileira, consumida aleatoriamente pelas mesas brasileiras, além de sua cor fazer menção à cor da bandeira nacional.

O que se leva em consideração, o disco de mesmo nome da banda, Made in Brazil, além de conter um Rock and Roll vigoroso e festeiro. A distinção da capa se assemelha ao som da banda: traços artísticos com relevância de detalhes misturados com as cores excêntricas do psicodelismo com elementos brasileiros. Uma referência ao som: Rock e Blues unidos ao psicodelismo e a Jovem Guarda. Características como essa que fazem da importância desse álbum, como um dos melhores discos de rock já produzido nos anos 70 por uma banda brasileira.

Os Mutantes - Jardim Elétrico
Ano: Brasil, 1971
Gravadora: Polydor Records
Faixas:

Lado A
1. Top Top
2. Benvinda
3. Tecnicolor
4. El Justiciero
5. It's Very Nice Prá Xuxu
6. Portugal de Navio

Lado B
1. Virgínia
2. Jardim Elétrico
3. Lady Lady
4. Saravá
5. Baby

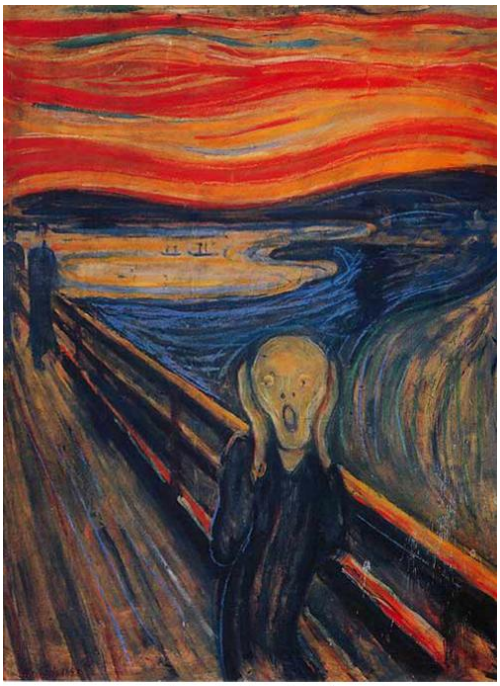
Inovadores e irreverentes! São essas as características que apresentam Os Mutantes como um dos principais grupos do rock brasileiro. A banda é composta no disco por Arnaldo Baptista (baixo, teclado e vocais), Rita Lee (vocais, percussão e teclado), Sérgio Dias (guitarra, vocais e cítara), Liminha (baixo e vocais) e Dinho Leme (bateria e percussão). O grupo formado em 1968 no auge do Tropicalismo obteve uma formação diversa ao longo da carreira, onde só Sergio Dias e Dinho Leme são os únicos membros remanescentes dos primórdios da banda ainda em atividade no Brasil, voltando à ativa depois de um hiato de 28 anos entre 1978 a 2006.

O disco Jardim Elétrico, quarto álbum do grupo lançado em 1971, consolidou a banda em sua devida importância, como um grupo dinâmico e original na época. Levado pelo psicodelismo e o progressivo, Jardim Elétrico se sobressai pela diversidade de elementos musicais distintos em um único disco. Canções que fogem um pouco do Tropicalismo, distanciado pelos próprios membros em objetivo de abraçar o rock definitivamente. O uso direto de teclados destaca as influências progressivas, elementos como esses que levariam a banda a se aprofundar cada vez mais no rock progressivo nos próximos discos. Letras em inglês e espanhol também foram utilizadas, como a espanhola *El Justiciero,* música com harmonias flamencas e caribenhas e as canções *Tecnicolor (*progressiva) e *Baby*, uma linda balada Bossa Nova cantada em inglês. Do Tropicalismo ao Rock Progressivo, do Psicodelismo à Bossa.

A capa, produzida por pelo cartunista brasileiro Alain Voss, marcou a banda em suas preferências pelos gêneros intrigantes e desconcertantes em seus encartes. O forte apelo psicodélico usado na ilustração de Jardim Elétrico denota exatamente o que a banda propunha em seus discos: as músicas e seus elementos alucinógenos. As cores quentes (laranja, vermelho e amarelo) entram em fusão com as cores frias (verde e azul), muito comuns usadas em peças publicitárias com elementos psicodélicos e em capas de discos e obras de arte.

A arte psicodélica pode ser direcionada as obras do movimento Expressionismo, Cubismo, Abstracionismo, Dadaísmo e Surrealismo. A fusão desses movimentos pode ser criada o Psicodelismo: imagens e cores desconcertantes e alucinógenas.

A capa em questão pode ser comparada em termos de cores ofuscantes, com as obras dos movimentos Expressionismo e Abstracionismo, sucessivamente. *O Grito* (1893) do pintor norueguês *Edvard Munch* (*1863-1944)* e *Fuga* (1914) do artista russo *Wassily Kandisky* (1866-1944). As nuances das cores das obras dinamizam o olhar e a mente do espectador que os observam; assim como a capa do disco que pulsa uma saturação de cores vivas.

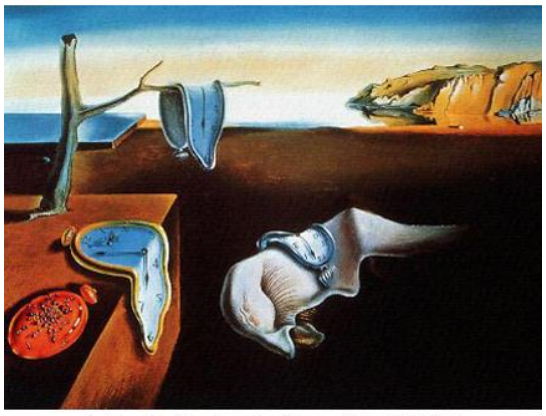


O Grito (1893), de Edvard Munch.

Fuga (1914), de Wassily Kandisky.

O Poeta (1911) de Pablo Picasso.

Em relação aos elementos exagerados e estranhos, pode muito bem ser relacionado com as obras *O Poeta* (1911) do artista espanhol *Pablo Picasso (1881-1973)* e *A Persistência da Memória* (1931) do pintor espanhol *Salvador Dalí* (1904-1989), Cubismo e Surrealismo respectivamente.



A Persistência da Memória (1931),
de Salvador Dalí.

O que faz com que o espectador acompanhe a obra, porém, fugindo de seu lugar comum. Uma verdadeira viagem dentro de seu imaginário.

A fusão dos movimentos cria uma grande tempestade de informações e reações para quem os observa, qualidade que se equilibra em relação às características da Arte Psicodélica. A capa Jardim Elétrico denota todos esses elementos.

Ainda que tenha um pouco do movimento Dadaísta, em relação à planta satírica e irônica – um pé de maconha – que sobressai em toda a capa, fazendo a relação indireta ao forte consumo de drogas ilícitas, principalmente do LSD, no movimento psicodélico e a própria banda em questão.

Em comparação igual, Jardim Elétrico equipara-se com as capas de discos de bandas e artistas do rock psicodélico. Um exemplo direto seria a relação dos discos do guitarrista mexicano *Carlos Santana.* Os usos de cores demasiadamente fortes e vivas estão presentes em seus álbuns. Característica *sui generis* do guitarrista Hippie.

Live Carlos Santana and Buddy Miles (1972)

Amigos (1976)

Beyond Appearances (1985)

Supernatural (1999)

Em suma, Os elementos que se encontram na arte da capa de Jardim Elétrico, desenhado por Alain Voss, Caracterizam perfeitamente a relação capa + banda. A música dos Mutantes, cheios de distinções musicais e harmônicos, compacta com a estampa de frente do disco. Faz com que essa união se torne altamente prazerosa e delirante, em relação às musicas + arte.

O que se pode esperar de uma banda que contém em suas raízes o rock progressivo e o psicodelismo com elementos brasileiros (bossa, baião), é uma grande obra de originalidade de época, tanto musical como ilustração de encarte. Uma verdadeira viagem alucinógena com ligações de gêneros distintos da música, seja ela ou não polêmica, o disco é uma obra de arte, tanto para a banda, quanto para a história da música brasileira.

Secos & Molhados - Secos & Molhados
Ano: Brasil, 1973
Gravadora: Continental
Faixas:

Lado A
1. Sangue Latino
2. O Vira
3. O Patrão Nosso de Cada Dia
4. Amor
5. Primavera nos Dentes

Lado B
1. Assim Assado
2. Mulher Barriguda
3. El Rey
4. Rosa de Hiroshima
5. Prece Cósmica
6. Rondó do Capitão
7. As Andorinhas
8. Fala

A excentricidade de um grupo que se eleva no palco, em uma época de ditadura militar, consegue ser mais alto do que a própria censura imposta. Quebrando as regras em uma sociedade conservadora e todos os obstáculos de uma época de dura vivência, sem liberdade e com medo da repressão. O grupo brasileiro Secos & Molhados esteve à frente de toda essa imposição e se manteve firme com a sua genialidade e sua atitude, fazendo do mesmo um dos mais importantes grupos da música brasileira. Todo esse discurso não é exagero! O grupo, liderados pelo quarteto João Ricardo (vocais, violão e harmônica), Ney Matogrosso (vocais), Gérson Conrad (vocais e violão) e Marcelo Frias (bateria e percussão), constitui um reconhecimento ímpar no cenário musical brasileiro.

Formado em 1970, o grupo transparecia uma pureza teatral imensa em suas apresentações, que para a época era polêmico e contraditório. Suas vestimentas demasiadamente extravagantes e suas maquiagens pesadas contribuíam muito bem com suas performances inusitadas e posturas no palco. Em tempos difíceis para a música nacional, devida a queda de “originalidade” na música brasileira na década de 70, os Secos & Molhados obtiveram um feito inédito até então: as vendas estimadas em 300 mil cópias em apenas dois meses logo no primeiro disco e em menos de um ano as vendas chegaram a 1 milhão. Muito difícil de acontecer, pois só Roberto Carlos que vendia mais nessa época.

Contudo, o disco homônimo lançado em 1973 obteve certificação de disco duplo de diamante pela ABPD, um marco histórico para uma banda, que em meio à baixa da música brasileira, consolidou seus status de influentes no cenário artístico.

O disco de mesmo nome contém distinções salientes em termos musicais. Os S&M incorporaram a MPB da época com toques de Rock and Roll, Glam Rock (maquiagem e figurino), Baião, Folk, Blues, Jazz, Pop e Rock Progressivo. Toda essa mistura é auditivamente percebida em canções como o Blues *Primavera nos Dentes* (um poema de João Apolinário que descreve uma guerra contra o sistema) e o Rock Progressivo *Assim Assado* (uma história de um idoso que foi assassinado por um guarda noturno, por aparentar uma cor suspeita – uma nítida disputa entre o socialismo e o capitalismo). Toda essa luta de poderes e protestos está presente no disco, ironicamente, sem o poder militar censurar a sua veiculação. Contudo, Salientamos a grandiosidade dessa obra prima da música brasileira.

A capa foi produzida pelo fotógrafo Antônio Carlos Rodrigues, do Jornal carioca “Última Hora”. A fotografia trazia as cabeças dos integrantes dentro de quatro pratos postos em uma mesa farta de pães e vinhos, ou seja, secos e molhados. De onde se originou o nome do grupo: João Ricardo, em um dia chuvoso, se deparou com uma placa de um armazém anunciando “Secos e Molhados”, idéia de onde tirou para o nome da banda.

Com a fotografia contendo uma variedade de elementos em cena, uma distinção de obras de arte pode ser relacionada com a capa.

Os produtos e objetos inanimados colocados na composição fazem uma menção com obras de arte de natureza-morta. A pintura *O lobo Morto* (1721) do

O lobo Morto (1721), de *Jean-Baptiste Oudry.*

pintor francês *Jean-Baptiste Oudry* (1686-1755), se enquadra perfeitamente na referida capa do disco. (BERGER, John. 1999. p. 73)

Embora seja enquadrada como uma pintura de natureza-morta, o mesmo contém elementos vivos (os cães). O quadro rebuscado de detalhes e texturas sobressai aos olhos à beleza e a perfeição dos traços pintados.

Still life with a Page (Ainda Vivo - 1644), de Joannes Fyt.

Outra obra de mesmo enquadramento seria a natureza-morta *Still life with a Page* (1644) – “Ainda Vivo” traduzido ao pé da letra – pintado pelo artista belga *Joannes Fyt* (1611-1661). A qualidade de detalhes releva a obra, de mesmo gênero da capa dos Secos & Molhados: a união da natureza-morta com elementos vivos. (BERGER, John. 1999. p. 73)

Paston Treasures At Oxnead Hall (1666-69), de Paston Family.

Levando em consideração a abundância de elementos contidos na capa, uma clara relação de artes seria com a obra *PastonTreasures At Oxnead Hall* (Tesouros de Paston - 1666-69), uma das coleções de cartas (*Paston Letters*) e objetos transformados em arte da *Paston Family*, uma família da nobre realeza inglesa entre os anos 1422 a 1509. (BERGER, John. 1999. p. 85)

A sobreposição demasiada de objetos e elementos pessoais e nobres constituiu em um emaranhado de significações e interpretações, o que relaciona com a capa do disco um mistério que envolve na cena.

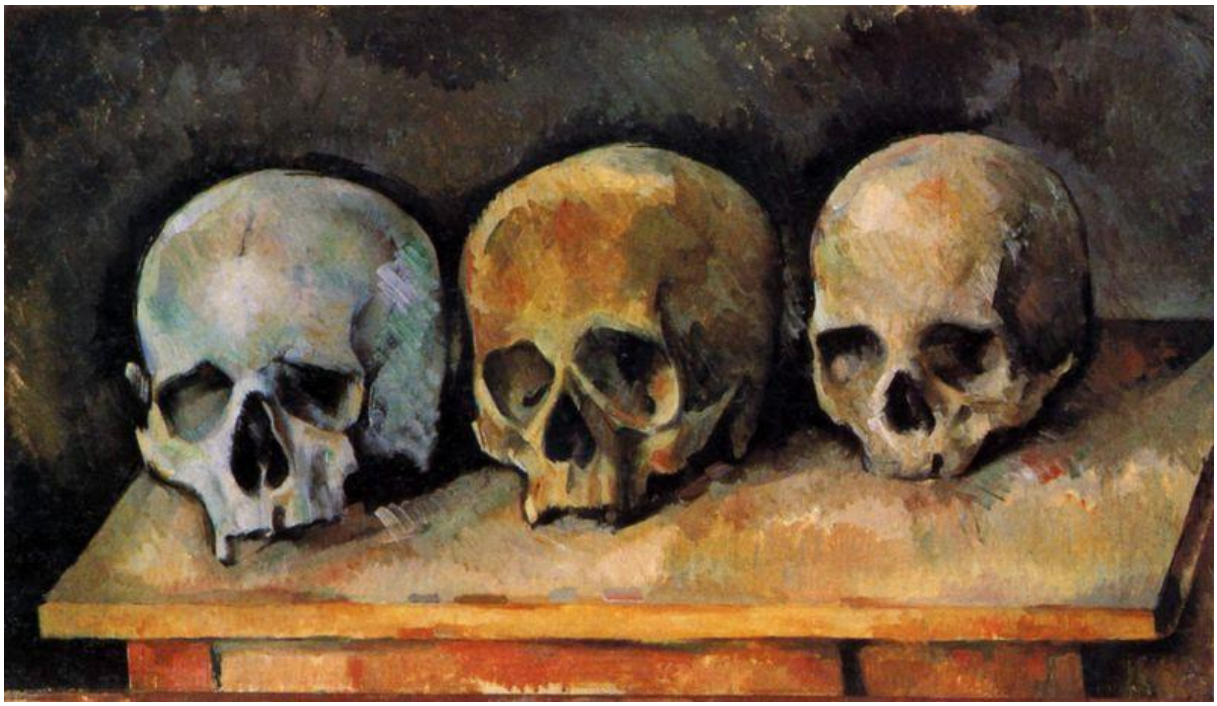
Analisando mais a fundo a capa, chegaremos à comparação com a obra *Café* (1935) com um dos elementos da mesa farta: os grãos.

Café (1935), de Cândido Portinari.

A obra do pintor brasileiro Cândido Portinari (1903-1962) faz uma referência ao que pode chamar de “produção + abastecimento = produto final”. A obra expõe trabalhadores em seu cotidiano no cafezal, o que leva ao produto abastecido no mercado: o café. Uma comparação de diferentes conceitos, porém, a utilização do mesmo elemento: os grãos.

Com as cabeças dos membros do grupo colocadas nos pratos, uma relação um tanto mórbida pode ser feita.

O quadro *Trois Crânes* (1900) do pintor pós-impressionista francês *Paul Cézanne* (*1839-1906)*, equipara-se perfeitamente em aspecto sóbrio e antropofágico contidos de ambas as obras.



Trois Crânes (1900), de *Paul Cézanne*

Na capa do disco, todas essas relações estão contidas em cena. Destacando uma variedade de distinções, seja em elementos ou em interpretações.

O que se pode ressaltar é o uso notório dessas distinções que fez com que o disco se tornasse um sucesso de vendas na época. O encarte do disco homônimo dos Secos & Molhados denota uma entrada, oferecendo uma mesa farta de músicas bem elaboradas e cabeças geniais, literalmente; acompanhados por uma ótima capa de apreciação e aperitivos ao sabor do ouvinte. Não é exagero! Pois o LP é considerado como melhor capa da MPB.[26]

O disco, um tanto mórbido, obscuro, misterioso e até mesmo polêmico, gratifica o ouvinte que seduz com sua qualidade musical e visual. Literalmente, propõe-se a uma degustação e um convite a se sentar à mesa. Sirva-se! Bom apetite!

[26] Baú das Raridades - http://neymatogrossobauderaridades.blogspot.com/2008/02/o-primeiro-album-dos-secos-molhados.html - Foi eleita pelo jornal Folha de São Paulo em 2002, a melhor capa de todos os tempos de discos brasileiros.

> *“Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados.”*
>
> BERGER, John. 1999. p. 11

Os olhos captam aquilo o que incita sua percepção. Surge o confronto entre os dois pontos: a visão e a recepção do objeto. Essa relação mútua socializa uma troca de reações; O receptor percebe o objeto, o segundo lhe concede uma clareza de seus significados, voltando para o primeiro que recebe por meio do choque de informações uma variedade de interpretações e significados. Feito assim, a relação do homem sendo exposto a uma arte. Em toda e qualquer obra de arte pode ser feito esse jogo de permutação.

Em relação aos discos, o consumidor está vulnerável a essa percepção que o seduz, não só pelo desejo de adquirir as músicas, mas também pela sua grandiosa embalagem que o envolve. Uma espécie de convite tentador que o consumidor, sem resistir, saboreia com os olhos a capa enquanto está a abrir o mesmo, tendo em mãos o recheio reluzente e na outra o objeto de adoração.

Todo esse êxtase é em conseqüência da junção de três elementos: música+arte+produto. O disco de vinil, sendo um produto de reprodução musical de massa, tornou possível a conexão de uma embalagem de produto com as ilustrações de arte. As elaborações das capas por meio de artistas plásticos permitem o uso de influências artísticas e, principalmente, o sentimento puro que cada um exprime nas criações. Isso faz com que o consumidor, ou apreciador, se conecte ao disco de sua preferência, elaborando as mais diversas interpretações e significações a respeito do álbum e da capa em questão. É uma relação de amor que é cultivada há décadas.

Embora nem todas as capas sejam belas e atraentes, o consumo dessas que não sobressai nenhum tipo de referência a algum tipo de arte, suas vendas são excepcionalmente altas. Isso faz com que surja a instigante questão dessa análise: Todas as capas de discos podem ser consideradas uma criação artística? Ou simplesmente, diferenciando das mais elaboradas, um mero apelo ao consumo?

Na próxima etapa as questões existenciais a essa trabalho serão analisadas, respondidas e, por fim, concluídas.

3.2 – Arte ou apelo?

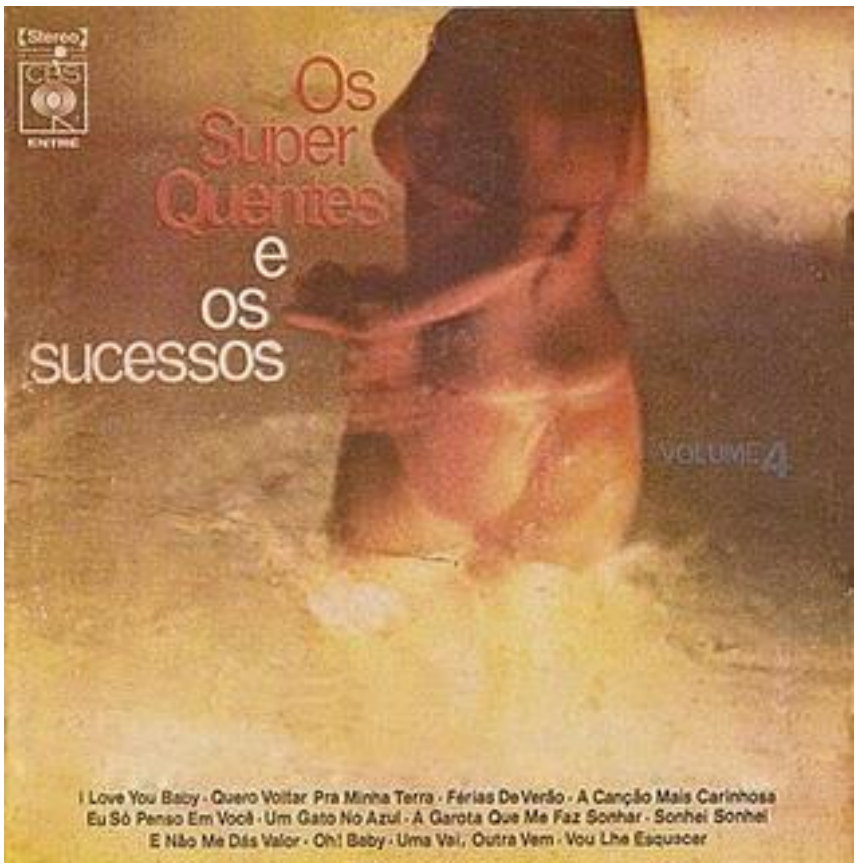
Toda e qualquer forma artística é questionável e influenciável! Seja na forma de influência em uma determinada sociedade ou como postura pessoal de um indivíduo, assim como também na postura social do mesmo. A arte sofreu transformações e evoluiu ao longo dos séculos, passando de sociedade em sociedade modificando suas percepções, seu cotidiano e seu modo de se portar perante sua vida e ao mundo.

No século XX, a união da arte com um produto de consumo fez com que elementos com conceitos distintos se fundissem a um só objeto, sem perder as características de ambas, colocando no mercado um produto diferenciado, contendo múltiplas facetas, tanto pela música (o vinil), quanto pela sua embalagem (capa), seus tamanhos, suas formas, etc. Porém, com o alto consumo do disco de vinil e a monopolização da indústria fonográfica, esse mercado aproveitou a máxima aceitação da sociedade para lançar discos "apelativos", ou simplesmente, discos para consumo ocasionais: lucrativos. Assim como uma determinada arte estampada em um produto pode influenciar um consumidor na hora da compra, um apelo substancial pode gerar o mesmo.

"O consumo é a única finalidade e o único propósito de toda produção."
Adam Smith

A consolidação do disco de vinil no começo da década de 60 trouxe uma nítida comparação entre as capas mais bem elaboradas, contendo uma produção e uma criatividade ímpar, com as capas de baixa produção, de mau gosto e bizarras. Obviamente, essas capas são feitas para consumo direto, e seu único objetivo é direcionado ao lucro. Como explicar então o alto consumo dos mesmos, sendo esses contidos de um aspecto desagradável aos olhos?

O uso das capas apelativas, geralmente são discos lançados como coletâneas de trilhas de telenovelas e coletâneas de um determinado estilo musical. Em discos de coletâneas musicais são muito predominantes o uso da sensualidade para seduzir o consumidor, literalmente. Como é o caso de "Os Super Quentes", coletânea de álbuns de músicas românticas da época:



CBS, Os Super Quentes e os Sucessos, Vol. 4 (1972)

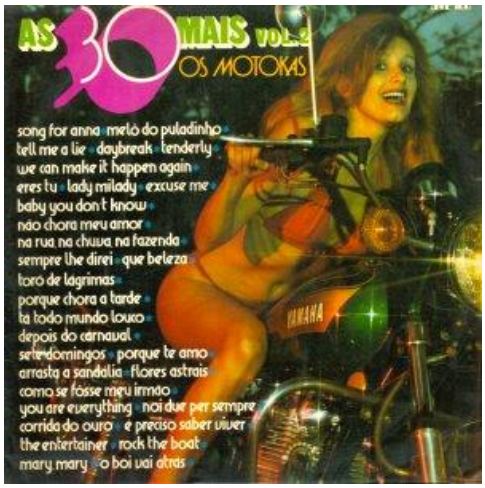
CBS, Os Super Quentes e os Sucessos, Vol. 5 (1972)

Na primeira capa há uma mulher de costas às margens de uma praia vestindo um biquíni alaranjado e na segunda um casal no mesmo cenário trajando roupas de banho. As duas capas denotam sensualidade, principalmente a primeira, mostrando um apelo ao consumidor que se sente seduzido pelos encartes, fazendo desviar a atenção para as capas sedutoras.

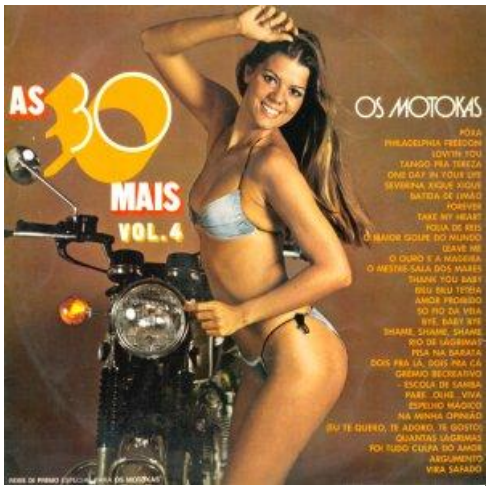
Uma técnica que é usada para persuadir o consumidor a ter um prazer imediato e se sentir satisfeito pela compra. Porém, essa técnica é somente usada para aproximar o consumidor do produto com intuito lucrativo: algumas vezes ao consumir o mesmo, durante algum tempo esse se torna um objeto de descontentamento, vindo a ser possivelmente um produto descartável.

O mesmo pode ser comparado na coletânea Os Motokas, grupo de MPB/Pop Rock/Jovem Guarda da década de 70 (embrião do que viria a ser o grupo Roupa Nova nos anos 80):

Os Motokas - As 30 Mais - Vol. 1 (1974)



Os Motokas - As 30 Mais - Vol. 2 (1974)



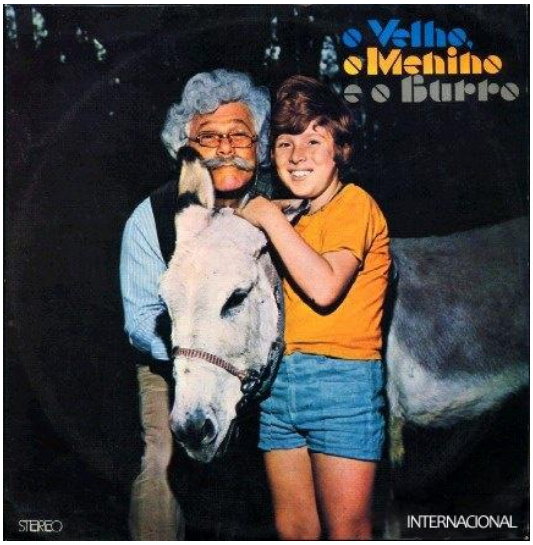
Os Motokas - As 30 Mais - Vol. 4 (1975)

Os Motokas - As 30 Mais - Vol. 5 (1976)

As capas demonstram claramente o uso da sensualidade feminina junto a uma motocicleta, um produto que na época era símbolo de masculinidade. Um disco, que para época era uma polêmica em termos de arte visual liderou significativas vendas ao setor fonográfico.

Com as capas produzidas para as trilhas sonoras de novelas, há o uso da sensualidade e as feitas em baixo custo, o que torna a capa um aspecto desfavorável em termos de apreciação:

As Pupilas do Senhor Reitor, Rede Record (1970)



O Velho, o Menino e o Burro, TV Tupi (1975)

Anjo Mau, Rede Globo (1976)

Jerônimo, o Herói do Sertão, SBT (1984)

As quatro capas demonstram a falta de criatividade, uma baixa produção e um descuido da mesma, como vemos no disco da novela global Anjo Mau de 1976.

A escolha das cores (laranja avermelhado e rosa) mostra a falta de bom senso artístico e um péssimo contraste.

Mas a qualidade pode aparecer em certas capas produzidas para as novelas, como é o caso de *A Sucessora e Pecado Rasgado*, ambas da Rede Globo de 1978:

A Sucessora, Rede Globo (1978)

Pecado Rasgado, Rede Globo (1978)

Contracapa

Em *A Sucessora*, o trabalho fotográfico, o cuidado com a posição da luz e da sombra e o tratamento final à imagem, mostram a sensibilidade e o romantismo que estava proposto em apresentar. A suavidade com as cores claras em contraste com as mais escuras do casal elabora um trabalho de perfeita harmonia. Uma simples fotografia, no entanto uma produção com muito zelo.

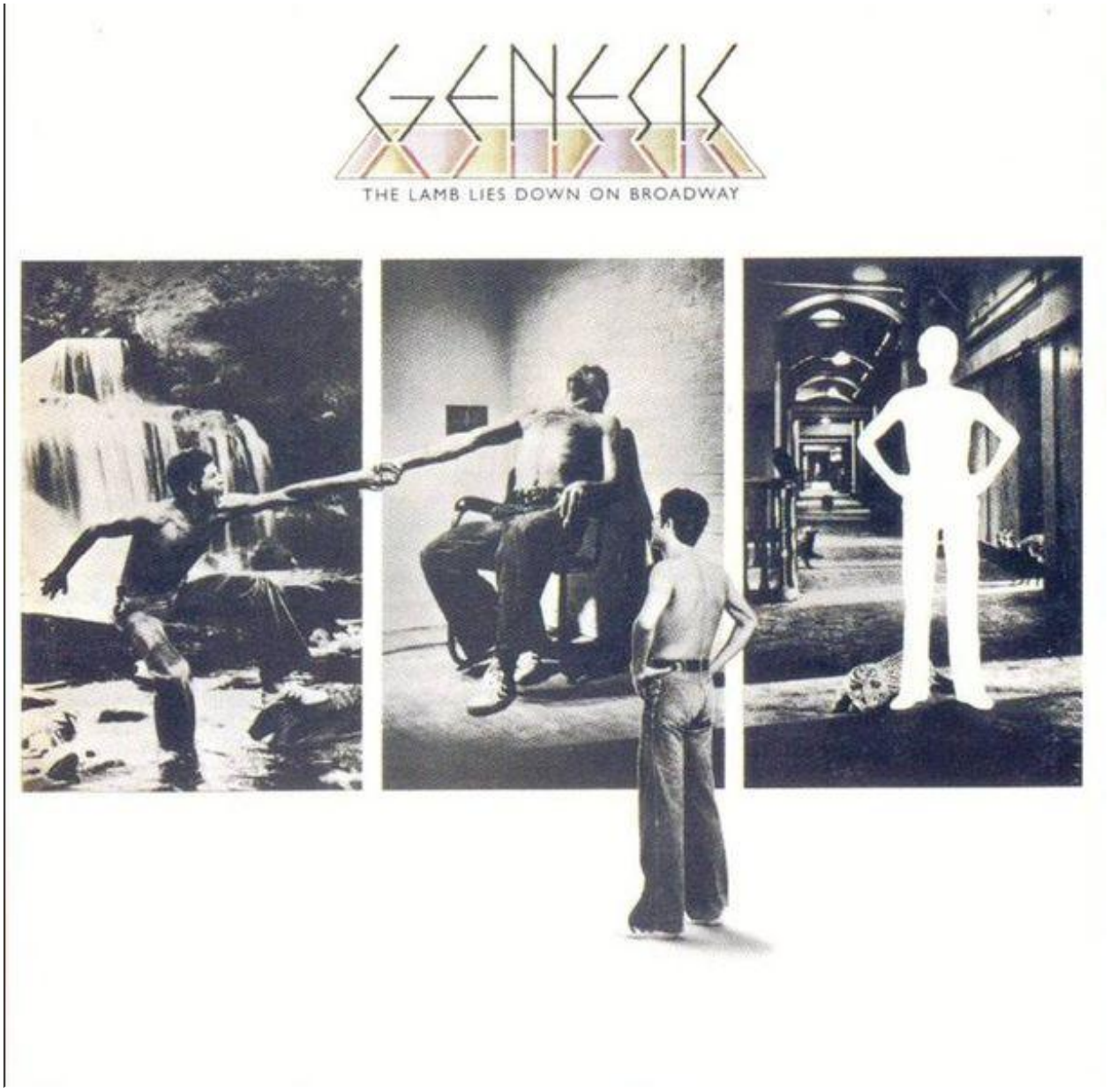
Na capa *Pecado Rasgado,* o uso de uma maça mordida mostra perfeitamente a união com o nome e o enredo da novela: a maça como uma fruta tentadora, relacionando ao ato pecador da história cristã *Adão e Eva,* onde Eva no *Jardim do Éden saboreia* uma fruta da *Árvore do Conhecimento* entregue e seduzida por uma serpente, ocorrendo a expulsão dos dois do jardim por desobedecerem as ordens de Deus. O uso da fruta na capa mostra um conhecimento das artes e da religião sendo redimensionada aos dias atuais com a originalidade da produção na época.

A seguir algumas capas de discos de artistas variados, que a meu ver não merece acrescentar nenhum comentário, somente as capas já falam por si só o quão são bizarras, de baixa produção, sem criatividade e de mau gosto.

Na ordem: Trucker's Dream; Duduca e Dalvan – Massa Fálida; Durval Vieira – O Sapatão; Heino – Liebe Mutter; Joyce; Larz Kristerz – Stuffparty; Orion – Reborn; The Braillettes - Our Hearts Keep Singing; The Louvin Brothers - Satan is Real; Carequinha - Cantigas de Roda; Tino - Por Primeira Vez; Millie Jackson - Back to the Shit; Richard e Willie; Norberto de Freitas - Trapalhadas do Balbino.

Se tratando de arte, alguns artistas e bandas conseguem mostrar um trabalho artístico de capa excepcional. Com uma produção impecável, de altíssima qualidade e com muita originalidade. Muitas vezes capas mais simples isentas de produções gigantescas, obtêm uma qualidade artística única, colocando a certeza que muitas vezes o simples pode se tornar belo. Muitas dessas capas beiram o inimaginável, instigante e fora do comum; uma beleza ímpar, uma produção perfeita, uma originalidade e simples, porém belo:

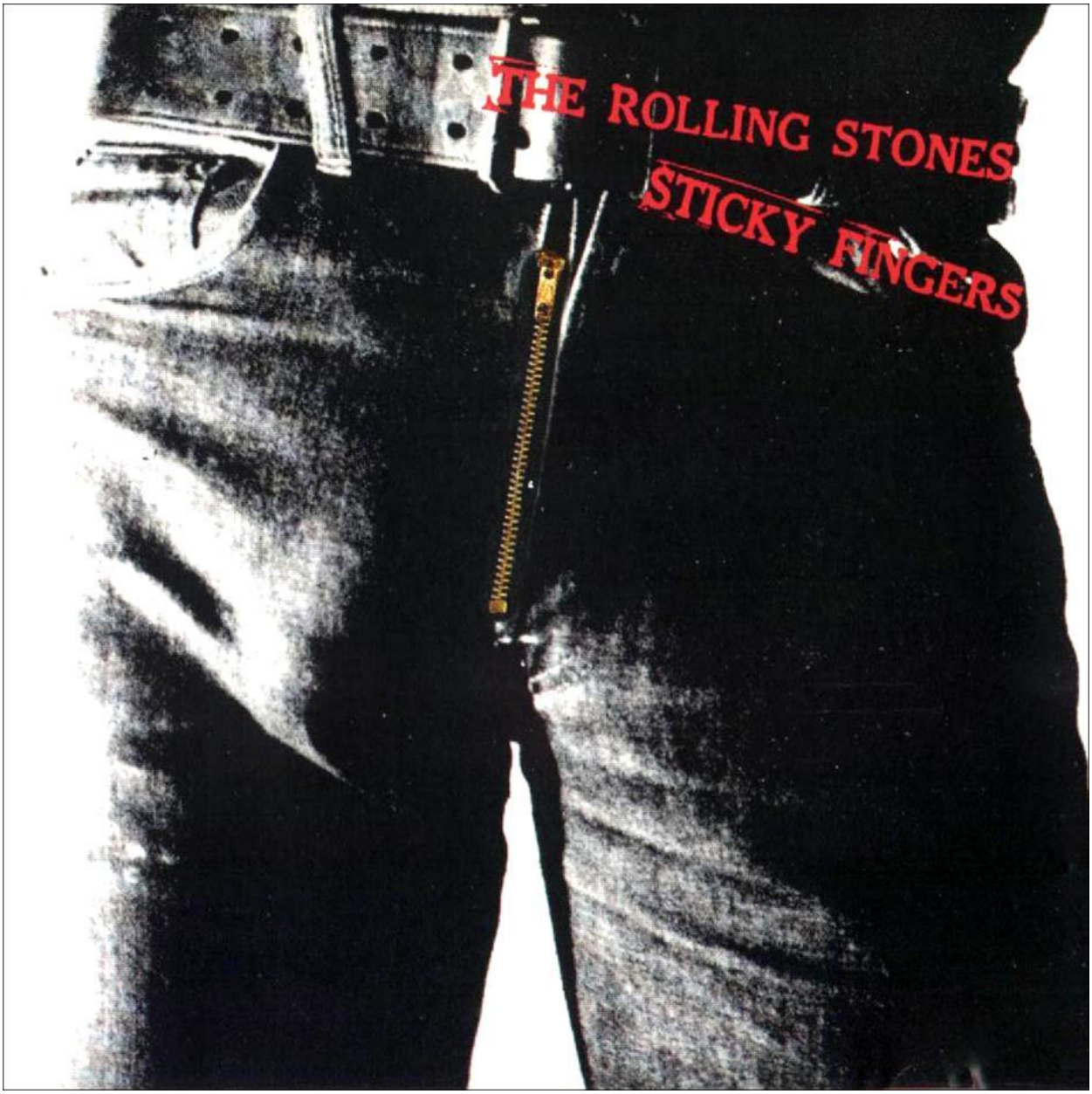
Yes – Relayers (1974)



Genesis – The Lamb Lies Down On Broadway (1974)

The Beatles “White Album” (1968)

The Sweet – Off the Record (1977)



The Rolling Stones – Sticky Fingers (1971)

Todas essas cinco capas contêm traços e características artísticas distintas e uma elaboração considerável.

O disco *Relayer* da banda de Rock Progressivo Yes, contém uma capa que pode ser definida em perfeição. Produzida pelo artista plástico Roger Dean, o ilustrador delineou uma arte de alto valor estético. O uso das cores mais claras (branco e cinza) contrastando com algumas nuances escuras, faz o receptor viajar a um mundo de

fantasia e feitos heróicos. A capa faz uma fusão perfeita com o som feito pela banda: Um rock progressivo visceral e transcendente. Em *The Lamb Lie Down On Broadway*, disco da banda de Rock Progressivo Genesis apresenta uma metalingüística na capa: a arte observa sua própria arte.

O álbum conceitual narra a história surreal do jovem delinqüente Rael morando em Nova York, que é jogado para uma dimensão alternativa com criaturas bizarras e outras aventuras para resgatar o seu irmão John, porém, Rael acreditando estar procurando seu irmão, percebe que a viagem é para encontrar algo que falta em si mesmo. A arte bem produzida mostra um disparate de cenas, fazendo a mente do consumidor elaborar as mais diversas interpretações.

O álbum branco dos Beatles é um conjunto de mistérios e interpretações. O disco duplo lançado em 1968 é o único disco que não contém um título ou imagens da banda, somente a capa inteira branca com o nome em relevo "*The Beatles*" em cinza. A capa pode ser traduzida algo como "use sua ilusão!". O uso da cor branca e somente o nome da banda escrita em cinza pode trazer diversas significações, pois o uso do branco transcreve algo infinito, indefinido, escondido, misterioso e vazio. Não foi a toa que vendeu milhões, pois seus fãs acreditavam que a arte possuía mensagens ocultas. O disco "*White Album*" é um exemplo de simplicidade e beleza: o uso do branco, até mesmo na coloração do disco, substituindo o preto padrão, destaca um álbum contendo uma arte simples e isenta de cores, porém misteriosa e bela em seu contexto.

Os britânicos da banda de Glam Rock/Hard Rock *The Sweet* em seu álbum *Off the Record* de 1977 demonstram a clara preocupação em produzir uma capa de alto de nível de criação e produção. Os detalhes bem definidos do encarte mostram um ângulo de visão se estivéssemos olhando uma agulha de uma vitrola de baixo para cima, caso tenhamos sidos reduzidos a um tamanho microscópico e colocados em um disco em rotação. A idéia da capa é como em suas músicas: ousadas e cheias de interpretações. A arte visual apresenta um belo trabalho de detalhes e uma visão diferenciada de um disco em rotação.

A capa *Sticky Fingers* nono disco da banda Rolling Stones lançado em 1971 é uma obra de originalidade. Simplesmente por conter na capa uma calça Jeans com um zíper que abre de verdade, sendo que para tirar o disco tem que abrir o zíper. Uma

capa um tanto sensual, em relação ás músicas da banda. A arte desenvolvida pelo designer pop Andy Warhol, traduz um conceito original e inovador para a época: o uso de elementos sobrepostos (zíper) a uma arte. Fez dessa uma das melhores e mais geniais capas da história da música.

A análise dessas capas, tanto as apelativas quanto as contidas de traços artísticos, demonstram uma clareza de distinções dos propósitos, ou seja, as diferenças de um disco para o outro. Há com certeza uma separação do que é belo e o que é apelativo e mal feito. Levando em consideração o tipo de técnica usada em cada uma, assim como o conhecimento artístico, a qualidade da produção, o tratamento das imagens, a elaboração e criação das artes e o propósito da mesma, fica claro afirmar que há um equilíbrio entre a questão “Arte ou Apelo”.

São arte todas as capas contendo algum tipo de traço artístico, seja em referência a algum tipo de obra de arte ou no uso de ferramentas e técnicas artísticas (desenho, grafismo, fotografia, pintura, etc.), e no uso de técnicas que elaboram um conceito e uma originalidade, dotada de valor estético e sentimentos postos em trabalho, concluindo uma criação de propósito artístico.

As capas consideradas de mau gosto, portadoras de uma má produção sem nenhuma concepção artística, assim como o uso de elementos que apelam para uma sensualidade barata e de baixo nível, são destinadas ao consumo direto e ocasional, com intuito lucrativo às gravadoras. Portanto, esses lançamentos são destinados as classes desprovidas de conceitos artísticos e culturais. De acordo com Adorno, essa fatia da população por serem carecidas de uma estabilidade social e econômica, são influenciadas no desejo de consumir algo que faça elas esquecerem seu cotidiano sem se preocupar ou se estressar, aquilo que lhes dêem prazer, mesmo sendo como uma diversão barata:

> *“A distração está ligada ao atual modo de produção, ao racionalizado e mecanizado do processo de trabalho a que as massas estão direta ou indiretamente sujeitas (medo do desemprego, perda de salários, guerra...). Uma experiência permanente concentrada e consciente da arte só é possível para aqueles cujas vidas não colocam um tal stress, não impõem*

> *tanta solicitação, a ponto de, em seu tempo livre, eles só quererem alívio simultaneamente do tédio e do esforço. Toda a esfera da diversão comercial barata reflete esse duplo desejo."*
>
> ADORNO, Theodor W. "Sobre Música Popular". 1986, p. 136.

Em fechamento, a presente análise desta questão conclui que, o uso de elementos apelativos e a baixa produção e o uso de mau gosto como encartes de discos, é destinado ao consumo rápido à massa e a geração de lucros às gravadoras.

O uso de traços artísticos nas capas, tendo em vista a elaboração de artes usando de técnicas de produção e o valor estético, unidos ao puro sentimento pessoal e artístico, é direcionado a um público mais específico e exigente, que aprecia a arte como sabedoria e bom gosto e usa delas para satisfazer seus desejos. Assim como seus artistas que se preocupam na criação das capas e em lançar no mercado não somente um disco de vinil, mas também uma obra de arte consumível.

3.3 – Nostalgia ou Consumismo?

Em seu mais de 50 anos de existência, o disco de vinil saiu de uma esfera elitizada para ocupar lugar nas prateleiras de consumo massificado na década de 60. Desde então, não era somente a classe burguesa da época a privilegiada a consumir o material sonoro, a classe mais baixa a partir de então teria o privilégio do consumo de discos. Graças à popularização do vinil e seus preços mais baixos nas prateleiras, além do conhecimento e aprovação por parte da população referente aos artistas e bandas, sendo muitas vezes cultuados como semideuses e reis de uma geração.

Todo esse trabalho de desenvolvimento artístico-musical fez com que a alta demanda de discos e a super popularização dos artistas, desencadeasse um forte consumo dos LPs das classes A, B e C já na década de 60. Com as estratégias de vendas e o uso da persuasão para atrair mais consumidores, a produção de vinil alavancou um forte consumo do mesmo, enriquecendo o mercado fonográfico e os artistas. Com as vendas significativas, surgiu outro fator que respondesse às causas das super vendagens: o consumo pela arte da capa.

Com a elaboração de artes para capas dos discos, fez surgir a febre pela adoração artística dos grandes encartes, resultando no aparecimento dos adeptos ao vinil. Com o passar dos anos esse verdadeiro culto ao prazer visual das capas foi crescendo, o que resultou nas mais diversas e elaboradas produções de capas por artistas plásticos, pintores, desenhistas, fotógrafos, etc. Mesmo com a sua retirada definitiva do mercado nos anos 90, o vinil se manteve a gosto e preferência por parte de muitos adeptos, colecionadores e como uso de ferramenta de trabalho para DJs.

Atualmente, sendo adquirido por meio de Sebos e lojas especializadas, o consumo pelo vinil ainda é significativo, porém como um nicho especial de mercado. Seus consumidores são os mesmos de outrora: colecionadores, adeptos, vinófilos; e hoje em dia o “neo-consumidor” dos discos de 12 polegadas, aquele que nasceu no final e após o “desaparecimento” do vinil. Em toda essa trajetória, uma pergunta pode ser questionada. O que levou o vinil a se tornar um produto consumido mundialmente e mesmo depois de seu desaparecimento, a procura pelo mesmo é a mesma? Seria nostalgia ou consumismo?

O consumismo é uma atividade humana que passou a ser estudada no século XX a partir da Segunda Revolução Industrial (1850-1970) com o surgimento de novos produtos e a solidificação dos meios de comunicação: TV, Rádio, Cinema e Imprensa.

O disco de vinil, introduzido no mercado massificado, colocou as classes A, B e C frente a esse consumo direto. Por meio da persuasão o disco se tornou objeto de desejo. No entanto é no estudo e estratégia de marketing que tudo isso se revela.

As capas elaboradas pelos ilustradores, já denotam o início da sedução. De acordo com Beatriz Santos Samara e Marco Aurélio Morsch em "*Comportamento do Consumidor*", no processo de percepção, o indivíduo absorve sensações ao entrar em contato com mensagens que escolhe para prestar atenção, entre as tantas exposições a que se submete, e as utiliza para interpretar o mundo ao seu redor. (SAMARA, Beatriz Santos e MORSCH, Marco Aurélio. 2004. p.123)

Os ilustradores ao desenvolver suas criações elaboram artes que ativam os sentidos e as sensações dos consumidores, relacionando uma reação imediata em seus receptores sensoriais: olhos, ouvidos, boca, nariz e mãos. Um estímulo que chama a atenção do indivíduo para o produto. O vinil contém essa característica, de aproximação pela música e pelo aspecto visual.

> *"As embalagens também podem aumentar seu potencial de comunicação ao aproveitar o conhecimento da psicologia das cores e sua influência na sua percepção"*
>
> (SAMARA, Beatriz Santos e MORSCH, Marco Aurélio. 2004. p.123)

O uso das cores nas capas, bem como o seu conhecimento na psicologia, faz o receptor expor seus sentidos em razão das nuances da capa observada. O que leva a uma construção de elementos elaborados em sua mente a conduzir o seu desejo a comprar tal disco. No estudo das cores, três elementos definem a curiosidade de um consumidor em adquirir um produto: Tom, Saturação e Luminosidade. Cada um dos três revela os fatores que levam ao consumismo. O Tom (cor) em variações pode distinguir cada tipo de consumidor, independente de faixa etária, classe social, etnia, sexo, etc. A saturação (intensidade da cor) coloca o

consumidor em seus vários sentidos e reações ao produto: raiva, angústia, repúdio, nojo, alegria, tristeza, amor, prazer, etc. Por fim, a luminosidade junto com os dois, elabora as variadas interpretações e significações pelo produto, determinando a sua compra ou não pelo mesmo. (FARINA, Modesto. 1994. p. 87)

Outro fator que influencia no consumo é a personalidade e o estilo de vida do consumidor. A personalidade, similar à percepção, é um conjunto de características que resulta na mudança de estado psíquico do ser humano referente ao ato decisório da compra. O ato consumista leva a reações em diferentes estados em relação ao ambiente, tempo, estado psíquico, etc. Características como autoconfiança, domínio, sociabilidade, autonomia, defesa, adaptabilidade e agressividade. O que leva o consumidor reagir em determinada circunstância, apresentando um estado psíquico, resultando na resposta em consumir ou não. (SAMARA, Beatriz Santos e MORSCH, Marco Aurélio. 2004. p.131-32)

O estilo de vida do indivíduo que consome, também é decisório no ato consumista. O padrão de vida de um determinado consumidor leva a definir os traços relevantes em sua escolha. Classe social, estabilidade econômica, posição na sociedade, cultura, educação, etc., são fatores que determinam o tipo de consumidor que escolhe determinado produto e usado como principal ponto para definir um público alvo. (SAMARA, Beatriz Santos e MORSCH, Marco Aurélio. 2004. p.139)

O que determina a qualidade de satisfação no ato do consumo e possivelmente a pós-compra são três fatores: satisfação funcional, satisfação emocional e satisfação do benefício de uso. Satisfação funcional, no caso do disco de vinil, está ligada a qualidade do produto versus preço e durabilidade do material. O disco contendo uma produção auditiva de boa qualidade, com preço acessível e durabilidade do mesmo, conclui uma satisfação garantida e sem remorsos. Em relação à satisfação emocional, o vinil como símbolo de status e adoração de uma época demonstra um prestígio ao consumir, tendo em benefício o desejo saciado e uma segurança pela compra feita.

No caso da satisfação do benefício de uso, apesar do disco ser um produto que é isento de praticidade por causa do seu tamanho e o seu todo cuidado de manuseio, a arte da capa é um benefício, pois denota um produto duplo, contendo o disco de vinil e sua capa como se fosse uma pintura, um objeto de decoração,

servindo de apoio ao disco. O vinil que demonstra um processo de pós-compra (compra do produto + Uso/consumo do produto + Avaliação pós-compra = Satisfação ou insatisfação), pode simplesmente levar à satisfação total pelo mesmo e a sua possível pós-compra. Muitas vezes esse processo pode resultar em uma insatisfação, devido ao conjunto de características e suas várias circunstâncias descritas acima, se tornando indesejável e descartável. (SAMARA, Beatriz Santos e MORSCH, Marco Aurélio. 2004. p.205)

Todo esse conjunto de fatores referente ao consumismo e suas várias etapas, apresenta um estudo psicológico e psicográfico do consumidor. No caso do vinil, os consumidores da época são distintos entre classes sociais a estado psíquico no ato da compra. O que determina juntamente que consumidores de discos apelativos e de má produção, que estão ligados ao desejo de "consumo imediato" são de classes mais baixas isenta de cultura e arte, ou mesmo a falta de interesse pelo mesmo. E que as classes privilegiadas com as mesmas, demonstram maior sensibilidade e procura pelo valor estético e a preocupação no ato da compra.

O termo nostalgia, entre outras palavras, designa um estado humano de saudade de um tempo no passado ou uma forma física. No caso o vinil, essa é uma peça chave que redimensiona para um ponto na linha do tempo, qualificando não só como um estado de melancolia e tristeza, mas também a saudade dos bons e velhos tempos em relação ao disco de vinil.

Porém, nem todos concordam com esse argumento, que coloca o vinil em uma posição de estado de pena, em decorrência de seu afastamento para a entrada definitiva do CD nas prateleiras. Para muitos adeptos, colecionadores e produtores musicais essa é uma questão de avanço tecnológico, que fez com que a música fosse compactada e digitalizada, jogada na poeira cósmica da internet, nas palavras do produtor musical Luís Calanca:

> *"Não é nada de saudosismo, até porque ele nunca saiu da minha vida. Lá fora ele nunca deixou de existir. Claro que quando o CD surgiu, ele roubou o espaço do vinil, mas com o tempo as pessoas se desencantaram. Na verdade é o CD que perdeu o glamour! O vinil continua ai, as pessoas que tinham uma relação com ele continuam adorando e gostando e não se*

> *renderam as novas tecnologias, até porque ele mantém aquele encanto; a gente sente prazer de ouvir."* [27]

De acordo com João Augusto, dono da única fábrica de vinil na América latina, a Polysom, um dos convidados à entrevista, essa é uma questão de procura e demanda por um material real:

> *"Não é mais um negócio de nicho, de colecionador como querem dizer, até mesmo pela faixa etária dos consumidores. Tem gente mesmo que gosta de tocar, de sentir o vinil. É uma experiência tríplice, tátil, visual e auditiva: uma experiência tátil, de pegar naquele produto bonito; a experiência visual de obter aquelas capas enormes e a experiência auditiva, que comprovadamente é muito melhor que o som binário das coisas digitais."*

O que se pode dizer é que para muitos é uma questão de nostalgia, e para outros é uma questão de obtenção ao um produto real. A experiência de se obter um produto que denota arte, que satisfaça o gosto do usuário está ligada ao charme que o vinil lhe propõe. Não é a mesma coisa do CD ou do mp3. Os encartes de CD foram compactados, perdendo todo aquele brilho da arte do LP; e o mp3, uma conversão digital compactada para a internet, tão pouco é considerada uma qualidade perfeita, sendo que a mesma contém uma perda de qualidade sonora e isenta de arte gráfica tátil, disponibilizando o mesmo digitalmente no computador. No entanto, não é a mesma coisa de se obter um material real, o que torna o CD e o mp3 um material de fácil acesso, porém um aspecto frio por natureza.

> *"Ele sempre teve um charme! A verdade é que as pessoas se desiludiram um pouco com o CD por causa da banalização. Porque com o advento da internet, você pode copiar o seu CD em casa, então é uma coisa que se adquire fácil, não tem aquele prazer de você adquirir aquela raridade, de pegar na mão aquela coisa única e especial."* [28]

---

[27] Luis Calanca, produtor musical e proprietário da loja de discos Baratos Afins na Galeria do Rock em São Paulo. Em entrevista à rádio virtual Galeria do portal Cultura Brasil em agosto de 2010 - http://www.culturabrasil.com.br/programas/galeria/arquivo-14/o-charme-do-vinil-2

[28] Idem

O dono da loja Baratos Afins, contendo um acervo de mais de 100 mil títulos, também acrescenta de forma informal a respeito do valor real do material: *"O sexo na internet também é de graça, mas não satisfaz ninguém plenamente. Você tem tudo aquilo ali na sua frente, mas não tem a experiência real de pegar e sentir. O vinil tem esse encanto prazeroso",* conclui Calanca.

De acordo com João Augusto da Polysom, os próprios artistas preferem as gravações de seus discos não somente em CD, mas também em vinil: "*Os artistas nos obrigam a lançar! Eles já ameaçam romper o contrato se não lançarmos, eles são realmente todos apaixonados."* E reforça: "*Os artistas são extremamente apoiadores do LP e forçam as gravadoras a gravarem também em vinil. Quem manda na gravadora é o artista, gravadora boa é assim."*

O que se pode notar, é que há um equilíbrio entre as partes. O disco de vinil, por representar um material que remete ao passado da música, apresenta por grande parte dos consumidores um estado nostálgico, que faz o mesmo consumir um produto que tanto lhe pode trazer alegria quanto tristeza, característica da nostalgia, assim como o regresso aos velhos e bons tempos de sua vivência. Da mesma que para outros pode significar uma busca por um material real, em referência à música digital. O consumidor agrega valores ao vinil, por conter um disco que emana o verdadeiro "calor" musical registrado na forma rústica do mesmo, além de exercer uma experiência tátil e visual de adoração pela capa e pela arte, e também preferirem a qualidade auditiva de um disco que, tecnicamente, pode oferecer um som mais real e de qualidade.

O fato da existência, da alta produção e, conseqüentemente, o sumiço do vinil nas prateleiras, não denota que o mesmo tenha saído de cena. Apenas deu lugar a uma mídia momentânea e compacta para o avanço da tecnologia, sendo que esse está para sair de cena em um futuro próximo em conseqüência da chegada da música digital, ou seja, o CD perdeu a preferência por grande parte dos consumidores, que ao utilizar o mp3, o *Compact Disc* foi quase totalmente colocado de lado, perdendo assim sua admiração. O vinil, mesmo estando fora do alto mercado de discos e da preferência da indústria fonográfica, mantém seu status e seu glamour por grande parte dos consumidores que desejam em ter um material

vívido e rico em arte, tanto na produção e elaboração da capa quanto na qualidade da música.

Em relação ao consumo, há uma diversidade de características que levam o consumidor a concluir a comprar tal produto. Seja no estado psicológico, psicográfico ou situação de tempo, ambiente, etc. O que gera possíveis reações ao produto, desde cores da capa à ativação de sentidos referente à percepção do produto enquanto tal, dando vazão à resposta da compra e possivelmente sua pós-compra. Tudo isso leva a satisfação ou insatisfação do consumo do produto.

Portanto, a análise obtida pode-se concluir que, o consumo do vinil contém preferências distintas, mantendo certo equilíbrio no estudo da questão. O seu consumo denota status e desejo por um produto real e artístico-musical, onde grande parte dos adeptos ao vinil adota-o como um símbolo de satisfação pessoal referente ao gosto pela música e pela arte. Mesmo aqueles que consomem discos considerados apelativos e de má produção de capa, por se tratar de consumidores específicos de uma determinada classe dominante, em razão de seu estilo de vida e gosto musical. Em questão nostálgica, o produto disco de vinil, espontaneamente remete ao passado da música, assim como em conseqüência de um determinado momento de sua vida, o que faz com que isso se torne além de tristeza e melancolia, uma alegria, o contentamento e a saudade dos bons e velhos tempos vividos. Deste modo, o consumo do disco de vinil tanto é relacionado em estado emocional e íntimo do consumidor, a nostalgia, quanto pela busca de um produto de qualidade sonora e visual e, também, real aos olhos e as mãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da análise abordada nesse estudo científico, tendo em vista a escolha do tema, a coleta de materiais e a metodologia de pesquisa, bem como, a abordagem do problema, os objetivos, a análise de conteúdo e das questões propostas; concluo o estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso

Com a análise feita a partir do estudo estrutural das capas de discos vinil, tendo como base os levantamentos dos significados da arte, o envolvimento dos movimentos artísticos, a explosão do Rock and Roll na década de 60 e 70; assim como a descrição cronológica sintetizada da indústria fonográfica, da produção de vinil e dos ilustradores. Podemos considerar que:

A arte, em seus vários aspectos, está vinculada a capa do disco de vinil, tal como o artista está conectado à composição de suas músicas. Por meio das relações artísticas na elaboração e criação da capa, podem-se obter as mais belas artes gráficas desenvolvidas para consumo massificado.

Assim, a relação entre arte versus apelo e consumo versus nostalgia, é apresentado um equilíbrio nas respostas das questões analisadas. Portanto, existindo apelo em determinadas capas como forma de consumo direto e intuito lucrativo, apresentando não só uma nostalgia por parte da história do vinil, como também o desejo em consumir um produto que apresenta qualidades específicas, tanto em sua capa quanto no próprio registro musical, é convicto afirmar enfim que, é possível criar arte na embalagem de um produto massificado e tornar o disco de vinil uma obra de arte contemporânea.

O conteúdo apresentado no decorrer da análise científica mostra o quão um produto massificado pode influenciar no desejo consumista e na relação íntima e pessoal de uma pessoa. Se tratando de música, a combinação perfeita se faz pelas capas conectadas às canções do disco. Assim como um comunicador contém eloqüência em suas palavras, a capa do disco tem a capacidade de expressar-se através de suas imagens, concedendo ao indivíduo o consumo e a veneração de uma arte bem elaborada. Disco de vinil, uma experiência tátil, visual e auditiva.

BIBLIOGRAFIA

BERGER, John. **Modos de Ver**, Artemídia ROCCO, Rio de Janeiro, 1999.

CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à Música Popular Brasileira.** Ed. Ática, SP. 1989

CORRÊA, Tupã Gomes. **Rock – Nos Passos da Moda;** Mídia, Consumo X Mercado Cultural, Papirus Editora, Campinas-SP, 1989.

DIAS, Márcia Tosta. **Os Donos da Voz**; Indústria Fonográfica Brasileira e Mundialização da Cultura, Editorial Boitempo, SP, 2000.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação.** Editora Edgard Blücher, São Paulo, 1994

MARCHI, Leonardo De. **A Angústia do Formato: Uma História dos Formatos Fonográficos**; Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005.

MORELLI, Rita C. L. **Indústria Fonográfica**: Um Estudo Antropológico, Editora da Unicamp, Campinas-SP, 1991.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. Ed. Ática, SP. 1995

SAMARA, Beatriz Santos e MORSCH, Marco Aurélio. **Comportamento do Consumidor: Conceitos e Casos.** São Paulo: Prentice Hall, 2004

SILVA, Elizete Mello. **Indústria cultural e música popular brasileira nos anos 70 (século XX).** UNESP, Assis. 2001

SUZIGAN, Geraldo. **O que é música brasileira.** Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990.

Blog Viva O Vinil: http://mtv.uol.com.br/vivaovinil/blog - acessado: 20/11/2009

LPCover Lover: http://lpcoverlover.com/ - acessado: 16/01/2010

Tenho Mais Discos do que Amigos: http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/ - acessado: 02/02/2010

Matérias:

Disco de vinil salva lojas em tempos de pirataria

Link: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u673068.shtml

(31/12/2009 - 08h00)

Fábrica de vinil no Rio quer exportar para MERCOSUL

Link: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u673069.shtml

(31/12/2009 - 08h05)

Na era do MP3, disco de vinil recupera espaço entre os fãs de música.

Link: http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL717249-7085,00-NA+ERA+DO+MP+DISCO+DE+VINIL+RECUPERA+ESPACO+ENTRE+OS+FAS+DE+MUSICA.html

(11/08/08 - 08h00 - Atualizado em 12/08/08 - 10h53)

Polyson volta a produzir discos de vinil ainda este ano

Link: http://portalmegaphone.com.br/press/?p=1645

(27 julho 2009)

Venda de vinil surpreende e cresce 89% nos EUA em 2008

Link: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u488994.shtml

(12/01/2009 - 12h51)

Vinil sobrevive na Alemanha apesar da onipresença do CD

Link: http://musica.uol.com.br/ultnot/2009/03/23/ult89u10439.jhtm

(23/03/2009 - 15h21)

Cultura Brasil - O charme do vinil

http://www.culturabrasil.com.br/programas/galeria/arquivo-14/o-charme-do-vinil-2

(20/08/2010)

Museu das piores capas de discos

http://www.zonicweb.net/badalbmcvrs/index.htm

(17/10/2010)